

**ENTRE-HOMEM  
E CÁVADO**

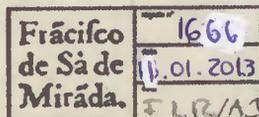
**CALTEJGAS**



Fundo local  
82-1  
908.469.112.1171

# ENTRE-HOMEM E CÁVADO

(territorialmente considerado)



908.469.112.511

Amaral

# ENTRE-HOMEN E CÀVADO

(observaçoes staminalis)

1882	1882	1882	1882
1883	1883	1883	1883
1884	1884	1884	1884
1885	1885	1885	1885
1886	1886	1886	1886
1887	1887	1887	1887
1888	1888	1888	1888
1889	1889	1889	1889
1890	1890	1890	1890
1891	1891	1891	1891
1892	1892	1892	1892
1893	1893	1893	1893
1894	1894	1894	1894
1895	1895	1895	1895
1896	1896	1896	1896
1897	1897	1897	1897
1898	1898	1898	1898
1899	1899	1899	1899
1900	1900	1900	1900

*Carta de apresentação*

...

Na capa, ao centro, os símbolos heráldicos da terra, frutos do trabalho constante de sucessivas gerações laboriosas e felizes.

...

...

...

...



**C**ANTIGAS. Sob este título, ao mesmo tempo modesto e espi-  
rituoso, pretende-se apresentar um trabalho sério e de algum  
proveito.

Os Cancioneiros medievais, repletos de centenas de poesias de  
vários autores, só há relativamente pouco tempo começaram a ser  
estudados, primeiro por mestres e depois por alunos, mas estão longe  
de ter a cobertura crítica que merecem. A este respeito, desde já se  
previne que as poesias medievais, dos autores que vão mencionados,  
não são sujeitas a qualquer tipo de análise de natureza didáctica, por-  
que não é esse o fim; apenas o de situá-los na sua panorâmica histórica,  
com as ligações que os unem entre si e o torrão natal que lhes serviu de  
berço, de modo que as gerações presentes e futuras os reconheçam e  
dignifiquem.

Só à medida que de norte para sul se tornou firme a posse da terra  
pela reconquista cristã, é que elementos da primeira nobreza começaram  
a identificar-se pelo nome da terra em que estabeleceram o seu assento  
e solar. São muitíssimos os casos que podem contar-se no contexto dos  
antigos Nobiliários; e ainda hoje a razão de muitos apelidos de família  
tem aí a sua explicação, como a têm alcunhas de família que se conser-  
vam através de gerações.

Vai dividir-se em duas partes: na primeira, trovadores medie-  
vais assim identificados; na segunda, trovadores populares cujo nome  
se escondeu no anonimato, uma vez que seus versos entraram no domí-  
nio da tradição oral, para chegarem com alguma dificuldade a este  
momento em que vão ser impressos em letra de forma.

Quanto ao tempo que os separa, facilmente pode avaliar-se pela  
complexidade do arranjo linguístico do português arcaico em que os  
primeiros cantores conseguiram revelar seus sentimentos e expressões  
de amor e os segundos o fizeram com a desenvoltura que o português  
moderno lhes proporcionou. Destina-se este livro ao povo comum, por-  
que é dele e para ele, para que verifique que a língua pátria sofreu no  
tempo alterações profundas.

Dá-se um breve esclarecimento de que a palavra Senhor, muito  
frequente nas canções medievais, é comum aos dois géneros e pode

entender-se geralmente como Senhora. Sobre o emprego de algumas siglas, CA significa Cancioneiro da Ajuda; CB Cancioneiro Brancuti; CV Cancioneiro da Vaticana; CBN Cancioneiro da Biblioteca Nacional, que é o CB adquirido pelo Governo Português em 26 de Fevereiro de 1926.

A quem pretender entrar num estudo analítico da poesia medieval, sob o ponto de vista de comentário, variantes e gramatical, recomendam-se mestres autorizados como:

D. Carolina Michaelis de Vasconcelos, Cancioneiro da Ajuda; José Joaquim Nunes, Cantigas d'amor dos Trovadores Galego - Portugueses e Cantigas d'amigo, etc.; Manuel Rodrigues Lapa, Cantigas d'escarnho e de maldizer dos Cancioneiros medievais galego - portugueses.

Não era preciso lembrar que foi a vizinhança com a Galiza, cujos destinos políticos andaram muito tempo ligados aos de Entre - Minho e Douro, que permitiram este intercâmbio poético - literário.

No que respeita às cantigas populares, foi o cônego Arlindo, ao tempo em que presidia à Junta Distrital, quem me falou na necessidade de as recolher. Tratei logo de aproveitar sucessivas férias para percorrer de novo todas as aldeias, batendo de porta em porta a perguntar quem sabia cantigas. Isto me valeu ficar apontado por algum tempo como o «homem das cantigas».

Começaram a ser divulgadas através do semanário regional Tribuna Livre, até que suspendeu a sua publicação e tudo ficou por aí. Decorreu tempo em que amigos e colegas, a quem dava a ler e apreciar os manuscritos, me aconselharam insistentemente a promover a sua publicação.

Decidi-me então a solicitar da Ex-ma Câmara o indispensável auxílio e felizmente fui atendido.

Bem haja.

Amares, 30 de Novembro de 1980.

Domingos Maria da Silva

## PRIMEIRA PARTE

O abandono do ensino da história é causador de imprevisíveis e irreparáveis danos ao verdadeiro conhecimento da identidade da Nação.

Quando dantes se lia a eito, desde o princípio, a história pátria e se fixava a série de batalhas que lhe alicerçaram os fundamentos, até parecia que por estas terras, donde ela começou a escrever-se, não ficara lugar nem tempo para folgar, poetar, cantar e amar. Pois não era assim. Sempre se tratou o sentimento do amor como tema eterno e permanente de quase toda a poesia. Ela sempre andou aliada com as guerras e revoluções desde o simples hino de exaltação guerreira aos poemas consagrados pelas grandes vitórias. Sob o arnês dos combates, armaduras de aço polido reluzente ao sol das batalhas, pulsavam fortemente corações amorosos.

Entre a formosa e delicada castelã que curtia saudades sob os pesados silhares das torres e solares rendilhados de ameias, ou a moça louçã virada para as tarefas da vida campesina e os cavaleiros presentes ou ausentes pela circunstância do chamamento às armas, trocavam-se declarações de amor que sempre foram próprias dos namorados. Tecer, em sentidos versos de louvor e galanteio, elogios às donas e donzelas, exaltando-lhes as virtudes e formosura em que eram tidas aos olhos de seus admiradores, em *cantigas de amor*; ou adivinhar-lhes o comportamento, os sentimentos e os anseios em atitudes de correspondência, indiferença ou recusa a requestos em *cantigas de amigo*, tudo foi obra dos trovadores.

A arte de trovar era um sinal de elegância cavalheiresca e ao mesmo tempo o cumprimento de uma missão civilizadora. Tudo obedecia a preconceitos de um amor cortês, amor - adoração, que fazia transparecer os dotes e virtudes da mulher amada, a sublimavam e distanciavam, quando não redundava no amor sensual e brejeiro das «alcovas de antanho»<sup>1</sup>.

*ca de quantas donas eu vi,  
tan boa dona nunca vi,*

---

<sup>1</sup> Cf. Remédios (Mendes dos), *História da Lit. Port.*, 5.<sup>a</sup> ed. 1921, p. 24; Theófilo Braga, *Hist. da Lit. Port.*: «as damas também uma ou outra vez guanchavam».

O coração e os olhos eram os culpados do *ver-te e amar-te*, do fenómeno do amor que penetra as almas.

D. Maria Pais de Ribeira, a Ribeirinha, como é mais conhecida na história, a «branca e vermelha», a «ruiva», a «branca e rosada», em cujas veias circulava o sangue ardente de Ordonhos e Osórios de Cabreira e Ribeira, foi, segundo consta, a primeira a despertar à sua volta o fogo de muitas paixões, a atrair sobre si as graças do «Leão», conquistador de Silves, do famigerado rei D. Sancho I que a tomou por favorita até ao fim da sua vida depois de lhe fazer vibrar também a veia trovadoresca. Paio Soares de Taveiros retrata-a na célebre cantiga da *garvaia*, vestindo de fino tecido escarlate em que a viu:

*No mundo non me sei parelha  
mentre me for como me vay  
ca já moiro por vos — e ai  
mia senhor branca e vermelha.*

Nesta dona, «que fora na mocidade, radiante de beleza, uma quase rainha, que ateara paixões, que desencadeara tempestades sentimentais, que foi mãe de poetas e que fica na história como a musa inspiradora da mais remota lírica portuguesa»<sup>2</sup>, situam-se as primeiras manifestações da poesia trovadoresca.

Entre fins do século XII e meados do XIV, durante pouco mais de século e meio, foi crescente o entusiasmo pelo culto desta poesia. À medida que em paralelismo com a história política se dilatavam e consolidavam as fronteiras da nação em guerras contra a mourama e pela libertação das peias e dificuldades impostas pelos reinos vizinhos de Leão e Castela, praticavam-se belos ensaios que haviam de contribuir para o florescimento das letras nacionais.

Deve-se este aproveitamento linguístico ao romance galego-português trazido da Provença, região do sul da França em que teve a sua origem, e pelos caminhos de peregrinação a Sant'Iago de Compostela ou a S. Martinho de Tours, bem assim a outros Santuários. Ainda hoje se fazem interrogações à história, por que é que sendo tão idênticos os costumes, tradições e linguagem entre a Galiza e a incipiente nação portuguesa que se divisava, ela a Galiza não encabeçou este território à beiramar plantado, como aconteceu depois com o reino do Algarve. Que personagens e acontecimentos impediram que se realizasse a adesão do território situado para além

---

<sup>2</sup> Cf. Rebelo da Silva (Luís Augusto), *Odio velho não cansa*.

do Minho e da raia seca? Consta que o bispo compostelano, Gelmires (1102), habituado a ser recebido por toda a parte com manifestações festivas, dansas, cantares e folguedos, passou depois a abusar da sua influência e habilidades políticas a favor da hegemonia da sua sé contra a de Braga e contribuir para a quebra dos últimos laços de unidade.

Houve de parte a parte um largo período de espaço e tempo, com uma linguagem comum para reflexão e concertação, mas não frutificou, até que a poesia trovadoresca entrou no ocaso do seu brilho anterior, pelo desaparecimento do rei-trovador, D. Dinis; e a língua pátria, orientando-se para outros horizontes, seguiu o seu curso de normal desenvolvimento até ao presente.

É de justiça e obrigação recordar, aqui e agora, as figuras e o trabalho daqueles que, deixando o seu nome vinculado a lugares desta terra, por serem do seu nascimento e naturalidade, como de origem de seus títulos de nobreza, ao mesmo tempo que firmaram, a golpes de lança em campos de batalha, os alicerces da pátria, ainda se deram tréguas e bom gosto para cultivar a poesia e encaminhar nos primeiros e seguros passos as letras nacionais.

### O trovador de Vasconcelos

Ao tratar-se dos *Vasconcelos*, a p. 52 do 1.º volume de *Entre-Homem e Cávado*, apenas se informou que um dos membros desta nobilíssima família — *Rodrigo Anes de Vasconcelos* ficou conhecido pelo trovador e fundou o solar de Assamaça<sup>3</sup>, sem perder, pelo apelido de Vasconcelos, a sua vinculação a este nobre solar. Através dos Cancioneiros conhecem-se, da sua autoria, 3 cantares de amor e outros 3 de amigo. Diz Carolina Michaelis que este poeta-trovador pertence ao grupo de portugueses que se abstiveram da ingloria moda das trovas de maldizer e que é contado entre os trovadores alfonosinos<sup>4</sup>. Ele bem sabia da grande indignação de seu pai por causa de uma dessas cantigas.

### De amor

CA427 Senhor de mi e do meu coração,  
CB312 dizedes que non avedes poder  
per nulha guisa de mi ben fazer.  
Poi-lo dizedes, non digu'eu de non.

<sup>3</sup> «Erdade das Mazas», em Caires, *Inquisitiones*, p. 426.

<sup>4</sup> Cf. M. de Vasconcelos (D. Carolina), *Cancioneiro da Ajuda*, p. 557-8.

Mais, mia Senhor, dizede-mi ùa ren:  
como mi vos podedes fazer mal,  
? non mi podedes assi fazer ben?

E mia senhor, meu gran poder vos deu  
Deus sobre min. E dizedes, senhor,  
que me non podedes fazer amor!  
Poi-lo dizedes, creio vo'lo eu.

Mais, mia senhor, dizede-mi ùa ren:  
como mi vos podedes fazer mal,  
?non mi podedes assi fazer bem?

E mia senhor, já vos sempre diran,  
Se eu morrer, que culpa avedes i.  
E vos dizedes que non est assi.  
Poi-lo dizedes, assi éé de pran.

Mais, mia senhor, dizede-mi ùa ren:  
como mi vos podedes fazer mal,  
?non mi podedes assi fazer ben?

E mia senhor, nunca eu direi ren  
de contra vos, se non perder o sen.  
Ca mia Senhor, quen om en poder ten  
e lhi faz mal, pode-lhi fazer ben.

CA428      Aquestas coitas que de sofrer ei,  
CB313      meu amigo, muitas e graves son;  
            e vos mui graves — á i gran sazón —  
            coitas sofrede; e por en non sei,  
                    d'eu por vassalo e vos por senhor,  
                    de nos qual sofre mais coita d'amor!

Coitas sofremos, e assi nos aven:  
eu por vos, amigo, e vos por mi!  
E sabe Deus de nos que est assi;  
e d'estas coitas non sei eu muit'en  
            d'eu por vassalo, e vos por senhor,  
            de nos qual sofre mais coita d'amor!

Guisado t'ên de nunca perder  
coita meus olhos e meu coração.  
E estas coitas, senhor, minhas son;  
e d'este feito non poss, entender,  
d'eu por vassalo, e vos por senhor,  
de nos qual sofre mais coita d'amor!

CA429    Preguntei ua don[a] eu como vus direi:  
CB314    «Senhor, ?filhastes orden? e ja por en chorei!»  
Ela enton me disse: «Eu non vos negarei  
de com'eu filhei orden; assi Deus me perdon!  
Fez mi-a filhar mia madre! mais ?o que lhi farei?»  
Trazer-lhe-ei os panos, mais non o coração.

Dix'eu: 'Senhor fremosa, morrerei con pesar,  
pois vos filhastes orden e vus an deguardar».  
Ela enton me disse: «Quero-vus en mostrar  
Como serei guardada; ¡Se non, venha-me mal  
esto por que chorades! ben devedes cuidar:  
Trazer-lhe-ei [os] panos, mais no coração al]».

E dix'eu: «Senhor minha, tan gran pesar ei én,  
porque filhastes orden, que morrerei por én».  
Et diss'end'ela logo: «Assi me venha ben,  
Como serei guardada! dizer vo-lo quer eu:  
Se eu trazer'os panos, non dedes por én ren,  
Ca guerr'ei contra J'ésus eno coração meu».

### De amigo

CV327    O voss' amigo' amiga, foi sazón  
CB726    que desejava no seu coração  
outra molher, mais en' vossa prison  
está quite por vós d[e] outra ren  
e, pois al non deseja se vos non,  
ben seria de lhi fazerdes ben.

El outra dona soía querer  
gran ben, amiga, e, foi-vos veer  
e ora ja non pod'aver prazer,  
de si, nen d'al, se lhi por vos non ven,  
e, pois assi é no vosso poder,  
ben seria de lhi fazerdes ben.

El outra dona avia per senhor  
e ora Deus, por lhi fazer maior  
coita sofrer, ja mentre vivo fôr  
mostrou-lhi vós, por que el perd'o sen,  
e, poi-lo assi força voss amor,  
ben seria de lhi fazerdes ben.

CV328     Se eu, amiga, quero fazer ben  
CB727     a meu amigo, que ben non quer al  
se non a mi, dizem-[mi] que é mal  
mias amigas e que faço mal sen,  
mais non as creo, ca sei ùa ren:  
pois meu amigo morre por morrer  
por mi, meu ben é de lhi fazer ben.

Elas non sabem qual sabor eu ei  
de lhi fazer ben no meu coração  
e posso-lho fazer mui con razon,  
mais dizem logo que mal sen farei  
mias amigas, mais ùa cousa sei:  
pois meu amigo morre por morrer  
por mi, meu ben é de lhi ben fazer.

Eu lhi farei ben e elas verran  
preguntar-m'ante vós por que o fiz,  
e direi eu qual est'a que o diz  
e, pois moir [o] en, outorgar-mi-o an,  
ca lhis direi: mias amigas, de pran,  
pois meu amigo morre por morrer  
por mi, meu ben é de lhi fazer ben.

E ante lhi quer'algum ben fazer  
ca o leixar, com o morre, morrer;  
por lhi fazer ben ou polo veer,  
non lhi quer'eu leixar morte prender.

CV329 O meu amigo non á de mi al  
CB728 se non gran coita, que lhi nunca fal,  
e, amiga, o coração lhi sal  
por me veer, e dized'ua ren,  
pois m'el ben quer, e[n] que lh'eu faça mal,  
que faria, se lh'eu fizesse ben?

Des que naci, nunca lhi fiz prazer  
e o mais mal que lh'eu pude fazer  
lhi fiz, amiga, e quero saber  
de vós, pois este mal faç'e por mi quer morrer,  
que faria, se lh'eu fizesse ben?

El é quite por mi doutra senhor  
e faça-lh'eu cada dia peor,  
peço, amiga, a min quer melhor  
ca a si meu al, e, pois lh'assi aven,  
que lh'eu mal faç'e m'el á tal amor,  
que faria, se lh'eu fizesse ben?

Os Nobiliários tiram a linhagem dos *Vasconcelos* do rei D. Fruela II de Leão e das Astúrias, por seu filho o infante D. Ordonho a quem seu primo Ramiro II mandou tirar os olhos para evitar a sua concorrência ao trono.

D. *Ordonho Ordonhes*, filho do infante «Cego», teria sido o primeiro conde de Cabreira e Ribeira, no tempo de Fernando Magno (1064), que as terras do que depois foi o Condado Portucalese andaram na administração de uma verdadeira dinastia regional de condes <sup>5</sup>.

D. *Garcia Ordonhes*

D. *Osório Garcia*

D. *Moninho Osores*, conde de Cabreira e Ribeira, rico-homem do tempo de D. Afonso VI de Leão, casou c. D. Maria Nunes, filha de D. Nuno Soares, padroeiro do mosteiro de Grijó. Vivía ainda ao tempo de D. Afonso H. e confirmou uma doação feita ao mosteiro de Fonte-Arcada em 1132.

Foi seu filho:

D. *Paio Monis*, rico-homem de D. Afonso H., casou com D. Urraca Nunes de Bragança ...

Foram seus filhos:

---

<sup>5</sup> Cf. Merêa (Manuel Paulo), *Administração da Terra Portucalese no reinado de Fernando Magno*, separata *Portucale*, nota XIII, p. 41-5, Porto 1940.

*D. Maria Pais de Ribeira*, a Ribeirinha, padroeira no mosteiro de Bouro, a favorita de D. Sancho I; e *D. Martim Pais de Ribeira*, casado com D. Maria Pais de Valadares, os quais tiveram: *D. Gil Martins*, morto por D. Aires de Freitas no mosteiro de Fonte-Arcada.

*D. Martim Monis*, comandou a ala direita na batalha de Ourique. Encontrou-se na tomada de Lisboa, em que morreu heroicamente e foi sepultado na igreja de S. Jorge. O conde D. Pedro diz ter casado com D. Teresa Afonso, filha bastarda de D. Afonso H., já viúva.

*D. Maria Monis*, donde vêm os Machados de Castro de Carrazedo.

*D. Pedro Martins da Torre*, de Vasconcelos, solar que passou a ser dos deste apelido. Casou com D. Teresa Soares da Silva, filha de D. Soeiro Peres da Silva, irmã de D. Estêvão Soares da Silva, arcebispo de Braga (1212-1228).

*D. João Pires de Vasconcelos*, senhor da Torre e solar do mesmo nome. Participou na campanha do Algarve ainda no tempo de D. Sancho II. Achou-se no cerco e conquista de Sevilha em 1248 e na guerra de Granada sob a bandeira de Fernando III de Castela e de seu filho infante D. Afonso. Casou com a condessa D. Maria Soares Coelho, descendente de Egas Monis. Tiveram:

*D. Rodrigo Anes de Vasconcelos*, o trovador e rico-homem nos reinados de D. Afonso III e D. Dinis. Casou com D. Mécia Rodrigues de Penela. Fundou o solar de Assamaça que numa carta topográfica das terras de Entre-Homem e Cávado, que constituíram o antigo senhorio dos Machados de Castro, vem assinalado como «Segunda casa dos Ribeiros»<sup>6</sup>.

*D. Estêvão Anes de Vasconcelos*, bispo de Lisboa (1282-1290). Pelo nome, que se repete na família, pode entender-se que teve por padrinho no baptismo seu tio-avô D. Estêvão Soares da Silva.

*D. Teresa Anes de Vasconcelos*, casou com D. João Fernandes — o Franco, da torre e solar d'Ornelas, assentó dos deste apelido. Por sua vez, estes foram os pais de:

*D. Pero d'Ornelas*, igualmente trovador como seu tio Rodrigo. Casou com D. Estefânia Aires de Freitas, irmã do leal alcaide de de Coimbra, sobrinha de Aires de Freitas, morto em Fonte Arcada<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> Importa informar que no cartório de Castro existe abundante documentação relativa ao antigo senhorio de Entre-Homem e Cávado.

<sup>7</sup> *Nobiliário do Conde D. Pedro*, título de Freitas. Outros dizem seria antes sobrinha do Leal alcaide, segunda sobrinha de Aires de Freitas, neta de Estêvão Anes que desafiou João Pires de Vasconcelos.

*D. Mem Rodrigues de Vasconcelos*, filho do Rodrigo Anes e de sua mulher, construiu a torre de Penagate, por mandado do rei D. Dinis, para nela se defender com a família, no caso de ser atacado pelo futuro D. Afonso IV, por ter sido o mais fiel vassalo do rei seu pai nas desinteligências por causa do irmão natural D. Afonso Sanches. Casou com D. Maria Martins Zote (1.<sup>a</sup> vez).

*D. Gonçalo Mendes de Vasconcelos* interveio nos acontecimentos gerados pela insubordinação do príncipe D. Pedro contra seu pai por causa da morte de Inês de Castro. Casou com D. Maria Afonso Teles de Menezes (1.<sup>a</sup> vez). Foram seus filhos:

*D. Mem Rodrigues de Vasconcelos*

*D. Rui Mendes de Vasconcelos*

*D. João Mendes de Vasconcelos*

Foram estes três irmãos os organizadores da famosa «ala dos namorados» que o primeiro comandou na batalha de Aljubarrota:

*Outro também famoso cavaleiro,*

*Que a ala direita tem dos Lusitanos,*

*Apto para mandá-los e regê-los,*

*Mem Rodrigues se diz de Vasconcelos*

Lusíadas, C. IV, 24

e também:

(...)

*Vasconcelos de Gasconha*<sup>8</sup>

*que nunca passou vergonha*

*em esforço e valentia*

*no tempo que florescia*

*nem agora há quem lha ponha.*

João R. de Sá, *C. Geral*

A quem quiser saber mais dos pergaminhos desta geração de bravos ricos-homens e cavaleiros, que sempre estiveram presentes nos momentos mais críticos, recomenda-se o *Sumário de La Família Ilustríssima de Vasconcelos* por el Doctor Juan Salgado de Araújo, bem assim o *Comentário ao poema de Luís de Camões, por Manuel de Faria e Sousa*.

Destacaram-se os nomes de *D. João Pires de Vasconcelos*, *D. Rodrigo Anes de Vasconcelos* e *D. Pero d'Ornelas*, porque, se o filho e o neto foram trovadores, o pai foi notavelmente causti-

---

<sup>8</sup> Do norte da península.

cado por outra forma de poesia trovadoresca. Com efeito, a par da poesia lírica ou amorosa, a que se fez referência, desenvolveu-se um outro género, humorístico e satírico, muito à maneira nacional, representado pelas *cantigas de escárneo e maldizer*, de espírito chocarreiro, próprio desta mesma época de bobos e menestreis. A cavalaria movimentava-se em ambiente picaresco e chistoso, mimoseando-se reciprocamente de apodos e alcunhas de que os Livros das Linhagens dão mais larga dimensão. Ridicularizava-se e zombava-se dos defeitos e das pessoas ao gosto de todas as conveniências.

**João Pires de Vasconcelos não aceita desafio  
para um duelo e vai combater sob a  
bandeira do rei de Castela**

A propósito deste quadro de costumes medievais vem uma substanciosa notícia do Nobiliário do Conde D. Pedro:

E dona Maria Soarez filha terceira de Soeiro Veegas e de dona Moor Meemdez foi casada com Joham Pirez de Vaascomçellos, por Sobrenome Joham Temrreyro, o quall avia seu omizio com Ayras Eanes de Freytas por morte de Gill Martiins, filho de dom Martim Pirez Ribeiro que o dito Ayras Eanes matára, e seu segundo coirmão do dito Joham Temrreiro, o quall Joham Temrreiro matou este Ayras Eanes en o moesteiro de Fonte Arcada, e trouxe consigo a ssa morte Pedre Anes Peral Velho, que era seu primo coirmão, dizemdolhe que avia desafiado por el este Ayras Eanes e el aviao desafiado por ssi mais quamto he Pedre Anes Alvelo nom. E passou assi perante elrrey dom Sancho Capello, e veeromno a emprazar perante elrrey dom Samcho de Portugall dom Estevam Anes de Freytas irmão d'Ayras Eanes, e Ruy Fafez, e Vaasco Lourenço, e Martim Louremço de Cuyinha; e Pedre Anes Alvelo veo ao rreto e disse que nom negava que nom fora em sa morte mais que lhe dissera Joham Pirez de Vasconçellos seu primo que o avia desafiado por elle e se lho negasse que lhe meteria as mãos sobrello. I emtom mandou elrrey dom Samcho emprazar o dito Joham Pirez de Vaascomçellos que vesse a rresponder ao feito ao rreto, e Joham Pirez nom veo ao primeyro prazo; er mandou emprazar outra vez e nom veo; er mandou emprazar as outras segumdo manda o direito e custume dos rreys e el nom recudio a nonhuum dos prazos guardamdo elrrey todos muy bem e compridamente assy como devia a fazer ...

Em resumo: Aires Eanes de Freitas desafiou e matou Gil Martins no mosteiro de Fonte Arcada. João Pires de Vasconcelos

desafiou e matou Aires Eanes de Freitas por este ter morto seu primo Gil Martins. Estêvão Anes de Freitas desafiou, na presença do rei D. Sancho II, João Pires de Vasconcelos por este ter morto seu irmão Aires Eanes de Freitas. Mas João Pires de Vasconcelos, apesar de mais que uma e duas vezes ser mandado citar pelo rei, nunca compareceu ao feito do repto. Os protagonistas deste quadro medieval faziam-se acompanhar das respectivas testemunhas.

Os graves acontecimentos, que conduziram à deposição de D. Sancho II (1246), também tiveram suas fortes incidências nestas terras de Entre-Homem e Cávado. Eles desenharam-se de longe, desde princípios do curto reinado de seu pai D. Afonso II, pela sua conhecida reacção contra os importantes legados constantes do testamento de seu pai D. Sancho I, especialmente a favor de D. Maria Pais de Ribeira e dos filhos que dela tivera. O arcebispo de Braga, D. Estêvão Soares da Silva, tinha ficado por primeiro garante do cumprimento das disposições testamentárias de D. Sancho I e viu com desgosto o comportamento do filho para com os irmãos e irmãs. As desinteligências passaram a conflito aberto por causa da violação das imunidades do clero, estabelecidas nas Cortes de Coimbra. Estes desentendimentos avolumaram-se e formaram-se partidos que giraram à volta de interesses de famílias preponderantes.

Entre os cavaleiros que andavam na roda de Estêvão Anes de Freitas contavam-se os Cunhas que perpetravam «todo o genero de violências»<sup>9</sup>. João Pires de Vasconcelos sabia muito bem o que o podia esperar de adversários de tão poucos escrúpulos, ainda mais acobertados pela indulgência do rei para com eles que, depois da solene cerimónia do julgamento e condenação à revelia realizado perto de Alter do Chão, em Cabeço de Vide, foram beijar a mão a D. Sancho II.

João Pires de Vasconcelos considerou que já eram desafios de morte a mais, mas não evitou que seus adversários, adeptos deste género de violências que constituíam como que o desporto do tempo, o alcunhassem de «tenreiro», que significaria «novo» — «inexperiente» — para tais refregas. Saiu de Portugal e foi dar-se a emprego mais condigno, alistando-se, como muitos outros cavaleiros portugueses, sob a bandeira de Fernando III de Castela na guerra que trazia contra os mouros. Em 1248 tomou parte no cerco e conquista de Sevilha.

---

<sup>9</sup> Herculano (Alexandre), *História de Portugal*, 8.ª ed., tomo IV, p. 368, nota 21.

## O testamento de D. Sancho I, origem de conflitos entre os nobres

Martim Sanches, filho de D. Sancho I e de D. Maria Aires de Fornelos, amigo pessoal do arcebispo D. Estêvão, por não se julgar seguro na pátria pediu asilo a Afonso IX de Castela e fez o reinado amargo a D. Afonso II, seu irmão natural. Numa renhida batalha perto do mosteiro da Várzea destroçou as forças que lhe eram leais e eram tão pesados os seus golpes que consta ter feito saltar a espada da mão e ir pelos ares a seu padastro Gil Vasques de Soverosa, aprisionando-o e libertando-o acto contínuo, com o conselho de que não voltasse a meter-se em tais apertos.

Noutra batalha, entre bandos partidários, que se travou à vista da cidade do Porto (Gaia), e já próximo à data da deposição de D. Sancho II, bateu-se por ele como chefe Martim Gil de Soverosa, filho do referido Gil Vasques, o qual ficou vencedor; do lado contrário Rodrigo Sanches, filho de D. Sancho I e da Ribeirinha, com Abril Peres de Lumiares, os quais foram desbaratados e mortos.

O norte do reino estava em grande parte por D. Sancho II, quando os partidários do conde de Bolonha, seu irmão, sofreram esta derrota de Gaia, oportunidade para tomar, algumas praças suspeitas como a de Lanhoso, abrangida pelo território entre Lima e Douro em que governava Rodrigo Sanches. Foi ao que veio a Fonte Arcada, do seu couto e solar de Freitas junto a Guimarães, o irmão do fiel alcaide de Coimbra.

D. Martim Pais de Ribeira era irmão da Ribeirinha, contemplada no testamento de D. Sancho I com a posse de Vila do Conde, Parada (de Bouro), Pousadela e Pereira, além do que lhe coubera por herança de seus antepassados; oito mil maravedis para cada um dos filhos D. Gil e D. Rodrigo Sanches; sete mil para cada uma das filhas D. Teresa e D. Constança Sanches. Já se vê que D. Martim, que na «viuvês» amparava a irmã<sup>10</sup>, também neste ponto lhe zelava os interesses e os dos sobrinhos.

Mas João Pires de Vasconcelos reincidiu e então lá esteve a veia poética humorística das *cantigas de maldizer*, a qual, atizada por um partidarismo feroz, o espreitara atenta e vigilante, na pátria ou fora dela, não lhe perdoando, como não poupava reis nem príncipes, prelados ou ricos-homens. O mesmo arcebispo de Braga,

---

<sup>10</sup> Cf. Rebelo da Silva, (Luís Augusto), *op. cit.*: Depois da morte de D. Sancho I, e do célebre rapto de Avelans, a Ribeirinha casou com o Baticela, senhor de Limia e tiveram geração.

D. Estêvão, ficou conhecido pelo *Escacha* por ser descendente de um ramo dos Silvas assim alcunhados por terem as pernas arqueadas. E até se inventou um termo latino para traduzir o seu apelido de *Escacha* (*Sclala*) <sup>11</sup>.

### Um trovador de *Besteiros* atinge em cheio João Pires de Vasconcelos

Foi o caso de uma das *cantigas de maldizer* no que elas tomam por tema — a deposição de D. Sancho II e a entrega de castelos ao Conde de Bolonha, seu irmão e futuro D. Afonso III. Uma delas, e de que foi autor *D. Afonso Mendes de Besteiros*, atingiu em cheio a pessoa de João Pires de Vasconcelos.

Na opinião dos críticos, a partir de D. Carolina Michaelis é a mais curiosa, onde o *de Besteiros* «escarnece jovialmente, com admirável agilidade e realismo consolador, que lembra o do Sábio (D. Afonso X de Castela), da cobardia e leviandade de um rico-homem ou infância portuguesa <sup>13</sup>. Prefere-se dar esta cantiga em versos longos, de 14 sílabas, salvo o 2.º de cada estrofe com 15 e o refrão com 10 sílabas. Note-se que este trabalho não foi elaborado com fins didácticos ou escolares. Para esse efeito recomendam-se autores consagrados <sup>12</sup>.

CB431            Don Foão, que eu sei que à preço de livão  
CBN1558        vedes que fez ena querra — daquesto soo certão:  
sol que viu os genetes, come boi que fer tavão,  
Sacudiu-se [e] revolveu-se, al-  
çou rab'e foi sa via a Portugal.

Don Foão, que eu sei que à preço de ligeiro,  
vedes que fez ena guerra — daquesto son verdadeiro:  
sol que viu os genetes, come bezero tenreiro,  
sacudiu-se [e] revolveu-se, al-  
çou rab'e foi sa via a Portugal.

<sup>11</sup> Ferreira (Mons. J. A.), *Fastos ... Electo in Bracara Magistro Sclala*.

<sup>12</sup> Cf. M. de Vasconcelos (D. Carolina), *op. cit.*, II, p. 560.

<sup>13</sup> Cf. Nunes (J. J.), *Cantigas d'amor dos Trovadores Galego-Portuguêses e Cantigas d'amigo dos ...*; Lapa (Manuel Rodrigues), *Cantigas d'escarnho e de maldizer dos Cancioneiros medievais Galego-Port.*; Machado (Elza Pacheco e José Pedro), *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, Revista Portugal, Co. G. 6492 v.

Don Foão, que eu sei que à prez de liveldade,  
vedes que fez ena guerra — sabede-o por verdade:  
sol que viu os genetes, come can que sal de grade,  
sacudiu-se [e] revolveu-se, al-  
çou rab'e foi sa via a Portugal.

*D. Afonso Mendes de Besteiros* relaciona assim o «Temrreyro» do Nobiliário com o «bezerro tenreiro» das Cantigas.

E, continua a mesma ilustríssima escritora: «Ei-lo, portanto, concorrendo com D. Pedro Gomes Barroso, Gil Peres Conde e o próprio Afonso X de Castela, na ocasião de este apontar como alvo para sátiras na sua corte alguns vassalos e homens de armas cuja bravura desfalecera em frente do novo e estranho aspecto dos ginetes tosquiados de Abu-Iucuf e seus alfarazes corredores, assim como outros degenerados, cujo vil interesse os conservava afastados dos campos de batalha nas guerras de 1261-1265 contra vassalos mouros insurretos. Parece mesmo que D. Afonso Mendes de Besteiros assistiu aos factos, cuja autenticidade afiança com tanta insistência. Julgo que se havia encostado (a D. Afonso X) defensor do destronado rei de Portugal, indo com ele ao assédio de Sevilha e às expedições posteriores contra os Sarracenos do Algarve e da Andaluzia».

J. J. Nunes e M. R. Lapa emitem as mesmas opiniões, influenciados pela eminente escritora, possivelmente carregando ainda mais nas tintas: «Numa (cantiga) delas chasqueia de certo alcaide que entregou o castelo sob falso pretexto de que não tinha já mantimentos para se defender, o que decerto se refere a algum dos que abandonaram o destronado D. Sancho II. Noutra mete a ridículo um *foão* qualquer, que ao defrontar-se com os ginetes, cheio de medo, qual boi picado do moscardo ou cão que de repente se vê solto, deita a correr para Portugal. De ele dizer que conhecia o covardão parece depreender-se que presenciara os factos, donde infiro que, talvez partidário do monarca deposto, se retiraria para Castela, como fizeram outros conterrâneos seus, e aí se pusera ao serviço de Afonso X, ajudando-o nas expedições que este dirigiu contra os mouros da Andaluzia desde 1260 a 1268. Por tudo isto deve este trovador ter poetado nos princípios da segunda metade do século XIII e pertencer portanto ao número dos alfonsinos<sup>14</sup> ... É uma das peças mais acabadas do escarnho galego-português; mantendo o paralelismo tradicional, o autor dispõe audaciosamente o

---

<sup>14</sup> Nunes (J. J.), *op. cit.*, tomo I.

refrão, desdobrando para efeito da rima, a palavra *al-çou*, cuja primeira sílaba rima com Portugal. As imagens são de grande pitoresco, o ritmo traduz admiravelmente a presteza daquela cobardia que assim se negava a defrontar o inimigo, fugindo para lugar seguro».

Sem dúvida, a cantiga não é, em seus próprios termos e ao pé da letra, menos aleivosa que os comentários que dela fazem os críticos. O que é preciso é integrá-la, com as respectivas personagens e factos nela visados, no conturbado momento histórico e clima social em que se inserem e, em parte já foram explanados.

É certo que a denuncia de covardia era a pior infâmia ou insulto que se podia lançar ao rosto de cavaleiros e ricos-homens, quando a coragem e o heroísmo eram o mais alto apanágio da nobreza.

Agora que uma melhor perspectiva da ciência histórica permite uma mais ampla visão que a da simples historiografia, tendo em vista antecedentes e consequentes, que oferecem outra dimensão que os Cancioneiros e os Nobiliários não podiam ter, as coisas tornam-se mais claras.

Acontecimentos, como o que refere o Nobiliário, revestiram-se do aspecto de uma guerra civil, generalizando-se. À sombra de um direito chamado *de revindicta*, espécie de *lei de Talião* ou de *olho por olho, dente por dente*, as discórdias entre os ricos-homens eram decididas à viva força, das quais ficaram alguns documentos, como recordação de combates entre bandos de fidalgos de assassinnatos e violências que semearam de rancores as relações entre as famílias nobres. Segura da falta de autoridade, a nobreza praticava desacatos de toda a espécie entre os seus membros e sobre o povo indefeso. D. Sancho II desejava, mas não podia nem decerto sabia remediar as desordens públicas, no que se via a nenhuma força de autoridade para conter os poderosos na satisfação de suas muitas ambições<sup>15</sup>. Se uma vez ou outra mandava respeitar os direitos dos indivíduos, as suas ordens não eram ouvidas nem obedecidas. Camões diz que o monarca não passava de juguete às mãos de seus vassallos:

*Morto depois Afonso, lhe sucede  
Sancho segundo, manso e descuidado,  
Que tanto em seus descuidos se desmede,  
Que de outrem quem mandava era mandado.*

Lusíadas, C. III, 91

---

<sup>15</sup> Herculano (Alex.), *op. cit.*, tomo IV, p. 268.

## A nobreza dividida, parte fiel a D. Sancho II, outra segue o irmão Afonso Bolonhês

Os nobres dividiram-se em parcialidades, uns pelo rei dinástico e legal, até pela própria cobiça de ocuparem lugares de preponderância junto dele, ajuizando que jogavam a cartada mais segura; outros, por semelhantes motivos, tomaram o partido do irmão D. Afonso, casado com a Condessa de Bolonha, D. Matilde, e residente em França pelo menos desde 1238. Alguns cavaleiros mais dedicados foram juntar-se-lhe em Bolonha, ou solicitados por ele mesmo ou por alguns prelados, principalmente o bispo do Porto D. Pedro Salvadores e o de Coimbra, D. Tibúrcio.

Alguns, e dos melhores cavaleiros para os quais o batalhar era uma missão, já inimizados com um ou outro irmão de que fizeram cabeça nesta contenda, em vez de participarem no crescendo de desordens e arruaças, preferiam passar a fronteira e alistarem-se sob as bandeiras de Fernando III e de seu filho D. Afonso, a fim de darem mais condigno emprego ao seu valor numa guerra que se travava contra inimigo comum, já quase a sul da Espanha. Alinhou com estes D. João Pires de Vasconcelos, passadas as consequências do já referido episódio de Fonte-Arcada.

Por sua vez, o alto clero, igualmente descontente, mas unido, levava insistentes queixas a Roma, alegando que o rei D. Sancho II nem se emendava nem reprimia as desordens de seus súbditos e até as provocava com a sua indulgência e parcialidade, dando assim provas de incapacidade para governar o reino. Em 1244 ou 45 chegou mais uma queixa a Roma. Já se pensava em derrubá-lo do trono e substituí-lo pelo irmão, D. Afonso de Bolonha que, por esta mesma data começava a trabalhar pela execução desta empresa. Pelas mesmas e relativas ambições abriu-se uma brecha de alto a baixo, entre irmãos e súbditos.

O papa Inocêncio IV apresentou no XIII concílio ecuménico de Leão (1245) as queixas dos bispos portugueses. Decidiu-se a seguir pela deposição de D. Sancho II e pela entrega da regência do reino ao irmão D. Afonso. Neste sentido, o arcebispo de Braga, D. João Egas e o bispo de Coimbra receberam poderes conferidos pela bula *Grandi non immerito* para fazerem cumprir todas as disposições, ordenando que logo D. Afonso regressasse ao reino, se lhe prestassem todas as homenagens, entregassem todas as cidades, vilas, castelos e fortalezas. A sentença da deposição é de Julho de 1246 e neste mesmo ano D. Afonso desembarcou em Lisboa.

Entretanto, D. Sancho II resistiu até onde e quanto lhe foi possível. Solicitou o auxílio e protecção de Fernando III e de seu

filho o infante D. Afonso de Castela, os quais se empenharam em minorar, junto de Inocêncio IV, as disposições da bula da deposição e defender pelas armas a causa do seu protegido, fazendo entradas em Portugal, as quais não lhes foram bem sucedidas. Apoiou-se em alguns testemunhos de fidelidade de seus mais leais servidores, entre eles os alcaides de castelos como foram o de Guimarães, de Faria, de Celorico ...

Assim como consta que também alguns alcaides logo se entregaram ou deixaram subornar, atendendo ao que lhes propunha o arcebispo de Braga, como fizeram Mem Cravo que tinha o castelo de Lanhoso por Godinho Fafes, rico-homem do distrito, vendendo-o a Rui Gomes de Briteiros, um dos mais fervorosos partidários de D. Afonso. Outras tantas traições fizeram a seus juramentos muitos fidalgos beirões, como foram entre os mais escandalosos, os de Soeiro Bezerra, alcaide de Monsanto; o de seu filho Rui Bezerra, alcaide de Trancoso, deserções que fizeram ruir todas as esperanças de resistência de D. Sancio II.

Assim o registou o trovadorismo numa cantiga de maldizer, de *Airas Perez Vuituron*, a qual começa assim:

CV1088 *A lealdade da Bezerra pela Beira muito anda,*

CBN1477 *bem é que a nostra vendamos, pois que no-lo Papa manda.*

#### D. Sancho II deposto do trono

A D. Sancho II só ficou o nome de rei até à morte que não se fez esperar muito. Decidiu procurar o exílio na cidade de Toledo que para tal fim lhe foi designada pelos soberanos de Castela seus protectores. E, longe da pátria, com o coração dilacerado por todos os infortúnios; abandonado pela mulher que tanto amara e lhe foi arrebatada da vista para sempre, por um estratagemma, dizem, de Raimundo Viegas Portocarreiro, irmão do arcebispo de Braga, o qual, fazendo-se passar com seus companheiros disfarçados com os trajes dos homens de armas de Martim Gil de Soverosa, valido do rei, entrou de noite na cidade de Coimbra e nos paços reais, arrancou daí com D. Mécia Lopes de Haro e levou-a para a vila de Ourem que já estava por D. Afonso. Os de *Portocarreiro* salientaram-se entre os principais agentes da deposição de D. Sancho II <sup>16</sup>.

Em Janeiro de 1248, já o Conde de Bolonha, *procurador e defensor do reino*, recebia a notícia de que o trono era seu e de que na

---

<sup>16</sup> Ferreira (Mons. J. A.), *op. cit.*, tomo II, p. 49.

catedral de Toledo uma campa rasa recebia os restos mortais de seu irmão que nem vivo nem morto parece ter ficado condenado a jamais voltar à sua pátria.

Só um testemunho isolado de lealdade se verificava — o de Martim de Freitas, alcaide do castelo de Coimbra e governador da cidade que então estava por capital do reino. Manteve-se em pertinaz resistência até receber a notícia do falecimento do seu desventurado monarca. E mesmo depois propôs que lhe fosse dado salvo-conduto para ir certificar-se se era ou não verdade. Entregue o castelo a cavaleiro da sua confiança, foi a Toledo, fez abrir a sepultura, reconheceu o cadáver, colocou-lhe nas mãos as chaves da cidade com palavras de que alguns historiadores fazem menção e, regressando a Coimbra, entregou-as, com a cidade, a D. Afonso III, jurando-lhe que nunca mais aceitaria o governo de coisa nenhuma.

Neste mesmo ano de 1248, D. Afonso III, já na posse do governo do reino, decidiu-se a continuar a campanha para a conquista do Algarve, já iniciada no reinado do deposto seu irmão. Para tal efeito, mas discretamente porque a expedição se faria com todo o segredo, chamou à pátria muitos cavaleiros que serviam às ordens de Fernando III e de seu filho infante D. Afonso que também lutava pela posse do Algarve e não se esquecera das afrontas recebidas quando da sua vinda a Portugal a favor da causa do seu protegido Sancho II. Pelo menos nesta data, *D. João Pires de Vasconcelos* abandonou as fileiras dos exércitos de Castela e regressou à pátria disposto a empregar o seu esforço por ela e não contra ela, pesasse ou não a sua atitude a D. Afonso, que a todo o custo pretendia aumentar o número das suas conquistas para emoldurar com elas o prólogo das *Cantigas de Santa Maria*.

E por volta de 1250 estava em guerra com D. Afonso III de Portugal, disputando contra ele a conquista do Algarve. Mas esta guerra pouco excederia um ano, devido à intervenção do papa Inocêncio IV que chamou a si a resolução do diferendo. Em meados de 1253 ajustava-se em Chaves, «por vehementes razões políticas» uma paz forçada<sup>17</sup>. D. Afonso III, já quarentão e legalmente casado com a Condessa de Bolonha» receberia em casamento, por assim dizer uma criança, a infanta D. Beatriz, filha natural de Afonso X e de D. Maria Guilhen de Gusmão<sup>18</sup>, concordando-se que, logo que

---

<sup>17</sup> *Ibidem* e Herculano, *op. cit.*, tomo IV, p. 175.

<sup>18</sup> O falecimento da Condessa D. Matilde, em 1258, facilitou a legalização do matrimónio, obtida em 1263 do Papa Urbano IV por instantes súplicas de Portugal.

houvesse um filho varão e chegasse à idade de 7 anos, lhe seria dada a plena posse do Algarve. Afonso X não foi indiferente aos esforços dispendidos para legalizar a situação da filha e a partir desse momento estreitou-se a amizade entre sogro e genro.

### Partidários de D. Sancho II não voltam à pátria

Todavia, continuava a notar-se no reino a falta de muitos cavaleiros ilustres que haviam seguido a parcialidade do rei falecido. Apesar do amparo que solicitaram de Inocência IV e Afonso X os barões portugueses que tinham aderido à causa de Sancho II, não se lhe deram ouvidos. Confiscados seus bens, tratou-se de apagar a memória do rei vencido, bem assim a dos companheiros da sua desgraça. Por bula de 1254 o papa Inocência solicitava de Afonso X protecção para os naturais de Portugal que se tinham refugiado junto dele por ocasião da fuga e derrota do seu rei Sancho II. Desejosos então de regressar à sua pátria, mas temerosos pela vingança de Afonso III, pediam que lhes fosse alcançada amnistia e restituição dos bens. Em vez de pedir pelos expatriados, Afonso X impôs ao genro a obrigação de os receber, de modo que os fidalgos portugueses emigrados tiveram de perder as esperanças de verem satisfeitos os seus desejos do regresso à pátria.

Afonso X de Castela habituara-se ao préstimo dos relevantes serviços e denodo militar dos cavaleiros portugueses que se alistaram nas suas fileiras. Mais ambicioso que Fernando III seu pai, cognominado — *o Santo*, tudo servia à sua volta para desafiar a emulação e o brio dos combatentes, apontando-se como faltos de valentia os que voltavam à pátria. E só não voltaram os que se acharam comprometidos pela fatalidade dos seus destinos.

D. João Pires de Vasconcelos tinha então as portas franqueadas pelo desenrolar dos acontecimentos — *Alçou rab' e foi sa via a Portugal*, conforme repete o último verso ou finda do refrão da cantiga de *D. Afonso Mendes de Besteiros*.

Para um cavaleiro de lídima estirpe de sangue guerreiro como era o *de Vasconcelos* a insinuação não podia ser mais gravosa. Embora forjada em ambiente propício que Afonso X sabia criar como excelente poeta trovador, *D. Afonso Mendes de Besteiros* assumiu uma responsabilidade, atingindo tão gravemente a honra do seu compatriota e companheiro de armas. Ele e o visado tinham jogado seus destinos na balança política que oscilou entre a sorte dos dois irmãos, Sancho II

e Afonso de Bolonha, embora a história registre com mais clareza a memória do vencido que o êxito do vencedor.

Vários trovadores portugueses tinham acompanhado no refúgio de Bolonha e no exílio de Toledo os dois irmãos desavindos, tendendo a sorte. Alguns voltaram à pátria, a receber valioso prémio da sua parcialidade, como João de Aboim e seus familiares, mas *D. Afonso Mendes de Besteiros* nunca mais. Em vão *D. Carolina Michaelis* trabalhou por identificá-lo e aos da sua geração. Confiscados seus bens, riscado o seu nome e de seus antepassados dos catálogos da nobreza, tudo esqueceu menos o seu nome como subscritor das *cantigas* de que foi autor e lhe merecem renome imortal.

Entre as *de maldizer*, além da referida, deixou mais duas; nove *de amor* e ainda duas *de amigo*, ao todo 14.

Seguem as *de maldizer* :

CB432           Ja lhi nunca pediran  
CBN1559       o castel a don foan,  
ca non tinha el de pan ...  
se non quanto queria;  
e foi-o vender, de pran ...  
con mingoas que avia.  
?Por que lh'ides culpa poer  
[por el fiuza] non teer?  
ca non tinha que comer ...  
se non quanto queria;  
e foi-o enton vender ...  
con mingoas que avia.  
Travan-lhi mui sen razon  
a ome de tall coraçon  
ena fronteira de Leon.  
Diz con quen-o terria?  
e foi-o vender enton ...  
con mingoas que avia.  
Dizem que lh'a el mais val  
esto que diz, ca non á al  
en cabo de Portugal.  
Diz con quen-o terria?  
e vende-o enton mal ...  
con mingoas que avia.

CB433  
CBN1560

O arraiz de Roi Garcia,  
que en Leirea tragia,  
desseinô-o;  
e pois veo outro dia,  
e ensinô-o.

Non vos foi el de mal sen:  
serviu-se del [e] mui ben,  
desseinô-o  
e pois veo a Santarem,  
e ensinô-o.

Non vos foi del mui mesquinho:  
per como diz Cogominho,  
desseinô-o  
e pois morreu D. Martinho,  
ensinô-o.

Ainda vos eu mais direi:  
per quant'eu del vej'e sei,  
desseinô-o  
e pois veo a cas del Rei,  
ensinô-o.

*As de amor :*

CB375

Coitado vivo, à mui gran sazón,  
que nunca ome tan coitado vi  
viver no mundo, des quando nasci.

E pero x'as mias coitas muitas son,  
non querria d'este mund'outro ben,  
Se non poder negar quen quero ben!

Vivo coitado no meu coraçón,  
e vivo no mundo muy sen prazer,  
e as mias coitas non ousó dizer.

e meus amigos, ¡ si Deus mi perdon!  
non querria d'este mund'outro ben  
se non poder negar quen quero ben!

E de chorar quitar-se-ian os meus  
olhos, e poderia eu perder  
as coitas que a min Deus faz sofrer.

E meus amigos, ¡ se mi valha Deus!  
non querria d'este mund'outro ben  
se non poder negar quen quero ben!

E per negá-lo eu cuidaria ben  
a perder coitas e mal que mi ven!

CB376 Senhor fremosa, vejo-me morrer,  
e a mi praz, e mui de corazón,  
có'a mia mort' ¡ assi Deus mi perdon!  
por aquesto que vos quero dizer:  
Moiro por vos, a que praz, e mui'en,  
de que moir'eu, e praz a mi por en!

Per boa fé, de mia mort'ei sabor,  
e ben vos juro que á gran sazón  
que rog'a Deus por mort' e por al non,  
por aquesto que vos digo, senhor,  
Moiro por vos, a que praz, e mui'en  
de que moir'eu, e praz a mi por en!

E per bôa fé, gran sabor per ei  
con mia mort'e, per quant'eu entendi  
que vos prazia; e pois est assi,  
muito mi praz polo que vos direi:  
Moiro por vos, a que praz, e mui'en  
de que moir'eu, e praz a mi por en!

Ca de viver mais non m'era mester;  
e praz-mi mui'en morrer des aqui  
por vos. E tenho que mi Deus [faz] i  
ben, mia Senhor, polo que vos disser:  
Moiro por vos, a que praz, e mui'en  
de que moir'eu, e praz a mi por en!

E ben vos juro, Senhor, que m'é ben  
con [a] mia morte, pois a vos praz en.

CB377 Oymais quer'eu punhar de me partir  
d'aqueste mund'e farei gran sazon,  
poi-lo leixou á mia Senhor, e non  
pud'i viver e fui alhur guarir.  
E por esto quer'eu por seu amor  
leixá-lo mundo falso, traedor,  
desemparado, que me foi falir.

E non ouvera pois que-no servi  
com'eu servi, nen tan longa sazon;  
e ficara desemparado enton,  
pois m'end'eu for, que mia Senhor fazer.  
E pois que já non á prez nen valor  
eno mundo d'u se foi mia Senhor,  
¡Deus me confunda, s'eu i guarir!

E pois qu'eu, mia Senhor, non vir,  
e vir as outras que no mundo son,  
non me podia dar o coraçõn  
de ficar i. E por vus non mentir,  
quero-m'end'ir; e, pois que m'end'eu for  
d'aqueste mundo, que est a peor  
cousa que sei, quererrei-me d'el riir!

Fragmento de uma cantiga *de amor*:

CB378 Oymais non á ren que mi agradecer  
a mi a mui fremosa mia senhor  
de a servir já, mentr'eu vivo for,  
ca, de pran, assi me ten en poder  
que non poss'end'o coraçõn partir;  
e pero mi pes, ei a [já] de servir.

Outro:

CB379 Per boa fé, non saben nulha ren  
das mias coitas os que me van poêr  
culpa de m'eu mui cativo fazer  
en meus cantares, tanto sei eu ben.  
Ben saben qual coita mi faz sofrer  
esta Senhor que me ten en poder.

Outro:

CB380   Cativ'e sempre cuidarei  
          E cuido, si Deus mi perdon!  
          Ar cuido no meu coraçõ  
          que já per cuidar morrerrei;  
          e cuido muit'en mia senhor.  
          Ar cuid'en aver seu amor.

Outro (fragmento):

CB381   Senhor, fremeosa mais de quantas son  
          donas no mundo, pol'amor de Deus,  
          doede-vus de min e dos meus  
          olhos que choran, á mui gran sazõ,  
          por muito mal, senhor, que a mi ven,  
          por vos, senhor, a que quero gran ben!

Outro:

CB382   Que sen meu grado me parti  
          de mia Senhor e do meu ben,  
          que quero melhor d'outra ren!  
          E que grave dia naci  
          por eu nunca poder veer,  
          poi-la non vi, nenhum prazer!

Cantiga *de amor*, que D. Carolina Michaelis  
          diz andar deslocada entre as *de amigo*:

CB731   Amigos, nunca mereceu  
          omen, com'eu mereci, mal,  
          en meu cuidar, ca non en al,  
          mais ando-me por en sandeu,  
          por quanto mi faz cuidador  
          d'aver eu ben de mia Senhor.

Mais leixade-mi andar assi;  
pero vós ajades poder,  
meus amigos, de me valer,  
sol non vos doades de mi,  
          por quanto mi faz cuidador  
          d'aver eu ben de mia Senhor.

Ca sei que per nen hun logar,  
amigo, que non aveerei  
dela ben por quanto cuidei,  
mais leixade-mi assi andar,  
por quanto mi faz cuidador  
d'aver eu ben de mia Senhor.

Ca o Sandeu quanto maior fôr  
d'amor Sandeu, tant'é melhor.

Do mesmo trovador, *D. Afonso Mendes de Besteiros*, as duas  
cantigas de amigo :

CV330 Fals'amigo, per boa fé,  
CB729 m'eu sei que queredes gran ben  
outra molher e por mi ren  
non dades, mais, pois assi é,  
oimais fazedes des aqui  
capa d'outra ca non de mi.

Ca n'outro dia vos achei  
falar no voss'e non en al  
con outra e foi-m'ende mal,  
mais, pois que a verdade sei,  
oimais fazedes des aqui  
capa d'outra ca non de mi.

E quando vos eu vi falar  
con outra, logu'i ben vi eu  
que seu erades, ca non meu,  
mais quero-vos eu desenganar,  
oimais fazedes des aqui  
capa d'outra ca non de mi.

CV331 Ma madre, venho-vos rogar  
CB693 como roga filh'a seu senhor,  
o que morre por mi d'amor  
leixade-m'ir co[n] ele falar;  
quanta coita el sigo ten  
sei que toda lhi por mi ven.

E sodes desmesurada,  
que vos non queredes doer  
do meu amigo, que morrer  
vejo, e and'eu coitada;  
    quanta coita el sigo ten  
    sei que toda lhi por mi ven.

Vee-lo-ei, per bõa fé,  
e direi-lhi tan gran prazer,  
per que el dev'guarecer,  
poi-lo seu mal cedo meu é:  
    quanta coita el sigo ten  
    sei que toda lhi por mi ven.

*Dom Afonso Mendes de Besteiros*

D. Carolina Michaelis diz que é um dos fidalgos trovadores de que menos vestígios perduram. Tem o seu lugar no Cancioneiros perto de *Rodrigo Eanes de Vasconcelos*.

Não se nega nem se afirma que ele fosse natural de S. Paio de Besteiros, conquanto tudo indica afirmativamente, até pelos dados de conhecimentos que mostra possuir da sua vítima <sup>19</sup>.

O que se afirma e se garante é que não foi feliz. Por uma espécie de inevitável contágio, a desgraça dos vencidos arrasta consigo os que se situam à sua volta. As cantigas de que foi autor, a par do sentido grau de desilusão do mundo, que revelam, como o desejo de morrer pelas suas damas, estes são aspectos evidentes, embora não se possam tomar muito a sério por serem estados de affectividade comuns entre os trovadores — o convencionalismo designado por *morte de amor*. E, neste caso, um dos mais exagerados foi Ruy Queimado a quem Pero Garcia Burgalês endereçou uma cantiga humorística, dizendo-lhe que «morria com amor em seus cantares, mas ressuscitava depois ao terceiro dia!...» De um que morreu realmente de amor, informa o Nobiliário que foi por D. Maria Pais de Valadares, que foi casada com Martim Pais de Ribeira e a mãe de Gil Martins, cuja morte deu origem ao episódio já conhecido.

*D. Afonso Mendes de Besteiros* não morreu de amor por qual-

---

<sup>19</sup> S. Paio de Besteiros, uma das mais antigas e privilegiadas freguesias de Entre-Homem e Cávado, foi terra de muita nobreza. De *Balestariis*, onde consta ter existido uma confraria de militantes desta arma — *besteiros*.



**Ruínas da torre e solar de Vasconcelos**



**Torre de D'Ornelas (Outeiro) simboliza a poesia medieval:  
ermida a poesia popular**



quer dama, pois até fazia capa de uma para fazer namoro a outra. E a cantiga começa por *Fals'o amigo*, ...

*oimais fazede des aqui*  
*capa d'outra ca non de mi.*

O problema dele foi outro — o de, além de tomar o partido do rei deposto, fazer, em seus versos, tão certa pontaria a um graduado partidário da facção contrária, em tempo que os pundonores feridos da fidalguia eram inexoráveis. A conhecida cantiga *de mal-dizer* evidenciou-o demais na ribalta dos acontecimentos do seu tempo.

D. João Pires de Vasconcelos veio figurar entre os notáveis de D. Afonso III. E, por certo, quem satirizou com tanta mordacidade um seu compatriota e companheiro de armas, acusando-o de se comportar como medricas diante dos cavaleiros do chefe mouro nos campos de batalha, não se põe a menor dúvida de que *D. Afonso Mendes de Besteiros*, para além de não ter virado a cara aos ditos ginetes tosquiados de Ibu-Iucuf, deve ter oferecido a vida aos maiores perigos e dado provas daquela valentia e heroísmo que tão acintosamente denunciava em outros. Quem assim falou nunca poderia ter dado parte de fraco. Ignora-se o fim que o esperou, a este ousado Português, mas certamente pagou caro com a vida a sua fortaleza lá pelas ardentes plagas da Andaluzia.

É oportuno glorificar a memória de todos esses trovadores-guerreiros que assim contribuíram para o enobrecimento das letras nacionais, aplicando-se-lhes a frase que Camões havia de fazer sua:

*Nũa mão sempre a espada e noutra a pena.*

### **Besteiros por Briteiros**

Aparece nos Cancioneiros um outro trovador, de nome *D. João Mendes*, que na colecção de J. J. Nunes é de *Besteiros* para 7 cantigas *de amor* e de *Briteiros* para 3 *de amigo*. Todavia, já D. Carolina Michaelis, partindo de que houve deturpação por parte dos copistas quanto às unidades fonológicas distintas B[es]teiros — B[ri]teiros, as quais garantem a diferença semântica, ou de significado, entre os dois termos toponímicos, havia declarado, a propósito, votar por *Briteiros*, pequeno solar na freguesia deste nome, entre Braga-Guimarães. Foi seu pai D. Mem Rodrigues de Briteiros, com frequente citação nos Livros de Linhagens. Um desnecessário desdobramento, porquanto até pela análise dos textos se conclui serem

obra do mesmo autor, tanto as *de amor* como as *de amigo*. O partidarismo, com a qualidade de trovador, valeu-lhe casar com D. Urraca Afonso, filha natural de D. Afonso III.

### O trovador *D'Ornelas*

*Pero d'Ornelas*, um trovador que D. Carolina Michaelis tem na conta de *jogral*, cuja função era a de músico-cantor, principalmente junto das tropas, para lhes inculcir coragem antes de entrarem em combate. Não o identificou por ignorar a terra donde seria natural. Não era difícil. O título *d'Ornelas*, como se sabe, anda ligado à torre e solar da actual Dornelas (*Outeiro*), nas terras de Entre-Homem e Cávado. Procede de João Fz o Franco que casou com D. Teresa Eanes de Vasconcelos, irmã do trovador e de D. Estêvão que foi bispo de Lisboa, os três filhos de João Pires de Vasconcelos.

*Pero* ou *Pedro d'Ornelas*, em que começa este título, filho desse casamento, casou por sua vez com D. Estefânia de Freitas, irmã de Martim de Freitas, o leal alcaide, filhos do Estêvão Anes de Freitas que havia desafiado o avô João Pires de Vasconcelos.

Por mais que pareça extraordinária esta aliança, não o é, atendendo ao carácter político de tais desavenças e as surpreendentes mudanças que se lhe seguiram e em que todos tratam de acomodarem-se às circunstâncias. Também D. Afonso III tinha andado em guerra com o soberano de Leão e Castela, amigo e protector do desventurado irmão, e logo lhe recebeu a filha em casamento. São assim mudáveis as coisas da política e da vida.

*Pero d'Ornelas* é autor de 3 poesias que podem considerar-se já tardias e inseridas no período dionisiaco:

#### Cantiga de amor

CV226 Nostro Senhor, e ora que será  
CB625 d'aquel que senpre coitado viveo  
que viv'e cuida por en ser sandeu?  
ca sabe ben que nunca perderá  
esta coita, ca non quer sa senhor.

E que será do que quis gran ben  
e quer a quen lho non quer agradecer  
nen lhi quer por end'[e] outro ben fazer  
e sabe que non perderá per rren  
esta coita, ca non quer sa senhor?

E que será do que senpre servir  
foi quen lhi quis e quer poren [de] mal  
e nunca lhi por en quis fazer al  
e que nunca de ssi pode partir  
esta coita, ca non quer sa senhor?

*de amigo*

CV364 Avedes vós, amiga, guisado  
CB780 de falar vosc'oj'o meu amigo,  
que vem aqui, e [u] bem vo-lo [digo],  
por falar vosqu', e traz-vos recado  
de rog'amiga, do vosso amigo  
que façades o meu falar migo.

E, u moro, já el non mora,  
ca lhe defendi que non morasse  
i, e porem caçou quen rogasse  
e recado sei que vos traz ora  
de rog'amiga, do vosso amigo  
que façades o meu falar migo.

Gran razon á que meu bem demanda  
e nunca pôde co[n]migo falar  
e vem agora voss'amigo rogar  
e ora recado sei que vos manda  
de rog'amiga, do voss'amigo  
que façades o meu falar migo.

*de maldizer*

CV365 Un ric'ome, a que un trobador  
CB781 trobou ogan aqui, en cas d'el rei  
assentando-m', atrás min catei;  
vi-o seer en un logar peor;  
ergi-me dixi: vind'aca pousar.  
E disse-m'el: seed'en vosso logar;  
ben sej'acá, non quero seer melhor.

Quando mi assentei, assi veja prazer,  
non me guardava eu de tal acajon  
e, quand'o vi, ergi-me logu'enton.  
— Passad'acá — hi fui logo dizer,  
que s'ergesse d'anb'os cochoõs seus,  
e disse-m'el: gradesca-vo-lo Deus;  
non me compr'ora de melhor seer.

No Cancioneiro da Bibliotheca vem esta cantiga sob o nome de D. Afonso Sanches, filho natural de D. Dinis: Inspira-se na recomendação evangélica da cedência do primeiro lugar: *Amice, ascende superius* em Lc. 14, 10.

Existe a mais forte presunção de que é segura a autoria que lhe attribui o Cancioneiro da Vaticana — a de Pero d'Ornelas.

Parecendo à primeira vista, sem significado apreciável esta cantiga moralista, ella visa um dos aspectos mais candentes da sua época, e até de todos os tempos. A occupação dos lugares cimeiros na corte (*en cas d'el rei*) era de longe um dos mais fortes motivos de ciuemeira e graves atropelos entre palacianos uma vez que, terminada a constante corrida às armas, de guerreiros se fizeram cortesãos. Curioso e oportuno recurso, portanto, a uma máxima evangélica para rebater a apetência aos primeiros e mais honrosos lugares junto do rei.

Está, de mais perto, certamente aqui comprehendido o gesto do mordomo-mór Afonso Sanches, conde de Albuquerque, assim como o do meirinho-mór de Enre-Douro e Minho, Mem Rodrigues de Vasconcelos, os quais, para evitarem as constantes turbulências do herdeiro do trono e pouparem a saúde profundamente abalada do soberano, decidiram abdicar voluntariamente de seus cargos e privilégios, retirando-se da corte, o primeiro para Castela e o segundo, com a mulher e os filhos, para a casa-forte que foi autorizado a edificar em Penagate de S. Miguel de Carreiras, no actual concelho de Vila Verde.

### Sob o signo de Santa Maria

Sabe-se que D. Afonso III fez da conquista do Algarve a causa suprema do seu reinado. Da feliz expedição organizada secretamente em 1249, como já se referiu, resultou a posse das duas mais importantes povoações mouriscas — Faro e Lagos, as quais ficaram sob a invocação de Santa Maria. Em 1250, se não antes, o arcebispo

de Braga, D. João Egas, acompanhou o mesmo monarca ao Algarve afim de fazer uma doações aos ditos Santuários.

Afonso X de Castela não deixou de celebrar a conquista do Algarve no prólogo das Cantigas de Santa Maria, cedendo posteriormente da sua posse. A Literatura da época, através do «sirventês político» das cantigas não passou sem focar as contendas entre ele e o irmão. Com muito maior razão não podia passar sem aludir a este acontecimento histórico que honra um dos mais devotados amigos da poesia trovadoresca.

Quase no encerramento das colecções dos Cancioneiros vêm, em conjunto, CV893, 894 a 898; CB1288, 1289 a 1293, cantigas de romaria a Santa Maria do Lago e a Santa Maria de Faro, a primeira atribuída a Fernam do Lago e as restantes a Joam de Requeixo, as quais plausivelmente serão alusivas a este momento histórico.

Quanto a Fernam do Lago, um imediato descendente de Pero d'Ornelas esteve ligado à Casa dos Lagos, ao mesmo tempo relacionada com os Machados de Castro de Carrazedo. Ignora-se em que data os Lagos se tornaram administradores do vínculo dos Portocarreiros em Semelhe instituído pelo arcebispo D. João Egas a favor de seu sobrinho, filho de Gonçalo Viegas, mas sabe-se que no séc. XVIII ainda eram administradores deste vínculo os Lagos com sede na Rua de S. João, em Braga<sup>20</sup>. Entre os senhores da torre e paço do Lago aparece mais que um indivíduo de nome Fernam do Lago, mas é difícil localizá-los cronologicamente, tão mal alinhavadas andam as gerações desta família em nobiliários recentes, pois que do Conde D. Pedro não constam, conforme afirma Faria e Sousa.

Desde o *trovar clus* das cantigas d'amor e d'amigo à *aequivocatio* das d'escarneo, todos os relacionamentos pessoais e casuais se faziam de modo encoberto, veladamente, por palavras de duplo sentido, e vinha a ser que «a carapuça era para quem lhe servia», como passou a comentar o povo.

Falta de senso político seria dar tão depressa por consumado um contencioso deveras renhido e prolongado entre Portugal e Castela, como foi o da posse definitiva do Algarve. Porém, em tal conjuntura histórica seria difícil conceber arranjos ou estruturas poéticas para cantigas de romaria que andassem à roda se Santa Maria de Lago e Santa Maria de Faro, sem que o pensamento voasse lá para o sul, para o reino dos Algarves, para onde então estavam voltadas todas as atenções e preocupações da política nacional. Para *Fernam do Lago*, cujo título de naturalidade joga com o

---

<sup>20</sup> Ferreira (Mons. J. A.), *Fastos ...*, II, p. 36.

da invocação do Santuário, sem recorrer à Galiza cada vez mais distante, havia cá povoações, quer fosse a Barca do Lago, como pretende Manuel de Boaventura <sup>21</sup>, ou Lago de Amares que é o verdadeiro solar dos deste apelido. Para *Joam de Requeixo*, além do lugar deste nome em Cáires, aparentado etimologicamente com a primitiva designação toponímica desta freguesia — *Requeão* <sup>22</sup>, só no concelho de Guimarães há meia dúzia de povoações chamadas de *Requeixo*, qualquer uma das quais lhe poderia ter dado a naturalidade. Também não faltam por esta província montes do *Faro* e do *Facho*, evocativos da luz das almenaras à luz das quais, desde romanos, arabes e cristãos se procedia à transmissão de comunicações.

Tem-se recuperado trovadores e jograis como D. João Garcia de *Guilhade*, Martim de *Ginzo* e outros que andaram desenraizados da sua verdadeira pátria; e é preciso continuar nesta generosa iniciativa <sup>23</sup>. Desde Montalegre nas terras do Barroso, Lanhoso, Berredo, Aboim da Nóbrega, Dornelas, Vilar de Figueiredo, Vasconcelos, Castro, Lago, Briteiros, Portocarreiro, Valadares, Calheiros, Calvelo ... muitos nobres que se estabeleceram em seus castelos no centro de vilas e no meio de propriedades rurais, atentos a norte e a sul, principalmente contra o inimigo infiel, entre outros privilégios era o que lhes conferia a nobre insígnia de *pendão e caldeira* pelo qual podiam arregimentar homens de guerra. E, quando soava a hora de arrancar para as campanhas, desprendiam-se pelas salas de armas as panóplias com os escudos e, vestidos de ferro abalavam para as frentes de batalha. As longas ausências geravam a saudade e as *coitas d'amor* alimentaram por muito tempo, nesse período heróico da fundação da nacionalidade, o lirismo profundo e sincero das cantigas d'amor e d'amigo.

Sentiram uma notável propensão para a poesia esses destemidos batalhadores de um passado que não se repete. Uma vez desaparecido o perigo sarraceno, à falta de combates contra este inimigo número um, os ricos-homens voltaram uns contra os outros, como acabou de ver-se, por não encontrarem melhor uso para elas, as armas que tinham nas mãos. D. Dinis teve conhecimento de perto a respeito deste estado de coisas e até o experimentou na rebeldia do filho que havia de suceder-lhe. Que juízo de valor teria feito da maneira como o tio, Sancho II foi expoliado da coroa

---

<sup>21</sup> *O Distrito de Braga*, vol. II, 1963, fasc. I-II, p. 203 e sts.

<sup>22</sup> Cf. *Entre-Homem e Cávado*, tomo I, p. 140.

<sup>23</sup> *O Distrito de Braga*, fasc. I-II, p. 53.

não o diz a história, se bem que os historiadores não pouparam as críticas severas ao comportamento de seu pai em relação ao infeliz irmão. E para avitar que muitas fortalezas em mãos de uma nobreza ambiciosa continuassem a ser focos de desordem, mandou arrasá-las, sem prever quanto hoje se lamenta a perda destes monumentos da antiguidade, de que tanto se sentem enobrecidas as terras que ainda têm a sorte de possuí-los.

Erguiam para o céu a verticalidade de suas linhas e sólidas muralhas, a desafiar o desgaste dos séculos que não foi o principal culpado das suas ruínas e desaparecimento.

A presença dos trovadores andou geralmente assinalada pela existência de velhas fortalezas, de algumas das quais nem vestígios existem. Numa carta topográfica do antigo senhorio de Castro ainda se elevava altivamente a torre do Lago. Hoje suas pedras encontram-se dispersas pelas moradias que os habitantes do Paço foram erguendo com «pedras mudadas»<sup>24</sup>.

\* \* \*

A poesia galego-portuguesa entrou em decadência depois da morte de D. Dinis, o rei trovador que, a exemplo do avô Afonso X, a cultivou magistralmente e foi protector de trovadores e jograis e por eles pranteado e chorado como perda irreparável. Em D. Afonso IV, seu filho, que de austero via com maus olhos a filha-rada natural que se aninhava ao pé do trono de seus antecessores, trabalhando por corrigi-la até pela violência, mas em vão<sup>25</sup>; e com ciúme a predilecção que o pai devotara ao irmão natural Afonso Sanches por ser trovador, a poesia trovadoresca morreu. Todavia, ela perpassa e ilumina a poesia portuguesa de todas as épocas e continua a ser-lhe presente no tema do amor, feroso e violento quando extravasa as raias da legitimidade e faz as suas vítimas, quando é puro e ingénuo como o que inspira e decorre da musa popular.

Passageiro ou viandante, quando peregrinares pelas terras de Entre-Homem e Cávado, não deixes de ir em romagem, ali perto da vila de Amares, visitar as velhas ruínas da torre e solar dos Vasconcelos, mas leva de antemão formulado o pensamento que te

---

<sup>24</sup> *Entre-Homem e Cávado*, tomo I, p. 99.

<sup>25</sup> O caso de D. Inês de Castro. E não só esta razão apontada, da decadência da poesia trovadoresca, como outras que se verificaram nesse período da vida nacional.

sugerem os versos maviosos de Tomás Ribeiro no canto I do seu poema *D. Jaime* :

Um dia ... quando, não sei;  
fui ver as gastas ruínas  
d'um velhíssimo castelo  
que ao desamparo encontrei,  
mas que, apesar de esquecido  
na solidão, era belo.  
Achei-o todo vestido  
de tenaz hera viçosa;  
.....

## SEGUNDA PARTE

No séc. XVI, ponto de transição das formas da linguagem arcaica para o português moderno, veio assentar arraais Entre-Homem e Cávado, para ficar mesmo depois da morte, um dos mais brilhantes luzeiros das Letras nacionais.

Mas a obra de Sá de Miranda não foi simpática ao desenfreado fenómeno do urbanismo que previu e combateu:

Oh! vida dos lavradores!  
Se eles conhecessem bem  
as vantagens que tem,  
co aqueles santos suores  
que a si e o mundo mantem,

(Da carta para António Pereira, senhor de Basto,  
quando se partiu para a corte co a casa toda)

Daqui ficar tão esquecida das gerações que se sucederam, embora seus versos sejam sempre actuais, quando a vida provinciana se apresenta mais e mais empobrecida de forças válidas, sobretudo quando uma febre de emigração galopante abala por toda a parte as estruturas da população campesina a favor dos grandes centros urbanos nacionais e estrangeiros. O abandono da terra, principal fonte incontestável de recursos vitais, por parte de quantos preferem a aventura a uma segura mediania, paga-se à custa de dívidas incontáveis que comprometem a independência das famílias e dos povos.

Além de estudiosos admiradores da obra de Sá de Miranda, que sempre os houve, o amor e apego à terra que ela inspira, não encontrou continuadores senão em alguns seus contemporâneos e familiares. Desculpando-se da sua mal aparada pena perante o cunhado e mestre, Manuel Machado trocava com ele correspondência poética:

O grande afeito me ordena  
Que aconselhe a hu Letrado,  
Perdoay-me, que hu Machado  
Não apara bem a pena.

(Da Vida de Manuel Machado de Azevedo)

Sabe-se quanto este donatário de E.-H. e Cávado beneficiou a lavoura da sua terra. E da Casa de Castro seguiam produtos da actividade piscatória, acompanhados de cartas poéticas, como esta em que exalta o bucolismo das margens do Cávado de frescas sombras e as abundantes pescarias:

Senhor Thomé de Negreiros <sup>26</sup>  
daqui vos quero dar conta  
do modo com que passei  
esta tarde duas horas.

Pelo Cávado me fuy  
passeando junto à costa,  
para que melhor pudesse  
lograr dele as frescas sombras

Lembrão-nos cá nas Aldeyas  
tão pouco altivas vanglorias  
que temos por benefício  
achar quem nos faça sombra.

Este Ryo tão vistoso!  
que das arvores que se adorna  
finge hu cristalino espelho  
de troncos e verdes folhas.

Do verdor, e mais das águas  
tão lindo objecto se forma  
que hua liquida esmeralda  
me pareceo cada onda.

E findando as digreções  
vos quero contar em soma  
o fim com que nós sahimos  
desta Casa pela hum'hora.

Deitamos no Ryo as redes,  
esganas, e varredoiras,  
alvitanas, coelheiras,  
Salmoeiras, e mais outras.

---

<sup>26</sup> Freguesia situada entre Braga e Barcelos.

Tivemos feliz sucesso  
nestas disposições todas,  
como pelo que mandamos  
soponho que já vos consta.

Com peixes, águas, e plantas  
foy a tarde deleytoza,  
o mundo sempre foy louco  
e só do vário se gosta.

Mas nada me satisfaz  
se me dilatais as novas  
sempre da vossa saúde  
em que o gosto se melhora.

Depois, os efeitos da dominação castelhana não deixaram de afectar profundamente a poesia nacional até readquirir as suas naturais virtualidades.

E nem sempre foram tristezas.

Depois de meados do século XVIII, no país da máquina a vapor estabeleceu-se um desafio de ordem paisagística entre a *terra negra* do carvão de pedra e da fumarada que das chaminés fabris se elevava e obscurecia o céu; por contraste, a *terra verde* dos campos, dos prados e dos vales verdejantes. Se a indústria recebeu as suas melhorias técnicas, também a actividade rural se animou de esperanças. Foi embalada por um clima de desanuveamento que com o tempo passou fronteiras e se espalhou por toda a parte, ávido das promessas da terra-mãe de todas as coisas.

Com o advento do romantismo, séc. XIX, toda a natureza se achou invadida por um sopro de alma e vida desde as pedras às plantas, e esta renovação chegou a todos os recantos da terra, mesmo às mais recônditas aldeias. Estava em marcha a poesia da vida campestre.

Como nas *cantigas de amigo*, que são as de mais profunda tradição nacional começaram a correr com maior intensidade, transmitidas por cantadores e cantadeiras, descendentes dos antigos jograis e jogralesas, as cantigas populares que alegraram e encheram de optimismo o rude trabalho do campo. Das sementeiras às colheitas, das podadas às vindimadas, o labor rural foi abençoado por cantares festivos. As tocatas e as rondas compareciam nas tarefas principais e davam-lhe um ar de festa. Neste plano da sua luta pela vida o povo, versejando a seu modo e na medida das suas posses, segue o exemplo de antigos trovadores, continuando no caminho

da genuína fonte da sua inspiração. Diz Carolina Michaelis que é colhendo da tradição oral as composições narrativas que ainda se cantavam, mais como acompanhamento das fainas agrícolas que nas distrações dos dias festivos, que os Portugueses continuavam a colaborar na construção de um admirável Romanceiro.

*Canta o segador contente,  
E o trabalhador, cantando,  
O trabalho menos sente.*

Camões, *Babel e Sião*.

No seu anonimato, as quadras populares são humildes e despretenciosas, mesmo assim carregadas de sentido. A moça que vai à fonte, que lava no rio, que fia e tece o linho para o seu bragal; ouve as primeiras palavras de amor, ou se acha enredada em intrigas amorosas; que faz suas confidências à mãe ou a uma amiga, liga a tudo isto muitas vezes a natureza anímica que a rodeia com admirável sabedoria. Das tenras ervas dos valados, a salsa, o mantraste, o tremontelo, às árvores de porte que dão sombra às águas correntes, tudo serve de motivo de inspiração em toda a diversidade de situações que o amor pode ocasionar entre os seus cúmplices. E não falta o bom humor para a crítica pessoal e colectiva, como nas *cantigas de maldizer*. Esta poesia sã, colhida da experiência vivida por gerações sucessivas no convívio com as verdadeiras fontes dos recursos vitais do homem, faz falta à mocidade actual, principalmente a mergulhada no mundo urbano que pouco ou nada lhe pode dizer das origens do que se vestem e alimentam; e também para que se não sinta cada vez mais desvairada pelo eterno fado corrompido de poetas de *boites* e *botequins*.

Pelo caminho das romarias, que conduzem às ermidinhas que alvejam pelos cimos e encostas dos montes e aos Santuários nos dias de festividade dos santos protectores, seguiam ranchos de romeiros acompanhados de viola e cavaquinho, harmónica ou concertina, ferrinhos, pandeiretas e tambores, até desaguar nos vastos terreiros onde a sua presença se fazia esperar para rodopiar e cantar, travando-se as desgarradas e desafios. Esta vocação musical, natural e espontânea, está actualmente restrita à existência de uns raros grupos folclóricos que com intuítos lucrativos se exibem nos coretos dos arraiais e são justamente aplaudidos. Bom seria que se formassem muitos mais e retomassem os repertórios de suas terras para que estas tradições populares de saudosa memória não caiam em total esquecimento.

Como nas *cantigas d'amigo*, não vai faltar abundância de temas nas trovas populares:

*Albas ou alvoradas*

Demora-te, ó noite, espera,  
Manhã, não venhas tão cedo;  
A flor qu'eu tenho nos braços  
Vendo a luz nascer, tem medo.

*Bailadas ou bailias*

Para cantar e bailar,  
Menina, Deus te criou;  
Mal haja tua mãe  
Que tão depressa te casou.

*De romaria*

Eu hei-de ir ao S.to António,  
Meu amor, é por promessa;  
Mas sou filha d'homem manco,  
Não posso andar depressa.

*Barcarolas*

Mandei fazer um barquinho  
Da casca da laranjeira,  
P'ra embarcar meu amor  
De Soutelo p'rá Ribeira.

*Marinhas*

Se o mar tivesse varandas,  
Ia-te ver ao Brasil;  
Mas o mar não tem varandas,  
Meu amor, por onde hei-de ir?

*Cantigas da fonte*

Minha mãe mandou-me à fonte  
Pela hora do calor;  
Eu quebrei a cantarinha  
A dar água ao meu amor.

### *Pastorelas*

A minha viola nova  
Tem dezoito caravelhas  
P'ra levar uma ronda  
A menina das ovelhas.

### *Satíricas*

Canta, Maria, canta,  
Lá dentro do teu quartel;  
Se as pulgas fossem abelhas,  
Colhias pipas de mel ...

### **AMARES — FEIRA NOVA**

Eu hei-de matar quem mente,  
Executar minha paixão;  
Os homens são os que mentem,  
As mulheres não mentem não.

Tu julgas que por m'eu rir  
Já me tinhas na mão,  
Eu não sou tão rabaceira  
Que coma a fruta do chão.

A folha da hera trepa,  
A do junco vai descendo,  
Fala p'ra quem quiseses,  
Qu'eu de ti nada pretendo.

Não há homem como Deus  
Nem mulher como Maria  
Nem estrela como a do Norte  
Nem luz como a do dia.

Passo noites em claro,  
Não sei que me leva o sono,  
Somente em me lembrar  
Que o meu amor tem dono.

Estrelas descei cá baixo,  
Vinde prestar juramento,  
Vinde dizer ao meu bem  
S'eu com outro perco tempo.

Meninas casai comigo,  
Não tenhais medo da fome,  
Que meu pai tem uma quinta  
Que mantém a quem não come.

Meu amor canastro velho,  
Siranda rota sem fundo,  
Guardanapo de estalagem,  
Rodilha de todo o mundo.

Que passarinho é aquele  
Que canta na oliveira?  
É o galo do senhor abade  
Que fugiu à cozinha.

Chamaste-me preta preta,  
Eu sou preta. bem o sei;  
Também a azeitona é preta  
E vai à mesa do rei.

Água do rio grande  
Vai regar a quinta ao rei;  
Enquanto rega e não rega  
Chega-te p'rá'qui meu bem.

A água do rio grande  
Vai regar o cipreste;  
A chuva que te não molhe,  
O sol que te não creste.

Numa loja de mercearia  
Havia uma grande questão,  
Ouviu-se o arroz apitar  
Pelo colorau e açafão.

Nisto chegou o azeite,  
Aqui quero que me respeite;  
Trata-se de acomodar  
O bacalhau a estrebuchar.

A estrelinha com medo dizia:  
Aqui hoje ninguém escapa,  
Já vi matar uma batata  
Numa loja de mercearia.

Então vem a ceira dos figos,  
Queria bater n'aletria;  
Foge daí que te mato,  
Fez o tabaco a pontaria.

Por fim chegou o macarrão  
Todo triste apaixonado:  
Tanta pancada levou  
Que morreu todo inchado.

Notas de vinte voai  
Por esse mundo sem fim,  
Dizei às de conto de réis  
Que não se esqueçam de mim.

Bendita seja a pobreza  
Que nosso Senhor nos deu;  
O pedir não é desprezo,  
Seu filho também pediu.

Todos nós nascemos nus  
Do ventre de nossas mães;  
Porém depois de nascidos  
Já não somos iguais.

Esta sorte já nos vem  
Dos nossos antepassados:  
Uns nascem p'ra ser felizes,  
Outros p'ra ser desgraçados.

Tu dizes que não me queres  
Por eu ser pobre, e não ter;  
Podem te as ricas faltar,  
Eu ser pobre e não te querer.

Num tronco seco mirrado  
Escrevi o nome teu,  
Tal brilho tinha o teu nome  
Que o tronco reverdesceu.

Ó vida da minha vida,  
A minha vida é roubar;  
Se te achares roubadinho,  
De mim te podes queixar.

Apostava o quer que fosse,  
Eu tenho toda a certeza:  
Tu és o meu lírio doce,  
O primor da natureza.

Amei e fiz juramento  
De nunca mais voltar amar;  
Só o teu olhar meiguinho  
Fez minha jura quebrar.

Já morri e m'enterraram  
Debaixo de dois terrões,  
Tornei a ressuscitar  
Com as tuas orações.

Já morri e m'enterraram  
Debaixo das pedras frias,  
Tornei a ressuscitar  
Com duas avé-marias.

Não sei que mal fiz ao sol  
Que não dá na minha rua;  
Hei-de me vestir de preto  
Que de branco anda a lua.

Não sei que mal fiz ao sol  
Que não dá no meu telhado;  
Hei-de me vestir de preto  
Que de branco não m'é dado.

S'eu soubesse quem tu eras,  
Quem tu me vinhas a ser,  
Mandava vir da botica  
Remédio para morrer.

Tenho dentro do meu peito  
Um suspiro por abrir,  
Ninguém sabe o meu intento  
Nem o que hei-de seguir.

Não tenho mais que te dar  
Nem tu mais que me pedir:  
Um cravo meio aberto,  
Um suspiro por abrir.

Toma lá que te dou eu,  
Olha que é a tua fortuna:  
Uma mão cheia de nada,  
Outra de coisa nenhuma.

As saudades do meu bem  
Tem-me posto na espinha,  
Não torno a ser quem era  
Nem a caldos de galinha.

### BICO (S. VICENTE)

#### Para o Romanceiro de Entre-Homem e Cávado

S. Vicente é boa terra,  
Ninguém te quer mais do que eu,  
Basta ser aquela aldeia  
Onde o meu amor nasceu.

Igreja de S. Vicente  
Feita de pedra tão morena,  
Dentro dela ouve missa  
Quem me causa tanta pena.

A moda do sapatinho,  
Quem na havia de inventar:  
As freirinhas do convento,  
Estão à sombra, têm vagar.

As telhas do teu telhado,  
As pedrinhas do teu muro  
É que te hão-de dizer  
As vezes que te procuro.

Ó minha mãe, s'eu morrer,  
Faça-me um enterro a sério,  
Quatro rapazes solteiros  
Que me levem ao cemitério.

Ó rapazes, s'eu morrer,  
Levai-me devagarinho,  
Ao chegar ao cemitério  
Pousai-me com carinho.

Nós de cá, vós de lá,  
Mete-se o rio no meio:  
Se cá estivesse o meu amor  
Mandava-lhe pôr o freio.

Não te encostes à parede,  
É de barro, larga pó:  
Encosta-te ao meu peito,  
Sou solteira, durmo só.

Tenho sono de galinha,  
Galinha dorme de pé:  
Tenho o meu sono perdido  
Mas não digo por quem é.

João pobre, João rico,  
Não quero senão João,  
Seja pobre, seja rico,  
É João do coração.

A terra de Rendufe,  
Não sei que graça lhe achais,  
É terra de feijões miúdos,  
Alimento dos pardais.

A freguesia de Rendufe,  
Tem uma silva caída:  
Os moços a cinco réis,  
As moças a meia libra.

Menina, que vai passando  
Com a sua canastrinha,  
Deixe-me ver a sua fruta  
Se ela é verde ou madurinha.

A minha fruta é boa  
P'ra gente particular:  
Mas você duvida disso  
Também lha dou a provar.

Pois tire cinco réis dela  
Escolhida por sua mão;  
Mas na conta da laranja  
Bote também um limão.

Por esse mundo abaixo  
Toda a gente me quer bem:  
Só a mãe do meu amor  
Não sei que raiva me tem.

Pedras desta calçada  
Levantai-vos e dizei:  
Quem vos passeia de noite  
Que de dia bem no sei.

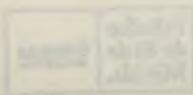
Se passares ao cemitério  
No dia do meu enterro  
Diz à terra que não coma  
As tranças do meu cabelo.

Moro à beira do rio,  
Moro mesmo à beirinha  
Da janela do meu quarto  
Ouço cantar a sardinha.

Os homens são o diabo  
Que tenta as criaturas:  
Que fazem pouco delas  
Desde que as caçam seguras.

Subi ao limoeiro,  
Pus o pé na segurança:  
Nunca dou ponto sem nó  
Nem falas sem confiança.

Eu queria cantar alto,  
A garganta não m'ajuda,  
Hei-de mandá-la lavar  
Com uma laranja madura.



Pega lá esta laranja,  
Tira-lhe o que ela tem dentro;  
Da tona faz um barquinho,  
Embarca o teu pensamento.

Moro à beira do rio,  
Meus vizinhos são penedos:  
Da janela do meu quarto  
Ouço cantar os morcegos.

Menina que vai no barco  
Tire o pé que molha a meia:  
Vai casar à tua terra,  
Não venhas à terra alheia.

Meu amor, não vivas triste,  
Nem morras apaixonado,  
Olha que o meu coração  
P'ra ti está reservado.

Agora que apinta o bago,  
Agora que anda o pintor,  
Agora é que eu vou falar  
Deveras ao meu amor.

Sol posto, quero encosto,  
Eu morro por me encostar;  
Se tu morres por me ver,  
Eu morro por te falar.

Eu já vi a morte negra,  
A comer um cacho d'uvas.  
Vai-te embora, morte negra,  
Que desgraças as viúvas.

Amanhã, se Deus quiser,  
Hei-de ir à missa ao mosteiro;  
Quero ver o meu amor  
Lá no meio do terreiro.

O padre quando diz missa,  
Abre o livro, diz *oremus*:  
Dizes que hei-de ser tua,  
Eu digo qu'inda veremos.

Dai-me vinho, dai-me vinho,  
Que água não posso beber;  
A água tem sangue-sugas,  
Tenho medo de morrer.

Lugar da nossa igreja,  
Hei-de-te mandar varrer,  
Com uma vassoura de prata,  
Que d'oiro não pode ser.

Olha o diabo da rola  
Onde foi fazer o ninho,  
Num pinheiro tão alto  
No derradeiro caninho.

Lindos olhos tem a cobra,  
Quem me dera assim os meus;  
Hei-de lavar os meus olhos  
Onde a cobra lava os seus.

Maria, dá-me o teu nome,  
Também quero ser Maria;  
As Marias são alegres,  
Também quero alegria.

O meu amor é António,  
Eu no andar o conheço;  
Tem um andar miudinho  
Com'a folha do codeço.

Semei um talho d'alhos,  
Só me nasceu uma leira:  
Quando nasceram os homens  
Nasceu fraca sementeira ...

Diabos levem os homens  
Fora a três qu'eu quero bem,  
Meu pai e meu padrinho,  
O outro não digo quem ...

Fora este juramento,  
Sempre jurei a verdade;  
Se eu te quero bem ou não,  
Deus do céu é quem o sabe.

Algum dia p'ra te ver  
Saltava sete quintais:  
Agora p'ra te não ver  
Saltava sete ou mais.

Quem me dera ver meu bem  
Trinta dias cada mês,  
Sete dias na semana,  
A cada instante uma vez.

O sete-estrela caiu  
Na açucena do jardim:  
Compadeça-se, menina,  
De quem está ao pé de mim.

Sete silvas em meu peito  
Fizeram uma sociedade:  
Todas sete me prenderam,  
Só uma foi de vontade.

Eu tenho sete lencinhos,  
Todos sete são de linho:  
Eu tenho sete amores,  
Mas só um é meu vizinho.

Ó vida da minha vida,  
Eu que melhor vida quero:  
Estou na minha liberdade,  
Vou e venho quando quero.

Minha mãe mandou-me à fonte  
Pela hora do calor:  
Eu quebrei a cantarinha  
A dar água ao meu amor.

Minha mãe mandou-me à fonte,  
Mas eu não queria ir;  
Quebrei a cantarinha,  
Depois tive de fugir.

Loureiro bate, bate,  
Eu bem o ouço bater  
Co'as pontas no telhado  
P'ró meu amor perceber.

O loureiro é temível,  
Eu não o temo em nada:  
Só temo a tua língua  
Que me dizem qu'ê danada.

A mulher é infeliz  
Até no vestir da saia:  
Não há desgraça nenhuma  
Qu'aos pés da mulher não caia.

A oliveira do adro  
Deita caninhos de prata;  
Tomar amores não custa,  
Deixá-los é o que mata.

A oliveira do adro  
Tem folhinhas em cai, cai;  
Bem puderas tu, menina,  
Ser a nora de meu pai.

Eu dispus a silva verde  
Nas bordas do chafaris:  
Eu dispus do meu amor,  
Foi a melhor coisa qu'eu fiz.

Esta casa é muito alta,  
Casa dum grande lavrador,  
Deus lhe dê um filho padre  
Que seja nosso prior.

Ó Senhora do Alívio,  
Ajudai o meu irmão,  
Ajudai-o a ser padre,  
Metei-lhe o livro na mão.

Se ouvires dizer qu'eu morro,  
Não metas roupa na tinta;  
Eu morro e vou p'ró céu,  
Tu ficas na tua quinta.

Se ouvires dizer qu'eu morro,  
Não chores por mim, meu bem,  
Que a morte dum desgraçado  
Não deixa pena a ninguém.

Em Caldelas não há moças,  
Na Torre há falha delas,  
Em Fiscal é o refugo,  
S. Vicente é terra delas.

Antoninho, se fores padre,  
Hás-de ser meu confessor;  
Também se o não fores  
Hás-de ser o meu amor.

Ao passar o ribeirinho,  
Quebrei a minha viola;  
Apanhei os cavaquinhos  
Para fazer outra nova.

Ó moças cantai e ri,  
Guardai o que vosso é:  
As que não cantam nem riem  
Também lhes escorrega o pé.

Deste-me um ramo d'arruda,  
Fizeste de mim diabo:  
Diabo é-lo só tu  
Que me trazes enganado.

Deste-me um beijo tremido,  
Como quem chora o que dá;  
Deste-mo de má vontade,  
Não o quero, tom'ó lá.

Deitei um cravo ao poço,  
Ele tornou-se a subir;  
Quem tomar amor comigo  
Vai ao céu e torná a vir.

Deitei um cravo ao poço,  
Fechado saiu aberto;  
Agora anda uma moda  
D'enganar a quem é esperto.

A Senhora d'Abadia  
Diz que me há-de dar um dote;  
Se mo há-de dar em vida,  
Que mo dê na hora da morte.

A Senhora d'Abadia  
Diz que me há-de aparecer:  
Apareça-me Ela já,  
Que bem folgo de a ver.

Senhora d'Abadia  
Anda no Arrebentaço  
Em manguinhas de camisa  
Com seu Menino no braço.

Eu hei-de ir ao céu, hei-de ir,  
Amortalhada em ais,  
Quero que todos saibam  
A vida que vós me dais.

Senhora do Alivio,  
Vós que dais a quem vos ama?  
— As casadas bom marido,  
— As solteiras boa fama.

Ai Jesus estou a morrer  
À espera do cantador;  
Bota-me aqui uma mão  
Se queres ser o meu amor.

Ondas do mar abrandai  
Qu'eu quero caçar um peixe;  
Quero deixar este mundo  
Antes que o mundo me deixe.

Já morri, já m'enterraram  
Debaixo da terra fria:  
Tornei a ressuscitar  
Com a tua Ave-Maria.

Meu amor me deixou,  
Não tenho pena nenhuma;  
Ainda me deixou a tempo,  
Deu topar melhor fortuna.

Tu Maria, eu Maria;  
Somos duas Mariquinhas,  
Iremos para o convento,  
Seremos duas freirinhas.

Se o casar fosse no fim  
Como é no começo,  
Eu diria a meu pai —  
Que me casasse no berço.

Casai-me meu pai, casai-me,  
Enquanto eu sou rapariga;  
O milho sachado tarde  
Nem dá palha nem dá espiga.

Eu casei-me, cativei-me,  
Troquei a prata pelo cobre;  
Troquei a minha liberdade  
Por moeda que não corre.

Eu já vi a morte negra  
No adro de S. Vicente,  
Com um alforge às costas  
Um p'ra trás, outro p'rá frente.

Ó Virgem Nossa Senhora,  
— Que linda palavra dei —  
Guardai-me, Nossa Senhora,  
Já que guardar-me não sei.

Eu queria merendar,  
Minha sogra não tem pão;  
Agora no mês de Maio  
Aí que dor no coração.

Minha sogra não tem gostos,  
Gosta da chita amarela;  
Ela não goste de mim,  
Eu também não gosto dela.

Hei-de ir ao céu em vida  
Para ver o que lá vai:  
Tanta mulher sem marido,  
Tanta menina sem pai.

Hei-de ir ao céu em vida,  
Hei-de levar nove rosas:  
Três brancas, três amarelas,  
Três vermelhinhas, formosas.

O Sol é o rei das flores,  
Aprendeu a jardineiro;  
— Ninguém se fie nos homens  
Sem lhe dar a mão primeiro.

António foi o primeiro  
A quem comecei a amar;  
Há-de ser o derradeiro  
A quem eu hei-de deixar.

Da janela de meu pai  
Vejo o pomar de meu sogro;  
Antes queria ver o filho  
Que a fruta do pomar todo.

Ó vida da minha vida,  
Quatro com cinco são nove;  
Vou deixar o meu amor  
Qu'ele é rico, eu sou pobre.

Quatro com cinco são nove  
Quinze vezes são sessenta;  
Mas eu não sei que tenho  
Que algum pecado me tenta.

Vou-te deixar, meu amor,  
E tu dá-te por bem deixado;  
Faço de conta que sou  
Viuvinha sem ser casada.

Meu amor, já me deixaste,  
Mas por ti não boto dó:  
— Muito fraco é o navio  
Que tem uma vara só.

Tu, se fores a Vila-Verde,  
Leva as contas de rezar:  
Que lá estão as feiticeiras  
Que te querem enfeitiçar.

Meu coletinho de linho,  
Ninguém lhe há-de pôr a mão;  
Só se for minha cunhada  
Qu'é mulher de meu irmão.

Eu tenho um lenço de suspiros,  
Meu amor, para te dar:  
Mas atei-o pelas pontas,  
E não o posso desatar.

Ó oliveira do adro,  
Não assombres a igreja,  
Que bem assombrado anda  
Quem não logra o que deseja.

Trago uma pena no peito  
Que me leva à sepultura,  
Por o meu amor ser alto;  
Eu não ser da sua altura.

Esses teus olhos brilhantes,  
O teu modo encantador;  
Em tudo tens formosura,  
Só me tens pouco amor.

À segunda-feira te amo,  
À terça te quero bem,  
À quarta por ti espero,  
Na quinta por mais ninguém.

Ó figueira, dá-me um figo,  
Ó silva, dá-me uma amora,  
Meu amor, dá-me um beijinho,  
Que me quero ir embora.

Eu tenho sete laranjas  
Escondidas num baú,  
Para dar ao meu amor,  
Queira Deus que sejas tu.

O loureiro bate à porta,  
— Ó salsa vai ver quem é:  
São os ladrões dos teus olhos  
Que roubam à falsa fé.

O cravo depois de seco  
Significa amor perdido;  
Por mais que queira não posso  
Tirar de ti o sentido.

Não te quero para mim,  
Daí podes tirar o sentido.  
— Nem que dêes sete voltas  
Tu hás-de casar comigo.

Tu que tens, ó menina,  
Que vens tão triste a chorar?  
— Que hei-de ter, ó minha mãe,  
O meu amor vai-se casar!

Eu bem te dizia, filha,  
Não querias acreditar:  
Que as falas qu'ele te dava  
Eram só p'ra te enganar.

Cale-se lá, minha mãe,  
E meu pai que me criou;  
Que eu hei-de enganá-lo  
Como ele me enganou.

Já lá vem ele abaixo  
No seu cavalo montado;  
— Bom dia, minha menina;  
Diz-me como tens passado?

Inda ontem me disseram,  
Ai, que tu ias casar.  
— É verdade, minha menina,  
Que a venho convidar!

— Espera aí um bocadinho,  
Enquanto vou ao sobrado  
Buscar um copo de vinho  
Que p'ra ti está reservado.

— Tu que deitaste no copo,  
Tu que deitaste no vinho?  
Estou perdido das ideias,  
Já não atino o meu caminho!

— Se a tua mãe julgava  
Ter o seu filho vivo,  
Também a minha julgava  
Que tu casavas comigo.

— Vou falar a minha mãe  
Dar-lhe tudo a saber;  
Ou ela queira ou não queira,  
Tudo está em meu poder.

— Eu à tua mãe não falo,  
Que me pode descompor;  
Mas mando lá um amigo  
Qu'è o nosso reitor.

Pois manda lá o reitor  
Amanhã pela manhã,  
A ver se arranja tudo  
Para dia de S. João.

— No dia da nossa boda  
Hás-de comer um carneiro,  
Chamaremos o careca  
Para nosso cozinheiro.

Tenho papel tenho tinta,  
Só me falta o escrivão  
Para deitar ao jornal  
O pago que os homens dão.

Eu levo a minha vida  
Assentado a escrever,  
Só preciso duma mulher  
P'ra me fazer de comer.

Eu de mim sou peixeira,  
Parto e vendo peixe às postas;  
Como quer você casar  
Com essa mochila às costas?

Já pasei o mar a nado,  
Nas ondas do teu cabelo;  
Agora posso dizer  
Que passei o mar sem medo.

Em Lisboa fui nascida,  
No Porto fui baptizada,  
Em Braga tomei amores,  
Em S. Vicente estou casada.

Adeus, cidade de Braga,  
Cheia de mil razões,  
Adeus, porta dos alferes,  
Dos tenentes e capitões.

Hei-de cantar, hei-de rir  
Nem que seja p'raí à toa;  
O meu cantar e o meu rir  
Não me tiram de ser boa.

Vamos cantar, raparigas,  
Sem cantar não fique nenhuma,  
Que o cantar e o bailar  
Não é desonra nenhuma.

Como está a menina,  
Encostadinha à sacada?  
Vai há mais de três meses  
Qu'eu a não encontrava.

— Você como me há-de ver  
Que estou sempre recolhida!  
— Tenho uma mãe rabujenta,  
Vivo muito oprimida!

— Aonde vai, senhora coxa,  
Toda cheia de razão?  
Passa por mim, não diz nada,  
Não me dá a salvação?

— Você que lhe importa  
Quem vai pelo seu caminho?  
— Eu coxa, você corcunda,  
Parece um anaiinho!

Se eu soubesse qu'era tua,  
Ou que tua vinha a ser,  
Mandava vir da botica  
Remédio para morrer.

Coração por coração,  
Amor, não troques o meu,  
Olha que o meu coração  
Sempre foi leal ao teu.

Azeitona miudinha,  
Apanhada uma a uma,  
Quem fala p'ró meu amor  
Não tem vergonha nenhuma.

Azeitona miudinha,  
Que amores pode arranjar:  
A filha do cabaneiro  
Que amores pode tomar?

Minha mãe, quero casar,  
— Minha filha, diz com quem:  
— Minha mãe com um sapateiro,  
— Minha filha, fazes bem!

Casai-me, meu pai, casai-me,  
A causa bem na sabeis:  
— O casar é de quatorze,  
E eu já tenho dezasseis!

Quem me dera dar um ai  
Que se ouvisse onde eu queria;  
Que o meu amor dissesse:  
— Aquele ai por quem seria!

Os amores da outra banda  
São caros, custam dinheiro:  
De cada vez que cá vêm  
Pagam dez reis ao barqueiro.

Nem preciso de barco  
Nem preciso de dinheiro,  
Tenho meu pai no Brasil,  
Sou filho dum brasileiro.

O meu amor é de longe  
Nem qu'eu cante não me ouve,  
Hei-de lhe mandar escrever  
Numa folheira de couve.

Antoninho pede, pede,  
Calças de linho p'ró verão:  
Mariquinhas pede, pede  
Anel d'oiro p'rá mão.

Ando rouca do meu peito,  
Nem é catarro nem tosse:  
É o ladrão do meu amor  
Que de mim quer tomar posse.

Vai-te embora, ó moncoso,  
Vai-te daí assoar:  
Meu pai é brasileiro,  
Não tem filhas p'ra te dar.

Se tu fores, eu hei-de ir,  
Se tu ficares, eu ficarei:  
Olha se deitaste conta  
À cantiga qu'eu cantei.

Andais p'ra baixo, p'ra cima,  
Não atais nem desatais:  
Outros caçam passarinhos  
Nos laços que vós armais.

Se fores domingo à missa  
Põe-te em lugar que te veja,  
Não faças andar meus olhos  
Em leilão pela igreja.

S. Vicente é boa terra  
Só não havia de ter dois erros:  
Assistida de estudantes,  
Passeada por galegos.

O meu coração e o teu  
São duas teias urdidadas:  
Diga-me minha menina,  
Quando hão-de ser tecidas?

Hei-de amar, que é meu gosto  
Querer-te que é meu empenho;  
Deixar-te, se me deixares,  
Que é obrigação que tenho.

A ervilha enleia o *tanchão*  
Como se enleia um cão:  
Assim te trago enleado  
Dentro do meu coração.

Nas ondas do teu cabelo  
Hei-de me deitar a afogar,  
Para que todo o mundo saiba  
Que há ondas sem ser no mar.

Anéis de trinta moedas  
Dos teus doirados cabelos,  
Aventurei-me a ganhá-los,  
O mais certo é perdê-los.

Dei um nó na fita verde,  
Nunca eu o chegara a dar;  
Dei-o tão apertadinho  
Não o posso desatar.

A laranja de madura  
Caiu ao poço da neve;  
Nunca vi solteira triste  
Nem casada ser alegre.

Eu sempre gostei de ver  
As lavradeiras do Minho:  
As mulheres fazem pelo pão  
Os homens fazem pelo vinho.

Freguesia de S. Vicente,  
Cercada de laranjeiras,  
Terra de rapazes novos  
E de raparigas solteiras.

Diabo leve os homens,  
— Aqueles que bebem vinho —  
O Senhor me guarde o meu  
Qu'ele bebe pouquinho ...

Sol posto, é noite,  
Meu amor, vai-te deitar;  
Eu também farei o mesmo,  
Amanhã tenho de madrugar.

Os olhos que me botais,  
Sei o bem que me quereis:  
— Eu quero-vos tanto, tanto,  
Comigo nada perdeis.

Ó Senhor de Carrazedo,  
Senhor da Piedade,  
Só eu me vejo sem amores  
Na flor da minha idade!

Namorados falai baixo,  
Que as paredes têm ouvidos:  
Namorados encobertos  
Foram sempre os mais queridos.

Alfinete do meu peito,  
Perpétuas do meu jardim,  
Eu só quero que me digais  
A queixa que tendes de mim.

A queixa que tenho de vós  
Nem é muita nem é pouca:  
Só vos tenho por dizer  
Que a mocidade é louca!

Semear e não colher  
É que atrasa o lavrador:  
Também ando atrasada  
Nas falas ao meu amor.

O sol vai p'ró postoiro  
Chorar as penas que tem:  
Também eu choro as minhas  
Defronte de ti, meu bem!

A folhinha do salgueiro  
Tem um triste namorar:  
Namora as águas do rio  
Que vão a correr p'ró mar.

Se ouvires tocar o sino  
Detrás do muro dos frades,  
Não perguntes quem morreu,  
Que fui eu de saudades.

Ó que festa nós faremos,  
Quando for p'ra nos casar;  
Os sinos da nossa aldeia  
Tocarão até rachar.

Mataste a porca branca,  
Não me deste sarrabulho:  
Também te não dou filhoses  
Quando matar o meu burro.

Quereis que viva S. Vicente  
Com quatro moças què têm:  
Sabaris tem vinte e uma  
Nem todas valem um vintém.

Anda cá, ó meu amor,  
Anda cá, qu'eu cá não fico:  
Nós somos as lavradeiras  
De S. Vicente do Bico.

O meu amor amuou,  
Foi às amoras ao mato;  
Anda cá, ó meu amor,  
Que de amoras já vens farto.

Julgavas qu'eu que te queria  
Meu barbas de peneireiro?  
Inda que teu pai te desse  
Trinta rasas de dinheiro!...

A mulher p'ra ser bonita,  
Há-de ser do meu agrado:  
— Há-de ter um bom bigode  
E um nariz arrebitado.

Se tu queres e eu quero,  
Não olhemos a parentés:  
É um ano mais ou menos  
Que andaremos indiferentes.

São cerejas, são cerejas,  
São cerejas miudinhas:  
Lá na volta do correio  
Diz adeus ó Mariquinhas.

São cerejas, são cerejas,  
São cerejas das bicais;  
Lá na volta do correio  
Diz adeus p'ra nunca mais...

## LAGO

- Ele* Boa tarde, meus senhores,  
E à flor da laranjeira:  
— Dê-me licença, menina,  
De eu ir p'rá sua beira.
- Ela* Se vem p'rá minha beira,  
Vem com toda a atenção,  
Nem por sombras nem malícia  
Não me põe a sua mão.
- Ele* A mão não vo-la ponho,  
Nem sequer bulo convosco:  
Só de estar à sua beira  
Eu faço muito gosto.
- Ela* Esta rosa que aqui vedes  
Desgostais por vida vossa:  
Esta rosa que aqui vedes  
É doutro que não é vossa.
- Ele* É doutro ... que não é nossa?  
— Ainda o pode vir a ser!  
Vá chamar pelo seu pai  
Que nos venha receber.
- Ela* Meu pai não vo-lo chamo,  
Que são falas escusadas:  
Eu sou rapariga nova,  
Inda não governo casa.
- Ele* Outras mais novas ainda  
Governam casa e marido:  
Consigo sucederá o mesmo,  
Se chegar a casar comigo.
- Ela* Eu consigo fora, fora,  
Se não fosse recear,  
Eu sei a vida que tenho,  
Não sei a que me irá dar.

*Ele* A vida que lhe irei dar  
Já a pode ir sabendo:  
Você trabalha, eu trabalho,  
Assim iremos vivendo ...

*Ela* Assim iremos vivendo,  
Isso são as tais coisinhas  
Que te tenho ensinado  
Com as minhas palavrinhas.

*Ele* Aqui tem a minha mão,  
Faça dela o que quiser;  
Eu fico a ser teu marido  
E tu a minha mulher.

Menina, não te enamores  
Dum casado qu' é um perigo:  
Enamora-te dum solteiro  
Que pode casar contigo.

Enamorei-me, enamorei-me,  
Não me soube enamorar:  
Enamorei-me dum vadio  
Que não me soube estimar.

Cheira-me aqui a pão branco,  
Sinal de casamento:  
Menina, vamos ao pão,  
Que de casar temos tempo.

Tenho à minha janela  
Um vaso de trepadeiras:  
Tenho muitas amigas,  
Metade são feiticeiras.

Nossa Rosa quer casar  
Com um rapaz da freguesia;  
Tem uma casa e um eido,  
Nossa Rosa que mais queria.

Maria, minha Maria,  
Maria, meu ai Jesus,  
Há dias que te não vejo,  
Nem a candeia dá luz.

Ó lampião da esquina,  
Alumia cá p'ra baixo:  
Eu perdi o meu amor,  
As escuras não o acho.

A silva nasceu-me em casa,  
Deu volta pela cantareira:  
Arranje meu pai quem o sirva,  
Qu'eu já tenho quem me queira.

Sou solteira, solteirinha,  
Pretendia me casar,  
Venho pedir ao menino  
Se a sua mão me quer dar.

Menina, pegue na pena;  
Escreva que eu vou notando:  
Escreva que hei-de ser sua,  
Não sei a hora nem quando.

Tenho dentro do meu peito  
Botica e boticario,  
Para te dar 'o remédio  
Quando te for necessário.

Cante bem ou cante mal,  
Canto de toda a maneira:  
Toda a vida ouvi dizer:  
— Cantigas não vão à feira.

Ó luar da meia noite,  
Espera por mim, qu'eu lá vou:  
Deixa dormir o meu amor  
Qu'inda agora se deitou.

Se ouvires cantar o triste  
Não o vades censurar,  
Quantas vezes o triste canta  
Com vontade de chorar.

O meu amor me disse ontem  
Que me havia de ver hoje,  
Ele por hora não tarda  
Qu'ele vem de muito longe.

Ó meu amor de tão longe,  
Chega-te cá para perto,  
Que me doi meu coração  
De te ver nesse deserto.

Toda a vida gostei e gosto  
Dum rapaz arranjadinho,  
De cabelo ondedado,  
De chapéu derrubadinho.

Menina, pede a teu pai  
Qu'eu também peço ao meu:  
A vinte e quatro d'Agosto  
É o S. Bartolomeu.

O cravo fechado abre  
No valado d'uma poça:  
Não há homem que mereça  
O coração duma moça.

Vós chamais-me moreninha,  
Isto é do pó da eira:  
Haveis de me ver ao domingo  
Com'a rosa na roseira.

Minha sogra quer-me mal,  
Minha cunhada também;  
Que me importa minha sogra?  
— Queira-me seu filho bem!

Eu vou por aqui abaixo,  
Todo o mundo me quer bem:  
Só a mãe do meu amor  
Não sei que cisma me tem.

Vou cantar uma cantiga  
Que não sei se saberei:  
Quem não usa não é mestre,  
Eu também assim serei.

Moleira, anda p'ró céu,  
Senhor, não tenho vagar,  
Tenho a fornada na adelha,  
Inda stá por maquear.

Ó vida da minha vida,  
Sou moleira da Ribeira:  
Caço peixes sem rede,  
Ratinhos sem ratoeira.

Pedreiro pica na pedra,  
Carpinteiro na madeira:  
Cada qual tem sua arte,  
Eu também sou costureira.

Comboio apita, apita,  
Comboio vai àpitar,  
Que me traz o meu amor  
Da vida de militar.

Comboio apita, apita,  
Comboio apitador,  
Levaste e não trouxeste  
As malas do meu amor.

O meu amor me deixou,  
Julgando qu'eu que morria,  
Vão-se uns e vêm outros,  
Vivo na mesma alegria.

Nossa Senhora me disse  
E outra me mandou dizer:  
— Que não andasse de noite,  
Que me havia de perder.

Ando triste com'a noite,  
Nada no mundo me alegra,  
Só me alegravam teus olhos  
Se na mão os já tivera.

Nossa Senhora me disse  
De cima do seu altar:  
— Rapariga, faz por ser boa,  
Eu farei por te ajudar.

Ó meu amor não embarques,  
Nem te metas no navio  
Olha que as ondas do mar  
Não são as do nosso rio.

Vem cantar uma cantiga,  
Que bem sei como se canta,  
Dá-se um jeitinho à boca,  
Revoltea-se a garganta.

Canta, canta, voz dum anjo,  
Que tu cantas lindamente,  
Se cantasse como tu,  
Faria por cantar sempre.

Ainda agora aqui cheguei,  
Mais cedo não pude vir,  
Ainda vim muito a tempo  
D'as tuas falas ouvir.

Maria, minha Maria,  
Maria minha mulher,  
Julguei que Maria era minha,  
Maria é de quem a quer.

Tenho um amor, tenho dois,  
Tenho três, não quero mais:  
— Para que quero mais amores,  
Se eles não me são leais?

Tenho um amor em Viana,  
Outro em Ponte de Lima:  
O de Viana não presta,  
O de Ponte é coisa fina.

Rapariga, tu és tola,  
O diabo te tentou:  
Foste casar a Freiris  
Onde a fome se gerou.

Ó vida da minha vida,  
Quatro com cinco são nove:  
O meu amor me deixou  
Ele é rico, eu sou pobre.

Tenho um saco de cantigas  
E mais uma taleigada,  
Para cantar toda a noite  
Mais toda a madrugada.

Rosa branca, toma cor,  
Não sejas tão desmaiada,  
Que dizem as outras rosas:  
— Rosa branca, não és nada.

Rosa, se estás na roseira,  
Deixa-te estar até ver:  
Qu'eu vou ao Brasil e venho  
Inda te hei-de vir colher.

O meu amor foi-se embora  
Nem adeus me veio dizer ...  
— Apertou-me a mão e disse:  
— Sou-te firme até morrer.

Ó meu amor, jura, jura,  
Faz uma jura bem feita:  
Jura que me hás-de dar  
Na igreja a tua mão direita.

Ó meu amor Deus te ajude  
Qu'eu não te desejo mal:  
— Que te dê uma saúde  
Qu'eu te vá ver ao hospital!

Ó meu amor, vai e vem,  
À vinda vem por aqui,  
Qu'eu baixarei meus olhos  
E farei que te não vi.

Meu amor, anda me ver  
Ao fundo deste ribeiro,  
Ainda que me não pretendas,  
Falas não custam dinheiro.

Não me atires com pedrinhas,  
Qu'estou a lavar a louça;  
Atira-me com beijinhos  
De modo que ninguém ouça.

Raparigas do meu tempo,  
Rapazes da minha idade,  
Casai-vos de trinta anos,  
Gozai bem a mocidade.

Cantigas ao desafio  
Comigo ninguém as cante,  
Tenho quem m'as ensine,  
O meu amor é estudante.

As estrelas do céu correm  
Todas numa carreirinha:  
Assim a fortuna corresse  
Da tua mão para a minha.

Tomei amores com o vento,  
Não sei se faria bem ...  
O vento vira e desvira,  
Não toma amores a ninguém.

Está o céu anuveado,  
Está p'ra chover, não chove ...  
Está o meu amor doente,  
Está p'ra morrer, não morre.

O meu amor vem aí ...  
Ele que virá buscar?  
— Vem encher-me de saudades,  
Acabar de me matar.

Abala meu bem, abala,  
Abala, anda-me ver,  
Que as cartas são escusadas,  
Para mim que não sei ler.

Escrevia-te uma carta  
Se tu soubesses ler,  
Assim vais dar a outra  
Meus segredos a saber.

Ó cantadeira afamada,  
Olha lá com quem te metes,  
Tenho na minha algibeira  
Quatrocentos canivetes.

Ó Margarida moleira,  
Dá-me da tua farinha,  
Qu'eu ta quero peneirar  
Com uma nova peneirinha.

Mas que lindo é o céu,  
É um palácio doirado!  
Quem se quiser gozar dele  
Tem de sair do pecado.

Quem me dera ir p'ró céu  
Nem que seja p'ra um cantinho,  
P'ró pé de Nossa Senhora,  
Embalar o seu Menino.

Solteirinha, solta, solta,  
Casada, prisão, prisão ...  
Mais vale uma solteirinha  
Que quantas casadas *hão*.

O meu amor de brioso,  
Diz que não quer comer nada:  
Comê uma broa de pão  
E um alguidar de salada.

O meu amor é António,  
Antoninho se lhe chama:  
Se é feio ninguém o quer,  
Se é bonito põem-lhe fama.

Quem quiser que a água corra  
Dê-lhe um golpe na levada:  
Quem quiser um amor firme  
Cale-se, não diga nada.

O loureiro pega de estaca,  
O amieiro de raiz:  
— O Senhor diz que não me quer,  
Mas fui eu que o não quis.

O anel que me deste  
Era de vidro, quebrou;  
O amor que me tinhas  
O anel o demonstrou.

Subi ao limoeiro  
Cheguei ao meio, caí ...  
— Se chegasse a cair  
Todos se haviam de rir.

Anda comigo, menina,  
A roupa deixa-a ficar;  
Tu és muito engraçada  
Roupa não te há-de faltar.

Ó pinheiro, dá-me uma pinha,  
Ó pinha, dá-me um pinhão:  
— Menina, venha comigo,  
Qu'eu dou-lhe o meu coração.

Hei-de me vestir de preto,  
De amarelo, côr d'ameixa,  
Recebi uma notícia;  
O meu amor que me deixa.

Cantiga que me cantaste,  
A ela não deitei tento:  
Ia a deitar a mão ao chapéu  
Que me fugia c'o vento.

Se te fugia c'o vento,  
Amor, deixasse-lo ir,  
Tenho na minha loja  
Chapéu que te há-de servir.

O meu amor é António,  
Antoninho se lhe chama,  
Não é quem o mundo cuida  
Que o mundo também se engana.

O meu amor é António  
Espelho de me eu vestir,  
Quem tem um amor António  
Vai ao céu e torna a vir.

Ó meu amor de algum dia,  
Ainda hoje te quero bem:  
Ainda te guardo respeito  
Enquanto outro não vem.

Chamaste-me preta, preta,  
Se sou preta, bem no sei:  
Também a azeitona é preta  
E vai à mesa do rei.

Julgavas qu'eu te queria,  
Já te andavas a gabar:  
Vai à mãe que te dê mama,  
Que te acabe de criar.

Ó coração retraído,  
Coração cheio de enganos,  
Olha a paga que tu deste  
A quem te amou tantos anos.

Mudaremos de conversa,  
Não me agrada a brincadeira;  
Eu casar p'ra trabalhar,  
Mais me vale ficar solteira.

Não quero homem viúvo  
Nem homem que viuviu;  
Inda tem detrás da porta  
A mulher que Deus levou.

Não quero um amor magala,  
Nem tenente, nem coronel,  
Não quero que a minha porta  
Seja a porta do quartel.

Cravo branco à janela  
É sinal de casamento,  
Menina, recolha o cravo  
Que de casar tem muito tempo.

O meu amor é um cravo,  
É um cravo por abrir;  
Eu também sou uma rosa,  
Que o faço aqui vir.

Adeus, meu amor, adeus,  
Até quarta ou quinta feira,  
Qu'eu não passo sem te ver  
Uma semana inteira:

Se te amo levo guerra,  
Se te deixo, tenho dor;  
Mais vale viver em guerra,  
Que te deixar, meu amor.

Adeus, igreja de Lago,  
Adeus, ó arco-cruzeiro,  
Aonde hei-de ir dar minha mão  
Ao meu amor verdadeiro.

Ó coração retraído,  
Ó cara cheia d'enganos,  
Olha a paga que tu deste  
A quem te amou tantos anos.

O Sol p'ra baixo vai,  
A sombra p'ra cima fica,  
Os casados dar-se bem  
Não há coisa mais bonita.

Hei-de amar o junco verde  
Nos campos dum lavrador:  
Não há casados sem guerra  
Nem solteiros sem amor.

Da minha janela à tua  
É o salto duma cobra;  
Ainda espero chamar  
A tua mãe minha sogra.

Ó meu querido Manuel,  
Já a folha da lata cai;  
Tu querias os meus olhos,  
Vai pedi-los a meu pai.

Eu passei à tua porta,  
Pedi água, não ma deste,  
Quando tu passares à minha  
Farei como tu fizeste.

Eu passei à tua porta,  
Pus a mão na fechadura,  
Não ma quiseste abrir,  
Coração de pedra dura.

Debaixo desta latada  
Videirinha aos aneis;  
Por causa de ti, menina,  
Vivo em penas crueis.

Ó vida da minha vida,  
Por hoje não canto mais,  
Já me doi o céu da boca  
Mais os dentes queixais.

Ó luar da meia noite,  
Não seas meu inimigo,  
Que o meu pai deitou-me fora,  
Deixa-me ir dormir contigo.

O meu amor é Domingos,  
É quem dá os dias-santos:  
Como hei-de diferencar  
Domingos entre tantos?

Quando eu era *benera*  
Eu andava no teu peito:  
Agora que não sou *benera*  
Anda lá outro sujeito.

Eu hei-de cercar Palmeira  
Com sete metros de fita,  
À porta do meu amor  
Hei-de pôr a mais bonita.

Minha mãe não quer qu'eu fale  
P'rós moços de Palmeira;  
Eu falo e hei-de falar  
Qu'eles têm muita chieira.

O meu amor era torto,  
Eu mandei-o cavacar,  
Agora já tenho lenha  
Para fazer o jantar.

O meu amor amuou,  
Foi às amoras ao mato,  
Come, come, meu amor,  
Que de amoras serás farto.

Há três dias que não como,  
Há quatro que não almoço,  
Lembra-me o meu amorzinho,  
Vou para comer e não posso.

Ó meu amor, se tu fores,  
Leva-me na tua ida,  
Eu só queria acabar  
Contigo a minha vida.

Tu mandaste-me aqui vir  
Ao pé do pinheiro manso,  
Eu vim e tu não vieste,  
Mal haja o teu descanso.

Ao passares à minha porta  
Tira o chapéu a meu pai,  
Pede-lhe a filha mais nova  
Que a mais velha já lá vai.

À minha porta está lama,  
À tua está um lameiro:  
Quando falares de mim,  
Olha para ti primeiro.

Ó vida da minha vida,  
Ó vida do dera, dera;  
Dava-lhe o meu coração  
Se o eu na mão tivera.

Debaixo da água moro,  
Debaixo da água é lodo:  
Eu não falo de ninguém,  
De mim fala o mundo todo.

Eu hei-de amar a cereja  
Por causa da cerejeira;  
Eu hei-de amar os teus olhos  
Por causa de ti brejeira.

Mariquinhas moleira,  
A saia curta ficou,  
O erro foi da costureira,  
Na medida se enganou.

Minha maçã vermelhinha  
Que me deu um caiador,  
Há um ano que a tenho  
Inda não perdeu a cor.

Minha maçã vermelhinha  
Que me deu um carpinteiro,  
Há um ano que a tenho,  
Inda não perdeu o cheiro.

O meu amor é António,  
Lindo amor tenho eu,  
Quem tem um amor António  
Tem uma quinta de seu.

Meu amor por tua vida,  
Ou por tua caridade,  
Tira-me deste degredo,  
Leva-me para a cidade.

Não sei que Braga me quer,  
Mata-se a chamar por mim:  
Hei-de ir morar p'ra Braga,  
P'rá rua do Bonjardim.

O meu amor é um anjo,  
Deus mo deu, não o mereço;  
Já mo quiseram comprar,  
Anjos do céu não têm preço.

Fui ao céu por uma linha,  
Desci por um cacho d'uvas:  
Ninguém se fie nos homens,  
São mais falsos do que Judas.

Já morri, já me enterraram,  
Debaixo de dois terrões,  
Mas tornei a ressuscitar  
Pelas tuas orações.

Pus-me a chorar saudades,  
Ao pé da água que corre,  
A água me respondeu:  
— Quem tem amores não dorme.

Já lá vai quem me lavava,  
Minha rica lavadeira,  
Deixava a roupa de neve  
Naquela fresca ribeira.

Rouxinol canta de noite,  
De manhã a cotovia,  
Todos cantam, só eu choro,  
Toda a noite e todo o dia.

O meu amor é de Braga,  
É de Braga cidadão,  
Vem afeito ao molete  
Não me quer comer o pão.

Já não tenho pai nem mãe  
E nenhum dos meus parentes,  
Sou filha das tristes ervas,  
Neta das águas correntes.

Cantai raparigas todas,  
Cantai, alegrai a gente,  
Que o tempo da mocidade  
Não vos há-de durar sempre.

Há três dias, fá-los hoje,  
Meu amor, que te não vi,  
Enchi-me de saudades  
Vim à procura de ti.

Que passarinho é aquele  
Que no ar faz ameaços?  
Com o bico pede beijinhos,  
— Com as asas pede abraços.

Moro à beira do rio,  
Os meus vizinhos são penedos,  
Da janela do meu quarto  
Ouço cantar os morcegos.

Tenho um amor que me ama  
Outro que me dá dinheiro,  
Outro que me veste e calça  
Como qualquer cavalheiro.

Ó relógio do Alívio,  
Vou-te pedir um favor,  
Que me dês um sinal  
Ao passar o meu amor.

Se fores lavar ao rio  
Lava na pedra do meio;  
Se vires cair flores  
Apanha, mete p'ró seio.

Palmeira, já foi Palmeira,  
Agora já o não és;  
Palmeira que te viraram  
Com a cabeça p'ρός pés.

Ó freguesia de Lago,  
Ao longe pareces vila,  
Tens uma rosa na entrada  
E um cravo na saída.

Dizeis que Braga é vila,  
Nem é vila nem aldeia,  
É uma nova cidade  
Onde o meu amor passeia.

José, ó Josezinho,  
Ó José enganador,  
Enganaste a menina  
Com palavrinhas d'amor.

Manuel, cacho d'uvas,  
Todas te querem penicar,  
Por seres amigo das moças  
Tua mãe quer te matar.

Assenta-te aqui, António,  
Na beira do meu tear,  
Enche-me duas canelas,  
O mundo deixa-o falar.

O meu amor é de longe,  
Inda qu'eu cante não ouve,  
Hei-de lhe mandar escrever  
Numa folhinha de couve.

Já lá vai o Sol abaixo,  
Metido num pucarinho,  
Já lá vai o brio todo  
Das moças de Gasparinho.

Pinheiro dá-me uma pinha,  
Ó pinha dá-me um pinhão,  
Menina, dá-me os teus olhos,  
Que eu dou-te o meu coração.

Com pena peguei na pena,  
Com pena escrevi um S,  
Com pena mandei dizer  
Ao meu amor que viesse.

Daqui p'rá minha terra  
Tudo é caminho chão,  
Tudo são cravos e rosas  
Plantadas por minha mão.

Ó meu amor, meu amor,  
Que trinta diabos te levem,  
Fazes-me andar tão triste  
Quando eu era tão alegre.

Tu Maria e eu Maria  
Somos duas Mariquinhas,  
Iremos para o convento,  
Seremos duas freirinhas.

Chamaste-me bexigosa,  
Isto em mim são sinais,  
Nunca vi céu sem estrelas,  
Nem altar sem castiçais.

Boa noite, meus senhores  
Desculpem minha tardança:  
Caiu-me a mulher de cama,  
Estive a lavar a criança.

Azeitona miudinha,  
Apanhada uma a uma,  
Estas raparigas d'agora  
Não têm vergonha nenhuma.

Chamaste ao meu cabelo  
Dobadoira de dobar;  
E eu chamo ao teu  
Sarilho de ensarilhar.

Da outra banda do rio,  
Da outra banda de lá  
Tem meu pai um castanheiro,  
Que muitas castanhas dá.

Esta noite vai chover  
Uma chuva miudinha,  
Quem me dera abrigar dela,  
No teu coração, Rosinha.

Mandei fazer um barquinho  
Da casca da lanjeira,  
Para embarcar meu amor  
De Soutelo p'rá Ribeira.

Quem me dera agora'star  
Onde está meu pensamento:  
Está de Lago para fora,  
De Palmeira para dentro.

Não sei se cante se chore,  
Para mim tudo são penas,  
Se canto tudo me esquece,  
Se choro tudo me lembra.

Eu queria me casar  
Mas tenho medo da fome:  
Agora veio uma lei  
Da mulher manter o *home*.

Atirei c'uma laranja  
Por cima de Braga fora,  
A laranja caiu dentro  
Adeus Braga, vou-me embora.

Daqui a Braga é longe,  
Não chegam lá meus suspiros;  
Quando eles lá chegarem  
Já vão mais mortos que vivos.

Tenho dentro do meu peito  
Duas espinhas de peixe:  
Uma diz-me que te ame,  
Outra diz-me que te deixe.

Salsa da beira do rio  
Dá-lhe o vento, vira a folha;  
Tenho um amor bem bonito  
Não havendo quem mo tolha.

Minha mãe p'ra eu me casar  
Prometeu-me uma panela,  
E depois de eu me casar  
Partiu-me as costas com ela.

Fui à Feira-Nova às moças  
Só lá encontrei hortigas,  
Virei-me p'rás de Barreiros,  
Ó que belas raparigas!

Se os beijinhos espigassem  
Como espiga o alecrim,  
A cara das raparigas  
Era um formoso jardim.

Toma lá que te dou eu  
Este raminho de goivos:  
Este ano namoramos  
P'ró ano seremos noivos.

O amieiro do rio  
Deixa passar os peixinhos:  
Quem namora às escondidas  
Dá abraços e beijinhos.

Nesta terra não há cravos  
Que secaram os craveiros;  
Os cravos da nossa terra  
São os rapazes solteiros.

Nesta terra não há rosas  
Que secaram as roseiras;  
As rosas da nossa terra  
São as raparigas solteiras.

Não há dinheiro que pague  
A filha do lavrador:  
Anda ao sol, anda à chuva,  
Está sempre da mesma cor.

Estes rapazes d'agora  
São poucos mas são valentes,  
Trazem a pia dos porcos  
Atravessada nos dentes.

Estes rapazes d'agora  
Dizem que são ... que são ...  
Trazem relógio de pulso,  
Não sabem que horas são.

Tenho carta no correio,  
Ai Jesus, de quem será? ...  
Se é de José não na quero  
Se é de António, vou lá já.

Menina que está à janela  
Com seu relógio à cinta,  
Diga-me que horas são,  
Fale verdade, não minta.

Ó Senhora do Alívio,  
De mim tende piedade:  
Que me encontro sem amores  
Na flor da minha idade.

Ó Senhora do Alívio,  
Vivo muito aliviada:  
Com uma fala que me destes  
Vivo muito desenganada.

Este rancho que aqui vem  
É todo da nossa terra,  
É um ramo de flores  
Colhido na Primavera.

À ida para S. Bento  
Espetei um osso num pé,  
Olhei para trás e disse:  
— S. Bento para onde é?

Dei um ai, tu não ouviste,  
Dei outro, não deste fé:  
O meu coração é teu,  
O teu não sei de quem é.

Hei-de cantar, hei-de rir,  
Hei-de ser pantomineira,  
Hei-de deitar palha aos moços  
Enquanto eu for solteira.

Andas morto por saber  
Onde eu tenho a minha cama;  
Tenho-a na borda do rio  
Coberta de verde rama.

Esta noite tive um sonho  
Contigo, minha beleza,  
Acordei, encontrei-me só,  
Em sonhos não há firmeza.

### **BARREIROS**

Sou casada, sou solteira,  
Sou viúva, sou donzela,  
Namorei a rosa branca,  
Inda não casei com ela.

Chita preta, chita preta,  
Chita preta bem me agrada:  
Por causa da chita preta  
Ando triste, apaixonada.

Ando triste, apaixonada,  
Tenho razões para isso:  
Andava na brincadeira,  
Roubaram-me o meu feitiço.

Roubaram-me o meu feitiço  
P'rá rua do Bonjardim;  
Desterraram o meu bem  
Pelos séculos sem fim.

Se você fosse e deixasse  
Dinheiro para gastar,  
Você pela barra fora,  
Outro já no seu lugar.

Uma pera, duas peras,  
Três peras num raminho:  
Uma é minha, outra é tua,  
Outra do meu amorzinho.

Ó mosteiro de S. Bento,  
Eu sempre te vou deixar:  
Se houver de tomar amores  
Há-de ser com quem saiba amar.

Se o loureiro não tivesse  
No meio tantos caninhos,  
Da minha janela eu via  
A Maria dos cachinhos.

Loureiro, verde loureiro,  
Seca seja a tua rama:  
Ainda não tenho amores  
Já me querem deitar fama.

Minha mãe chamou por mim  
Do portelinho da eira;  
Minha mãe, tenha vergonha  
Qu'ái vem o povo da feira.

Não me ponha o pé na saia,  
De longe diga o que quer:  
Não perde você qu'ê homem,  
Perco eu que sou mulher..

Saio à rua quando quero,  
Flor ao peito bem fechada:  
Por causa de ti, amor,  
É que eu ando enganada.

Não há vida mais bonita  
Que a dum moço solteiro:  
Andar muito asseado,  
No bolso trazer dinheiro.

O meu velho diz que morre,  
Eu digo que Deu'lo queira:  
O velho a ir p'rá tumba,  
Um novo à minha beira.

Não há vida mais bonita  
Que a duma moça solteira:  
Andar toda asseada,  
Ter dinheiro na algibeira.

Amor d'homem casado,  
Quem no quer, quem no cobiça?  
É como cântaro furado  
C'uma rolha de cortiça.

Uma velha, muito velha,  
Mais velha qu'a Sé de Braga,  
Falaram-lhe o casamento,  
Ficou toda arrebitada.

Uma velha muito velha,  
Mais velha que a Saragoça  
Falaram-lhe o casamento  
Inda tornou a ser moça.

Anda comigo, menina,  
Anda comigo sem medo;  
Qu'eu te faço um protesto  
De não te pôr a mão nem dedo.

Homem casado, vádio,  
Vai p'ra onde à tua mulher,  
Que nós somos solteirinhas,  
Nenhuma de nós te quer.

Minha mãe teve-me ao lume,  
Cobriu-me com uma tigela;  
Deram os ratos comigo,  
Rilharam-me uma costela.

Minha mãe é minha amiga,  
Quando coze dá-me bolo;  
Quando se zanga comigo  
Dá-me com a pá do forno.

Eu hei-de subir ao alto,  
Que do alto vejo bem;  
Quero ver o meu amor  
Se me fala com alguém.

A mulher que tem a roca  
Cheia de teias d'aranha  
É uma grande preguiçosa,  
Que o tacho não as ganha;

Tenho cinco reis a juro,  
Já tenho muito dinheiro:  
Já tenho meu dote junto  
P'ra casar c'um brasileiro.

Não corteis a oliveira,  
Não lhe punhais o machado:  
Que alumia toda a noite  
Ao Senhor Sacramentado.

O mar pediu a Deus peixe  
Para andar acompanhado:  
Quando o mar quer companhia,  
Que fará um desgraçado.

O mar também é casado,  
O mar também tem mulher:  
Ele é casado co'a areia,  
Bate nela quando quer.

Minha mãe p'ra me casar,  
Prometeu-me quanto tinha:  
Quando foi ao dar-m'o dote  
Deu-me um quarto de farinha.

Inda achava qu'era muito,  
Tirou-lhe uma manadinha  
Para inteirar o dote  
A outra filha que tinha.

Esta noite, à meia noite,  
Devia ser uma hora,  
Deu-lhe uma pulga um coice  
Deitou-a pela cama fora.

Estava na cama a dormir,  
Acordei pela *manhã*,  
Deu-me uma pulga um coice  
Deitou-me logo ao chão.

Eu não canto por cantar  
Nem por ser uma cantadeira,  
Canto para tapar a boca  
Aquelel murmuradeira.

Murmura de toda a gente,  
Tesoura de mau cortar:  
A minha saia está redonda,  
Não tem que arredondar.

Minha sogra morreu ontem,  
Enterrei-a no palheiro:  
Deixei-a c'um braço de fora  
P'ra tocar o pandeiro.

Minha sogra morreu ontem,  
A maleita vá com ela:  
Deixou-me a chave da loja,  
Mas o vinho bebeu-o ela.

Anda a roda, anda a roda,  
Qu'eu também lá quero ir:  
Eu sou rapariga nova  
Quero-me divertir.

Hei-de cantar, hei-de rir,  
Hei-de pintar a gibreira:  
Hei-de ser muito alegre  
Enquanto eu for solteira.

Hei-de cantar, hei-de rir,  
Hei-de ser muito alegre:  
Já mandei minha tristeza  
P'ró diabo que a leve.

Eu já não quero mais sopa,  
Que me faz mal à saúde,  
Só se for um terracinho  
Que leve meio almude.

Eu venho da romaria  
Da Senhora da canhota:  
Agora é qu'eu venho santo,  
Dá-me um abraço, cachopa.

Da minha janela rezo  
À Senhora das areias:  
Que me traga o meu amor  
Qu'anda por terras alheias.

Tenho na minha janela  
Cinco réis há tanto tempo  
Para comprar de pão branco  
P'ró dia do casamento.

Toda a vida desejei  
Uma mulher mediana:  
Deu-me Deus uma pandorça  
Que não me cabe na cama.

No dia em qu'eu nasci  
Nasceram quatro num dia:  
Nasci eu, nasceu a desgraça ...  
Tristeza, mal me ia ...

O pedreiro cheira a pedra,  
O carpinteiro a madeira:  
O lavrador cheira a terra  
O estudante a nada cheira.

Eu hei-de morrer cantando,  
Já que a chorar nasci;  
Já que a alegria do mundo  
Se acabou toda p'ra mim.

Eu hei-de passar Palmeira  
Quantas vezes eu quiser:  
Trago pistolas à cinta,  
Sou homem, não sou mulher.

Hei-de cortar o jacinto  
Hei-de o pôr a secar:  
Quero ver quem me deixa  
Se me torna a procurar.

Nem meu pai nem minha mãe  
Nem duzentos confesores  
Me tirarão do sentido  
D'eu falar p'rós meus amores.

Se tu queres e eu quero  
Nós que temos c'os parentes;  
É um ano mais ou menos  
Que andaremos diferentes.

Se soubera quem tu eras,  
Quem tu virias a ser,  
Não ouvirias falas minhas  
Nem segredos a saber.

Adeus, que me vou embora,  
(Unguentos de botica ...)  
Inda que me vá embora  
Meu pensamento cá fica.

Toda a vida desejei  
O que nunca pude armar:  
Uma casa no Brasil  
C'uma janela p'ró mar.

Rapariga, tu és tola  
Eu não sou o teu *studante*;  
Ou tu nasceste sem lua  
Ou no quarto minguante ...

Se tu queres que te ame  
Novamente agora,  
Torna tu a desamar  
Quem amaste até agora.

Quem se rir do meu cantar  
Inda o mesmo lhe aconteça:  
De manhã quebre as pernas,  
À tarde quebre a cabeça.

Ó rosa de Alexandria,  
Onde perdeste o cheiro?  
— Perdi-o na tua cama  
Na renda do travesseiro.

Eu não choro por ser rosa  
Qu'a roseira rosas tem:  
Choro que se há-de acabar  
Este nosso querer bem.

Rosa que estás na roseira  
Deixa-te estar até ver  
Qu'eu vou ao Brasil e venho  
Inda te hei-de vir colher.

A rosa para ser rosa  
Há-de ser do peito d'Ana:  
Cortadinha ao domingo  
Dura p'ra toda a semana.

Algum dia p'ra te ver  
Punha-me à porta da rua;  
Agora dava dinheiro  
P'ra não ver a sombra tua.

Trocaste-me a mim por outra  
Pano fino por baeta:  
Deixaste de amar um anjo  
Para amar uma careta.

Hei-de te amar até à morte,  
Até depois de morrer ...  
Inda debaixo das pedras  
Eu te hei-de obedecer.

S'eu morrer com minha fala,  
Em meu juízo perfeito,  
Eu deixarei que m'enterrem  
No adro d'esse teu peito.

Eu quero-te tanto bem  
Que não sei onde te meta ...  
Dentro do meu coração  
Na derradeira gaveta.

S'eu morrer que m'enterrem  
Onde tu vais à missa,  
Que mesmo depois da morte  
Quero estar à tua vista.

Para cantar e bailar,  
Menina, Deus te criou;  
Mal haja tua mãe  
Que tão depressa te casou.

Vós dizeis que não, que não,  
Inda haveis de vir a querer:  
Tanto dá água na pedra  
Que a faz amolecer.

Rapariga, não te cases,  
Logra-te da boa vida ...  
Eu bem sei duma casada  
Que chora d'arrependida.

Tendes loureiro à porta,  
Tendes sombra regalada:  
Tendes fama de bonita,  
Deveis ser bem procurada.

Todo o pai que tiver filhas  
Ou dote para lhes dar,  
Que as meta no convento  
Ou trate de as casar.

Roubaram-me o meu feitiço,  
Roubaram-me o meu rapaz,  
Atrás daquele vem outro,  
Olha a falta que me faz!

Eu não sei que simpatia  
Meus olhos contigo tem:  
Quando estão de ti ausentes  
Não olham p'ra mais ninguém.

O meu amor é de longe,  
Ficou de vir e não *beu* ...  
Senão havia de vir  
Para que me prometeu?

Aqui venho, que me pagues  
O tempo que tenho perdido:  
Já não falo nas meias-solas  
Que por aqui tenho rompido.

Amigas, minhas amigas,  
Ajudai-me raparigas:  
Agora é que eu vou ver  
Quais são as minhas amigas.

Amigas, minhas amigas,  
Amigas minhas leais,  
Quanto mais ninhas amigas  
Quanto mais me falseais.

Ó Margarida moleira,  
Qu'ê da outra Margarida?  
— Ficou deitada na cama  
Co'a espinhela caída.

A velha e mais o velho  
Foram sachar os cabaços:  
Acharam a terra dura,  
Viraram-se aos abraços.

Ó Senhor abade, eu pequei,  
Eu fiz um grande pecado:  
Eu comi à sexta-feira  
Um pintassilgo assado.

De Lisboa me mandaram  
Um guisado com seu molho:  
As costelas duma pulga,  
Os miolos dum piolho.

A pulga e mais o piolho  
Andam na veiga a lavar:  
Lá vai o percebeijinho  
Carregado com o jantar.

Eu bem sei a quem tu amas  
Tu a mim sempre mo negas:  
S'eu virei e tu virares,  
Veremos em quem te empregas.

Meu sogro é jardineiro  
Minha sogra faz panelas;  
Minha cunhada Maria  
Amassa o barro p'ra elas.

Eu hei-de ir e hei-de vir  
Falinhas não te hei-de dar;  
Hei-de te fazer moer  
Como o navio no mar.

Mariquinhas, dá-me um beijo  
Mesmo à porta da rua;  
Se me tu não dás um beijo  
Eu morro por causa tua.

Eu tenho cinco coletes  
Todos eles bem talhados;  
Eu tenho quatro amores,  
Três deles andam enganados.

Eu tenho quatro amores,  
Dois de manhã, dois de tarde;  
Para todos falo e rio,  
Só a um falo verdade.

O sol cuida que m'engana,  
Mas eu sei lhe andar ao jeito;  
Quando nasce estou na cama,  
Quando se põe já me deito.

Eu hei-de casar este ano  
Que o rendeiro anda nisso;  
Hei-de te dar a castanha  
Se a tiver o ouriço.

Eu hei-de casar este ano  
Ou para o ano que vem;  
Estão os miocinhos baratos,  
Estão a cento ao vintém.

Quem quiser moços baratos  
Vá ao alto de S. Bento;  
Leve dinheiro trocado  
Por cinco réis traz um cento.

Eu amar, hei-de te amar,  
Que to tenho prometido;  
Mas casar, isso não,  
Tira daí o sentido ...

Eu não quero mais amar,  
Que de amar tenho medo;  
Eu não me quero arriscar  
A pagar o que não devo.

Ó raparigas, ó moças,  
Chorai agora por mim;  
Qu'eu já dei a minha mão  
Pelos séculos sem fim.

Já te dei a minha mão,  
Já te dei o meu poder:  
Agora vai te gabar,  
Eu que o chegue a saber!

Já te disse, murtinheiro  
Que não desses mais murtinhos:  
Anda justiça na terra  
A prender quem faz carinhos.

Mariana é baixinha  
Traz a saia pela lama,  
— Já te disse muitas vezes  
Ergue a saia, Mariana.

As quadras que tu me deste  
Já as bordei no meu lenço:  
Quando tu me não vens ver,  
Tu nem sabes o que eu penso.

O meu vestido de noiva  
Tem vidrinhos de luar:  
Não te chegues para mim  
Que mo podes estragar.

Quero casar, quero casar,  
Mas não tenho com quem;  
Vou escrever ao meu amor  
Para ver se ele vem.

Ó rio, que levas água,  
Leva sumo de limão:  
Quem não quer que o mundo fale  
Não lhe dê ocasião.

Triste vida leva o burro  
Mais triste leva o moleiro  
Que anda de porta em porta  
À procura do maquieiro.

Eu hei-de casar co'Chico,  
O Chico é bom rapaz,  
Ele tem muito dinheiro  
Às avessas cá p'ra trás.

Indo eu por Braga abaixo  
Na rua de S.to André,  
Encontrei uma menina,  
Se lhe pagava o café,

Ó moças, casai comigo,  
Que boa prenda levais;  
Jogador e fumador,  
Garoto cada vez mais.

Eu cortei um amieiro,  
Atravessei-o no rio:  
Daqui para a minha terra  
Não é preciso navio.

Nós de cá, vós de lá,  
Mete-se o rio no meio:  
Bota para cá os teus olhos,  
Meu feitiço, meu enleio.

Aninhas estava doente,  
Tinha no peito uma dor,  
Toda a gente dizia  
Qu'era melhor o doutor ...

Algum dia era eu  
No teu prato melhor sopa:  
Agora sou um veneno,  
Rosalgar na tua boca.

O meu amor é António,  
Eu queria Manuel,  
Agora, por meus pecados,  
Caiu-me a sopa no mel.

Toda a mulher que se casa  
Deve ser carinhosa;  
A má vida tem-na certa,  
Que a boa é duvidosa.

O gaio botou-se à pega,  
Arrancou-lhe as penas do rabo,  
A pega está na cadeia,  
O gaio foi degredado.

Toda a mulher que se casa  
Grande castigo merece;  
De ir dormir para a cama  
C'um homem que não conhece.

O frade pediu à freira  
Um beijinho pela grade;  
A freira lhe respondeu  
Que queres tu, ó meu frade?

Quando eu penso na morte  
O coração se me aperta;  
Somente em eu pensar  
Que é coisa que tenho certa.

Rapariga, tu és minha,  
Esses teus olhos são meus,  
Esse teu corpo bem feito  
Era o que eu pedia a Deus.

Rapariga, tu és minha,  
Eu quero-te tanto bem;  
Eu quero casar contigo,  
Não ames a mais ninguém.

Se tu visses o qu'eu vi  
Devias de variar;  
Uma cadela com pintos  
Uma galinha a ladrar.

Da outra banda do rio  
Ai Jesus, quem me lá dera;  
Tenho lá sogro e sogra,  
Marido à minha espera.

Eu amar, hei-de te amar,  
Quer tu queiras ou não queiras,  
Qu'eu tenho da minha banda  
Quatrocentos feiticeiras.

Eu bem sei a quem tu amas,  
Tu a mim sempre mo negas;  
S'eu viver e tu viveres,  
Veremos em quem te empregas.

Quando eu quis, tu não quiseste,  
Tiveste opinião;  
Agora queres e eu não quero  
Tenho minha presunção.

Eu hei-de amar de noite  
Que de dia não tenho jeito,  
De dia tenho vergonha  
De me chegar ao teu peito.

Ó Maria, adeus qu'eu vou  
P'ra Coimbra estudar;  
A maior pena qu'eu tenho,  
É não te poder levar.

Vais te embora, vai com Deus,  
Que de mim não levas nada;  
Antes tu vás que não tornes  
Qu'eu ficar enganada.

Eu não te amo por um dia,  
Nem por uma semana;  
Amo-te por toda a vida,  
Ou o coração m'engana.

A cana verde do mar  
Anda à roda do navio;  
Inda está p'ra nascer  
Quem há-de lograr meu brio.

Eu tenho cinco coletes,  
Outros cinco a fazer;  
Sou filha dum mercador,  
Deito meu pai a perder.

Rapariga, dá-me um beijo  
Mesmo à porta da rua;  
Se me tu não dás um beijo  
Eu morro por causa tua.

Inda que meu pai me mate,  
Minha mãe me tire a vida,  
Minha palavra stá dada,  
Minha mão stá prometida.

Inda que meu pai não queira  
Minha mãe diga que não,  
Diga o meu amor que sim,  
Isso stá na nossa mão.

Ó José, por tua vida  
E por tua caridade  
Tira-me deste degredo  
Leva-me para a cidade.

Eu donde estou bem vejo  
Olhos que me estão matando;  
Matai-me devagarinho,  
Qu'eu quero morrer penando.

Donde vens, ó Maria,  
Que vens tão enfarinhada?  
— Eu venho do teu moinho  
Fui lá levar a fornada.

Eu bem sei a quem disseste  
Que me não podias ver;  
Isso pouco m'importa,  
Mas gostei de o saber.

Passas por mim, não me salvas,  
Nem o teu chapéu me tiras;  
Com certeza te disseram  
De mim algumas mentiras.

Disseste mal de mim,  
A quem tanto bem me queria;  
Contigo tudo compunha,  
A mim tudo me dizia.

Eu amar, hei-de te amar,  
Amo-te de qualquer jeito;  
Não será por muito tempo  
Que tu tens grande defeito.

Da minha janela rezo  
À Senhora das Areias,  
Que, me traga o meu amor  
Qu'anda por terras alheias.

Canta comigo, menina,  
Qu'eu não posso cantar só.  
Trago o meu peito de luto  
O meu coração de dó.

Hei-de-me vestir de luto,  
Daquele mais denegrido;  
A mim ninguém me morreu,  
Guardo dó por quem stá vivo.

Ó meu amor, não me troques  
Por nenhuma rapariga;  
Eu também te não troco  
Nem por quanto há na vida.

Adeus, fontes, adeus, rios,  
Adeus, regatos pequenos,  
Adeus, vista dos meus olhos,  
Até quando nos veremos.

Fui à fonte das 3 bicas,  
Bebi, tornei a beber;  
Nem meu coração s'enfada  
Nem meus olhos de te ver.

Tu mandaste-me aqui vir  
Que aqui havias de estar;  
Eu vim, tu não vieste  
Aqui não hei-de tornar.

Dizes que me queres bem  
Não entendo tal querer;  
Só falas quando me encontras,  
A casa não me vens ver.

Olha para mim e ri-te,  
Meu amor, faz-me a vontade;  
Eu bem sei que tu que tens  
Quem te prive a liberdade.

Cara linda, estas-te a rir,  
Bem entendendo o teu falar;  
Podes viver descansado,  
Só a ti eu hei-de amar.

Suspiros, ais e dores,  
Imaginações e cuidados,  
É o manjar dos amores  
Quando andam agastados.

A suspirar, a dar ais,  
Passa o amor pela rua;  
Nem, suspires, nem dê's ais,  
Qu'eu não nego de ser tua.

Alguns dias tem cem anos,  
Deixa qu'eu te apanharei,  
Nem te valerá gritar,  
Nem chamar aqui del-rei.

Eu hei-de casar este ano  
Ou para o ano que vem;  
Estão os mocinhos baratos,  
Estão a cento ao vintém.

Tenho à minha janela,  
O que tu não tens à tua,  
Um cravinho branco aberto,  
Viradinho para a rua.

Hei-de morrer a cantar  
Já que a chorar nasci.  
Já que a alegria do mundo  
Se acabou toda pr'a mim.

Já tomei novos amores,  
Já com eles vou falando,  
Quando passo pelos velhos,  
Vou-me rindo e andando;

Já tomei novos amores,  
Já tomei nova alegria,  
Quando passo pelos velhos  
Adeus, até outro dia.

Tenho sono de galinha,  
Galinha dorme de pé;  
Tenho meu sentido vário  
Ninguém sabe por quem é.

A oliveira é benta,  
Ramo dela tem virtude;  
Venho aqui de tão longe  
Saber da tua saúde.

Aqui venho, prenda, ver-te,  
Olha, amor, o meu cuidado;  
Aceita-me esta visita  
Que tanto me tem custado.

O coelho é matreiro,  
Dorme c'os olhos abertos;  
Eu durmo c'o eles fechados,  
Tenho os meus amores certos.

O loureiro é pau verde  
Que se cria nos quintais;  
Quem se fia em amores doutro  
O que recebe são ais.

Viúvo, caduco velho,  
Tu já stás c'os pés na cova,  
Inda pensas em casar,  
E queres uma moça nova.

Viúvo, caduco velho,  
Não venhas p'ra minha beira,  
Vai p'ró rio oito dias  
Atrancar uma pisqueira.

Viúvo, caduco velho,  
Inda pensas em casar;  
Que há-de ser da rapariga,  
Tu não podes trabalhar.

Coração que a dois ama,  
Neles ambos quèr entrar;  
Por muito bem que lhes queira  
Um deles tem de deixär.

Não me namora o teu ter  
Nem a tua formosura;  
Namora-me o teu asseio  
Com que te plantas na rua,

À tua porta stá lama,  
Menina, quem na faria?  
— Maganos que andam de noite  
Porque não andam de dia?

Não quero que me dês nada,  
Qu'eu a ti nada te dou;  
Quero que me sejas firme  
Como leal te eu sou.

Quem te disse, rapariga,  
Qu'eu a dormir suspirava?  
Quem to disse não mentiu  
Qu'eu suspiros por ti dava.

O meu amor é direitinho  
Como a vara do guião,  
Tem os olhos pisqueirinhos,  
Não sei se me enganarão.

Chamaste por mim de noite,  
Não te falei, que dormia,  
Se me queres alguma coisa,  
Diz-mo agora de dia.

A minha viola nova  
Tem dezoito caravelhas,  
Para levar uma ronda  
À menina das ovelhas.

Toda a vida meu pai disse:  
— «Rapaz não sejas garoto»,  
Cobras uma fraca fama  
E dás maus tratos ao corpo.

Quatro com cinco são nove,  
Para doze faltam três;  
Se algum dia te deixei,  
Aqui me tens outra vez.

Estou aqui à tua beira,  
E mais tu não me conheces;  
Sou o primeiro amor  
Que tu na vida tiveste.

Eu hei-de matar quem mente  
Por me não falar verdade,  
Os homens são os que mentem  
Qu'as mulheres mentir não sabem.

Os homens são como lobos,  
Só lhes falta ter o rabo,  
Aparecem às criaturas  
Na figura do diabo.

### RENDUFE

Ó meu querido amor  
Da flor da laranjeira,  
Parece que te esqueceste  
Da nossa vida de solteira.

Da nossa vida de solteira  
Colhida no limoeiro,  
As falas que tu me davas  
Eram amor verdadeiro.

Vestias o teu vestido  
Amor, p'ra me enganar:  
Por causa do teu vestido  
Passo a vida a chorar.

Eu hei-de ir ao S.to António.  
Meu amor, é por promessa:  
Mas sou filho dum homem manco  
Não posso andar depressa.

Anda comigo passear,  
Dá-me sempre a tua mão,  
Para eu não escorregar  
Que posso cair ao chão.

Tu bem sabes, meu amor,  
Não podemos perder tempo,  
Mas sentemo-nos à sombra  
Para falar o casamento.

A tua mãe já me disse  
Que te dava quitação  
Pensa bem na tua vida,  
Se sempre queres ou não.

Meu pai cuida que me tem  
Num arvoredor fechado,  
Eu falo para quem eu quero  
Trago meu pai enganado.

Ó meu amor das três penas,  
Dá-me uma, quero voar,  
Quero ir ao céu em vida  
À volta torno-ta a dar.

Fui à fonte p'ra te ver  
Ao rio p'ra te encontrar,  
Nem na fonte nem no rio  
Nunca te pude falar.

Quem quiser que a água regue,  
Faça um rego bem feito;  
Quem quiser ser bem tratado,  
Trate-me a mim com respeito.

Quem quiser que a água corra  
Dê um corte na levada;  
Quem quiser vencer a sua  
Cale-se, não diga nada.

Toda a vida trouxe e trago  
Fita verde no chapéu;  
Agora trago cilícios  
A ver se alcanço o céu.

Toda a vida meu pai disse:  
— Rapaz, não vás ao serão,  
Foge-me das raparigas  
Com'as galinhas do grão.

Fala, fala, rapariga,  
P'ra um amor que já foi meu:  
Agora colhes a rama,  
O fruto colhi-o eu.

Eu vou por aqui abaixo  
Como quem não vai a nada,  
Abanar uma pereirinha  
Que nunca foi abanada.

Eu vou por aqui abaixo  
Às costas com o meu machado,  
Todo o mundo me dizia  
Qu'eu era meu pai pintado.

A folha da hera trepa,  
O junquilha vai descendo,  
Fala, amor, p'ra quem quiseses,  
Qu'eu de ti nada pretendo.

Eu atirei, tu atiraste  
Encontraram-se as pedradas:  
Quando se encontram as pedras  
Que farão as nossas falas.

Eu tenho um amor, tenho dois,  
Tendo três não quero mais,  
P'ra que quero mais amores  
Se eles me não são leais?

O meu amor não é aquele,  
Que no andar bem o conheço;  
Tem um andar miudinho  
Com'a folha do codeço.

O meu amor amuou,  
Eu também hei-de amuar,  
Se ele me virar as costas  
Eu também lhas hei-de voltar.

Ao passar no ribeirinho  
A meu primo dei a mão;  
Se ele não fosse meu primo  
Eu lha daria ou não.

O coelho é matreiro,  
Dorme c'os olhos abertos;  
Eu durmo c'os meus fechados  
Que os meus amores estão certos.

O loureiro é pau verde  
Que nasce pelos quintais;  
Quem dá falas a vadios  
O que recebe são ais.

Meu amor fala baixinho,  
Que as paredes têm ouvidos;  
Escusa ninguém de saber  
Os nossos vários sentidos.

O loureiro bate, bate,  
Eu bem no ouço bater  
Com as pontas no telhado  
P'ró meu amor entender.

Se o loureiro não tivesse  
No meio tanta flor,  
Da minha janela eu via  
Os olhos do meu amor.

Rapariga, não te cases,  
Reprende o teu pensamento,  
Olha que o amor dos homens  
Dura muito pouco tempo.

Atirei c' o limão, correndo  
À tua porta parou;  
Quando o limão te quis bem  
Que fará quem no botou.

Rapariga, vária, louca,  
Logra-te da boa vida  
Qu'eu bem sei duma casada  
Que chora d'arrependida.

Atirei c' uma laranja  
À menina da janela;  
A laranja caiu dentro,  
A menina quem ma dera.

Tanto se me dá quem fala  
Como quem de mim murmura:  
Eu sou como a oliveira  
Co'a rama sempre dura.

Se a minha mãe me morresse,  
Ai Jesus, o qu'eu faria:  
Eu ia buscá-la ao céu  
Para a minha companhia.

Ó minha mãe, minha mãe,  
Minha doce companheira;  
A caixa dos meus segredos,  
A cama onde eu dormia.

O amor e o querer bem  
Estão na Sagrada Escritura;  
Quem ama a Deus como deve  
Tem a salvação segura.

Atira, meu irmão, atira  
À pomba que anda na eira;  
— Ah! ladrão que me mataste  
Era a minha companhia.

O meu amor era torto;  
Eu mandei-o cavacar;  
Deu-me lenha p'ró almoço  
Inda chega p'ró jantar.

O meu amor foi-se embora,  
Nem adeus me veio dizer;  
Apertou-me a mão e disse:  
— Sou-te firme até morrer.

Dizes que não tenho cama,  
Que durmo na pedra fria:  
— Tenho uma cama de rosas  
Só me falta a companhia.

Eu queria me casar,  
Minha mãe não me dá roupa:  
— Casa-te, minha filha,  
Que uma perna tapa a outra.

Eu queria me ir embora,  
Eu queria estar aqui,  
Eu queria estar uma hora,  
Meu amor, ao pé de ti.

O meu amor ontem à tarde  
Pela beira de mim andou:  
Eu bem lhe queria falar,  
Minha mãe não me deixou.

Minha mãe não me deixou,  
Oh! que cisma de mulher!  
— Eu hei-de falar p'ra ele  
Quantas vezes eu quiser.

Quantas vezes tu quiseres,  
Isso lá mais devagar:  
— Eu inda sou suficiente  
De te saber governar.

Não quero amor pedreiro,  
Não é pelo desprezar;  
Pode cair e morrer,  
Eu viuvinha ficar...

Enganado morra, morra  
Quem o meu amor engana;  
Inda se logrem com ele  
Como o orvalho na rama.

O meu amor me deixou  
Por eu bonita não ser,  
Trinta diabos o levem,  
Que o não possa mais ver.

Ó minha variedade,  
Eu inda não variei ...  
Variaram os meus olhos  
Quando para ti olhei.

Meu pai chora que se mata  
Por eu chegar a 'stalão;  
Não chore, meu pai, não chore  
Que as moças me livrarão.

Da outra banda do rio  
'Stão meninas a lavar,  
Ó barqueiro, bota o barco,  
Estou morto por lá chegar.

Ó meu amor, Deus te ajude  
Com'a erva no lameiro:  
Se dizes que eu sou pobre,  
Procura quem tem dinheiro.

Ó meu amor, jura, jura,  
Faz uma jura bem feita:  
Jura que vais à igreja  
Dar-me a tua mão direita.

Ó vida da minha vida,  
Ó botão da laranjeira,  
Nunca estava sossegado  
Sem te ver à minha beira.

Querido, que estás tão longe,  
Ai, não posso lá chegar:  
— Pois queria mesmo hoje  
Com teus carinhos me alegrar.

Com teus carinhos me alegrar,  
Agora neste momento,  
Há tão poucos dias me faltas  
Já me parece tanto tempo.

Esta carta foi escrita  
Debaixo duma roseira,  
Cheinha de saudades  
Por não estar à tua beira.

O meu amor é padeiro  
Traz a cara enfarinhada,  
Os beijos sabem-me a pão,  
Não quero comer mais nada.

Diabo leve os homens,  
E as falas que eles dão;  
Eles têm mel na boca,  
Veneno no coração.

Nem no mundo há dois mundos,  
Nem no céu há dois senhores;  
Não há coração que ame  
Ao mesmo tempo dois amores.

Os meus olhos são dois peixes,  
Navegam numa canoa,  
Choram lágrimas de sangue  
Por uma certa pessoa.

A carta que te escrevo  
Saiu-me da palma da mão:  
A tinta saiu-me dos olhos,  
A pena do coração.

Vai carta feliz voando  
Responde, sabe falar,  
Os olhos que te notaram  
Cá estão fartos de chorar.

Aquele navio novo  
Jura que me há-de levar:  
Eu juro que não hei-de ir,  
Passar as águas do mar.

Já foi mar, já foi navio,  
Já fui ao Brasil e vim,  
Já fui amante dum anjo,  
Agora dum serafim.

Se o mar tivesse varandas,  
Ia-te ver a Lisboa,  
Mas o mar não tem varandas,  
Quem não tem asas não voa.

O meu amor já morreu,  
Por ele não boto dó:  
Bem fraco é o navio  
Que traz uma vela só.

O meu amor ontem à tarde  
Por perto de mim andou;  
Decerto anda amuado  
Que passou e não falou.

O meu amor de brioso  
Não assenta o pé no chão;  
Assenta, meu amor, assenta,  
Não dês passadas em vão.

Fui à figueira aos figos,  
Ataquei-me de laranjas;  
Veio o dono das ameixas ...  
— Quem te deu tantas castanhas?

Sou filha duma viúva,  
O meu pai já me morreu,  
Todos dizem coitadinha,  
Mas quem sente a falta sou eu.

Sou filha duma viúva,  
Meu pai morreu-me no mar,  
Agora levo a vida  
No terreiro a dançar.

Você diz que não me quer,  
Diga-me a causa porquê,  
Você diz que eu sou pobre,  
— Que riqueza tem você?

Está a dar meio dia na Sé,  
Uma hora no Salvador,  
Estão a chegar as horas  
De falar com o meu amor.

Eu queria me ir embora,  
Eu queria estar aqui;  
Eu queria estar uma hora  
Meu amor, ao pé de ti.

O meu amor não stá aqui,  
Stá na ilha da Madeira:  
Se ele é despachador  
Eu também sou despachadeira.

Minha sogra tem uma viola,  
Meu sogro um violão;  
Um homem sem uma mulher  
É como o caldo sem pão.

Debaixo desta latada  
Cabelinho aos anéis;  
Por causa de ti, menina,  
Eu passo penas crueis.

Eu ando por aqui de noite  
Como um cão perdido,  
Minha mãe botou-me à rua,  
Deixa-me ir dormir contigo.

Eu gosto de arroz de favas  
Misturado com ervilhas:  
— Tu és um grande pandilheiro,  
Mas a mim não me empandilhas.

Eu quero-te tanto bem  
Com'a erva no lameiro;  
Quero que tenhas saúde  
E trinta rasas de dinheiro.

Quando eu era solteirinha,  
Eu usava meias brancas;  
Agora que sou casada  
Trago vergas nas tamancas.

Meu amor, canastro velho,  
Cesto furado, sem fundo.  
Já te podes ir deixando  
Das vaidades deste mundo.

Meu amor, se tu fores  
Leva-me, podendo ser,  
Eu quero ir acabar  
Onde tu fores morrer.

Quem tem pinheiros tem pinhas,  
Quem tem pinhas tem pinhões:  
Quem tem amores tem zelos,  
Quem tem zelos tem paixões.

Aquela menina é minha,  
Aqueles olhos são meus;  
Aquele corpo bem feito  
Era o que eu pedia a Deus.

Aquela menina cuida  
Que não há outra no mundo,  
Não é o caldo tão gordo  
Que não se lhe veja o fundo.

Tu cuidas que és mais do que eu,  
Por andar mais asseada,  
Vai levar a roupa ao dono  
Que a trazes emprestada.

Tu cuidas que és mais do que eu,  
Engana-te o coração,  
Nem o és na boniteza  
Nem também na geração.

Trocaste-me a mim por outra,  
Eu bem sei que me trocaste,  
Quero que me tu digas  
Quanto na troca ganhaste.

O meu amor é um cão,  
Quando passa por mim ladra,  
Vai pagar a quem tu deves  
Que a mim não me deves nada.

Bote o sapato à rua,  
E a forma do seu pé,  
Nem eu sou para você  
Nem você para mim é.

Os meus olhos choram água  
Mais duma pipa por dia,  
Mais vale um amor de fora  
Que trinta da freguesia.

Amor de chapéu de palha  
Ninguém me fale para ele,  
Ele anda por minha conta,  
Eu ando por conta dele.

Abre-te peito e fala,  
Coração, salta cá fora,  
Anda ver o teu amor  
Que chegou aqui agora.

Cheguei aqui agora,  
Mais cedo não pude vir,  
Inda venho muito a tempo  
De tuas falas ouvir.

Esta noite fui à caça,  
Belo canário cacei:  
Foi p'ra mandar de presente  
À filha do nosso rei.

A filha do nosso rei,  
Como rica e brasileira,  
Mandou fazer uma gaiola  
Da mais fininha madeira.

Depois da gaiola feita  
Salta o canário p'ra dentro:  
Quer de dia quer de noite  
Era o seu contentamento.

O canário saltou fora,  
Apanhou uma constipação,  
Mandou formar uma junta  
De trinta e um cirurgião.

Os cirurgiões eram velhos  
Não acertaram c'o remédio,  
Coitado do pobre canário  
Que lá vai p'ró cemitério.

Algum dia p'ra te ver  
Dei mil voltas na rua,  
Agora daria dinheiro  
P'ra não ver a sombra tua.

Alguns dias têm cem anos  
Deixa qu'eu te apanharei,  
Tanto se me dá que grites  
Como chames aqui-del-rei.

Agora ao ver-te passar  
Eu fico triste a pensar  
A quem não sabe ser firme  
Melhor fora nunca amar.

Amores, ao longe, ao longe,  
Que ao pé da porta não falta quem;  
Os amores do pé da porta  
Não são leais a ninguém.

Amores, ao longe, ao longe,  
Amá-los a todo o risco;  
Inda que a boca não fale  
Os olhos sempre se *empisco*.

Assenta-te aqui, António,  
Tu numa pedra, eu noutra,  
Aqui choraremos ambos  
A nossa fortuna qu'ê pouca.

O mundo fala de mim,  
O mundo que tem comigo?  
— Eu não sou mulher casada  
Que dê penas ao marido.

Aquela mulher casada  
Que tem co'a minha vida?  
— Se ela era pior que eu  
Quando era rapariga!

Menina do lenço preto,  
A saia da mesma cor,  
Diga a seu pai que a case,  
Eu serei o seu amor.

Menina do lenço preto  
Diga-me quem lhe morreu:  
— Se lhe morreu o seu amor  
Para amor aqui estou eu.

Meu amor, anda-me ver  
Qu'eu não te vou procurar;  
A água procura o rio,  
O rio procura o mar.

Tenho dito aos meus olhos  
Que não chorem por ninguém;  
Os meus olhos, de chorar,  
Já nenhuma graça têm.

Tenho dito aos meus olhos,  
Aos meus olhos tenho dito,  
Que não chorem por ninguém,  
Que o chorar não é bonito.

Chorai, olhos, chorai, olhos  
Que o chorar não é desprezo,  
A Virgem também chorou  
Quando viu Seu Filho preso.

A salsa do pé do rio  
Dá-lhe o vento, bengaleia;  
Eu tenho um amor bonito  
Se não houver quem mo queira,

O amor que me juraste  
Bem cedo vai acabar,  
Foi fumo de labareda  
Que já se desfez no ar.

O teu amor era falso,  
Teve pouca duração,  
Mas deixou mágoas eternas  
No meu pobre coração.

A lua por estar alta  
Não deixa de alumiar;  
Meu amor por estar longe  
Eu quero continuar.

Eu tenho cinco coletes  
Todos muito bem talhados:  
— Eu tenho cinco amores,  
Quatro andam enganados.

Candeia que não dá luz  
Não se espeta na parede:  
— O amor que não é firme  
Não se faz caso dele.

Subi ao limoeiro  
Cheguei ao meio, cá:  
O limoeiro é morte,  
Ai de mim, que já morri!

Azeitona miudinha,  
Que azeite pode render?  
— É como os homens sem barba,  
— Que respeito podem ter?

Estou morta que venha a noite  
P'ra amanhã ser dia Santo,  
Para ver o meu amor  
Que lhe quero tanto, tanto.

Raparigas do meu tempo,  
Olhai por onde andais!  
— A honra é como o vidro  
Partindo, não solda mais.

Senhora do Livramento,  
Livrai os homens casados,  
Livrai também os solteiros  
Que andam mal encaminhados.

Eu hei-de ir, hei-de ir, hei-de ir,  
Eu hei-de ir, mas é se for,  
Eu hei-de ir buscar um cravo  
Ao jardim do meu amor.

Este ventinho que corre  
Vem do lado do meu bem:  
— Vem me trazer saudades,  
Suspiros leva-os também.

A água daquele monte  
Por aquela encosta desce,  
Nem a água deixa o rio,  
Nem o meu amor me esquece.

Pus o pé no batateiro,  
Abalei o batatal;  
Passarinho repenica e canta,  
Vai cantar ao teu quintal.

Tu julgavas por eu me rir  
Que já me tinhas na mão:  
— Eu não sou tão rabaceira  
Como a fruta do chão.

Tenho paseado terras,  
Cidades mais de quarenta;  
Tenho visto caras lindas,  
Só a tua me contenta.

Dizeis que não pode ser,  
Silva verde dar um cravo;  
Eu trago-o ao meu peito  
Na mesma silva pegado.

Assucena c'o pé na água  
Dura mais quarenta dias;  
Eu contigó nem uma hora,  
Que fará noites e dias!

Ó que pinheiro tão alto,  
Só com uma pinha no meio,  
Ó que menina tão linda  
Filha dum homem tão feio.

Ó que pinheiro tão alto,  
Lindo pau para colheres,  
Quem quiser ver más línguas  
Vá à boca das mulheres.

Toda a mulher que se case  
Grande castigo merece:  
Deixa pai, deixa mãe,  
Vai amar quem não conhece.

Eu casei-me por um ano  
P'ra ver a vida que era:  
O ano vai-se acabando,  
Solteirinha quem me dera!

Quem me dera saber ler  
Como sei tantas cantigas:  
Fazia chorar as pedras  
Quanto mais as raparigas.

O anel que me deste  
No domingo, à trindade;  
Era-me largo no dedo,  
Apertado na amizade.

O anel que me deste  
Era de vidro, quebrou:  
A amizade que me tinhas  
Era pouca, acabou.

Vós chamais-me pequenina,  
Sou mulher de minha casa;  
Para chegar à masseira  
Ponho-me em cima da rasa.

A igreja de Rendufe  
Tem vinte e quatro janelas:  
Eu, se fosse passarinho,  
Pousaria numa delas.

O meu amor me deixou  
Julgava qu'eu que morria:  
Vão-se uns amores, vêm outros,  
Vivo na mesma alegria.

A minha maçã vermelhinha,  
Picada do rouxinol,  
Se não fosse a picadela  
Era linda como o sol.

O cravo bateu na rosa,  
Assucena foi jurar;  
Ó que lindo juramento  
Assucena vai jurar.

Meu amor, fala baixinho,  
Que as paredes têm ouvidos:  
Escusa ninguém de saber  
Os nossos vários sentidos.

Canta, canta, cantadeira,  
Que tu cantas lindamente;  
Se eu cantasse como tu  
Faria por cantar sempre.

Doi-me a barriga com fome,  
O peito com a doença,  
As pernas aos tremeliques,  
Com'o sino de Valença.

Manuel, cacho de uvas,  
Todas te querem penicar,  
Por seres amigo das moças  
Tua mãe quer te matar.

Quem me dera ter uma mãe,  
Ainda que fosse uma silva,  
Ainda que me arranhasse  
Era sempre sua filha.

Meu amor está doente,  
Não sei que lhe hei-de levar:  
— Um prato de moscas fritas  
Cobertas com rosalgar.

O meu amor me deixou  
Por eu andar à parola;  
Agora para ele me querer  
Vou me vestir à senhora.

Rosa que estás na roseira,  
Deixa-te estar em botão;  
— A rosa depois de aberta  
Logo perde a estimação.

Chamaste-me toda tua  
Eu toda tua não sou:  
Inda sou um bocadinho  
Duma mãe que me criou.

Foste dizer a meu pai  
Qu'eu andava coradinha;  
Os anjos do céu me levem  
Se esta cor não for a minha.

Chamaste à minha boca  
Gaiola dos passarinhos,  
Eu também chamo à tua  
A caixa dos meus beijinhos.

Semei a salsa verde,  
Só me nasceu uma leira;  
Quando nasceram os homens  
Nasceu fraca sementeira.

Disseste mal de mim  
A quem mo logo contou:  
Eu sempre gostei e gosto  
De quem me desenganou.

Disseste mal de mim  
A quem mo veio dizer,  
Eu com isso não me importo,  
Mas gostei de o saber.

Trago dentro do meu peito  
Uma laranja partida  
Para dar ao meu amor  
Que anda de beija caída.

Trago dentro do meu peito  
Dois moinhos a moer:  
Um anda, outro desanda,  
Assim anda o bem querer.

Trago dentro do meu peito  
Um vidrinho d'água-rás  
Para dar ao meu amor  
Que fala de mim por trás.

Trago dentro do meu peito  
Uma laranja aos gominhos  
Para dar ao meu amor  
Que se chama Dominginhos.

Se o meu amor fosse António  
Eu mandava-o envidraçar  
Assim, como é Domingos,  
Numa vidraça há-de estar.

O meu amor é António,  
Eu queria um Joaquim:  
Agora não há remédio,  
Vira-te, António, p'ra mim.

Adeus, lugar da Gorda  
Cercado de lampiões,  
Onde passeiam as moças  
C'os chinelos sem tacões.

Nós de cá e vós de lá.  
Carrapatos numa cesta;  
Nunca vencestes batalha  
Nem agora venceis esta.

Adeus, ó lugar da Gorda,  
As costas te vou virar;  
A cara cheia de riso,  
Os olhos em água a nadar.

Eu queria me casar,  
Eu queria dormir só;  
Eu queria ter muitos filhos,  
Dá-los a criar à avó.

O vento espalha cantando  
Folha a folha pelo chão:  
Só não me espalha as saudades  
Que trago no coração.

Olhos pretos, roubadores,  
Porque não vos confessais  
Dos delitos que fazeis,  
Dos corações que roubais?

O teu amor era falso,  
Teve pouca duração;  
Mas deixou mágoas eternas  
No meu pobre coração.

Tenho vinte e três amores,  
Contigo são vinte e quatro;  
Quando for um quarteirão  
Vendo tudo a pataco.

Ó meu amor, anda, anda,  
À igreja dar-me a mão:  
Taparmos a boca ao mundo,  
Descansar meu coração.

Pois a minha intenção  
É para ti falar sempre;  
Hei-de fazer boa acção  
Para sempre andares contente.

## CALDELAS

Amor, não me escrevas cartas,  
Bem sabes que não sei ler;  
Se tu sentires saudades,  
Perde um dia, anda me ver.

Nesta triste despedida  
Não sei o que hei-de fazer;  
Levar-te não é possível,  
Deixar-te não pode ser.

Quem inventou a partida  
Não sabia o que era amor;  
Quem parte, parte sem vida,  
Quem fica morre de dor.

Não embarca, não embarca  
Quem perdeu o passaporte;  
O meu caixão é o meu barco  
No dia da minha morte.

Não te ponhas a chorar  
Lágrimas ao pé de mim;  
Bem sabias qu'eu era um homem,  
Não te fiasses assim.

Chorai olhos, chorai olhos,  
Que o chorar não é desprezo;  
Também a Virgem chorou  
Quando viu Seu Filho preso.

Meu amor não morras hoje,  
Deixa lá p'ra quarta-feira;  
Qu'eu hoje não tenho tempo  
De ir chorar p'ra tua beira.

Toma lá, que te dou eu  
A minha grande fortuna:  
Uma mão cheia de nada  
Outra de cousa nenhuma.

Vai-te embora, trabalho,  
Trabalho, foge de mim;  
Se eu pego neste malho  
Tu vais ver hoje o teu fim!

Vejo-te andar tão triste,  
Com a mão chegada ao rosto;  
Queira Deus qu'eu não seja  
A causa do teu desgosto.

As estrelas do céu correm  
Todas numa carreirinha;  
Assim corresse o amor  
Da tua alma p'ra minha!

Triste com'a noite,  
Alegre como a serra,  
És tu, meu amor,  
Flor da Primavera!

Se já estás arrependido  
D'algum bem que me fizeste,  
Dá-me os beijos que te dei  
Qu'eu dou-te os que tu me deste.

Nem de chorar sou senhor,  
Que me perguntam porquê;  
Choro de noite às escuras,  
Às escuras ninguém me vê.

Quem ama não considera,  
Quem considera não ama;  
Eu amei sem considerar,  
Choro de noite na cama.

Eu amava-te, menina,  
Se tu fosses sem «senão»;  
Mas és como a pia d'água-benta  
Onde todos metem mão.

Quem tiver um coração  
E dele queira fazer dois,  
Veja bem como o reparte,  
Não se arrependa depois.

Pelos campos há cantigas,  
Voz das fontes a cantar;  
Gracinhas de raparigas,  
Sinos ao longe a tocar.

Morre ali uma velhinha,  
Nasce aqui uma criança;  
Enche-se a terra inteirinha  
De tristeza e de esperança.

O jardim é todo verde,  
Mas também tem folhas brancas;  
Não pode ter amor firme  
Quem se diverte com tantas.

Eu hei-de amar uma pedra,  
Deixar o teu coração;  
Uma pedra não se muda,  
Tu mudaste sem razão.

O amor que pus em ti  
Antes o pusera na água;  
Ela vai e não volta,  
Não deixa pena nem mágoa.

Levanta-me esses olhos  
Por baixo dessas pestanas;  
Eu quero conhecer bem  
As luzes com que m'enganas.

Esta noite choveu papas,  
Ó moços, tragam colheres;  
Quem quiser ouvir mentiras  
Chegue-se ao pé das mulheres.

O meu amor é um cravo  
Colhido num lindo craveiro;  
Não posso passar sem o ver  
Uma semana, nem um dia inteiro.

Manjaricão da janela  
Tem a folha verde-escura;  
Nos braços do meu amor  
Quero a minha sepultura.

Os amores de hoje em dia  
São falsos como o melão;  
É preciso partir um cento  
Para encontrar um são.

Entre a salsa e o coentro  
Hei-de plantar a cebola;  
Mais vale uma feia engraçada  
Que uma bonita mas tola.

Se fores ao S. João a Braga  
Traz-me um S. Joãozinho;  
Se não puderes com um grande  
Traz-me um mais pequeninho.

S. João é festejado  
Mais na véspera que no dia;  
Também festejo o meu amor  
Se está na minha companhia.

S. João de Deus amado.  
S. João de Deus querido.  
Agora estou mais contente  
Que achei o amor perdido.

Se eu tivesse amor  
Nada pedia a ninguém;  
Assim, como não tenho  
Peço amor a alguém.

Não julgues pela aparência,  
Terra negra dá bom pão:  
Pessoas há que são feias  
Mas têm bom coração.

Ó glorioso S. Pedro,  
Meu tão bom protector,  
Sois o chaveiro do céu,  
Eu sou-o do meu amor.

A Senhora da Peneda  
Tem uma meada d'ouro,  
Lavada com água santa  
Debaixo do miradouro.

A Senhora da Peneda  
Tem seu linho na montanha;  
O nosso linho, Senhora,  
Todo o ano dá baganha.

À Senhora da Peneda  
Inda lá hei-de voltar;  
Que me esqueceu o meu terço  
Em cima do vosso altar.

Debaixo da palmeirinha  
Está um portão encarnado;  
É onde mora a minha sogra,  
A mãe do meu namorado.

Os olhos do meu amor  
São duas bolinhas pretas  
De namorar ao luar  
Debaixo das violetas.

José quero, José amo,  
José trago no sentido;  
Por causa de ti, José,  
Trago meu sono perdido.

Foste dizer a meu pai  
Qu'eu estava no ribeiro;  
Conheci-te no cantar,  
Vim te sair ao carreiro.

Se algum dia te quis bem  
Foi uma variedade;  
Foi enquanto não achei  
Amor à minha vontade.

Se algum dia p'ra te ver  
Eu saltei muitos quintais,  
Agora p'ra te não ver  
Eu saltava muitos mais.

Atirei uma laranja ao ar,  
No ar se fez uma pomba;  
Se algum dia te quis bem  
Hoje nem ver-te a sombra.

Siga a rusga, siga a rusga,  
Siga a rusga, lá vão elas;  
Somos raparigas novas,  
Somos todas de Caldelas.

Ó que lindas raparigas,  
Ó que linda mocidade!  
Criadinhas numa aldeia  
Que parece uma cidade!

Ó luar da meia noite,  
Alumia cá p'ra baixo.  
Eu perdi o meu amor,  
Às escuras não o acho.

O meu amor me deixou,  
Não por falta de boniteza;  
Achou qu'eu era pobre,  
Foi procurar a riqueza.

António, tu não me queres,  
Já te andas a gabar;  
Minha mãe não me criou  
Para contigo casar.

Somos do Monte e das Caldas,  
Carvalhinhos e Real;  
Somos das terras mais lindas  
Das terras de Portugal.

E as nossas raparigas,  
Cheias de felicidade,  
Cantam as nossas cantigas,  
Viva a nossa mocidade.

Canta, canta, cantadeira,  
Que te quero ouvir cantar;  
Com essa gargantinha  
Que me faz apaixonar.

Canta, canta, cantador,  
Que esta gente quer ouvir;  
Se não sabias cantar,  
Quem te mandou aqui vir?

Já te andavas a gabar  
Que me deste um anel;  
Também eu te dei um lenço  
Com o teu nome, Manel.

António, se fosses padre  
Serias meu confessor;  
Assim, como não és padre,  
Hás-de ser o meu amor.

Se me queres escrever,  
Dou-te a minha direcção;  
Moro na rua das casas  
À entrada do portão.

Cala-te p'raí ó tola  
Que já não te posso ouvir;  
O meu burro foi p'ró tojo.  
Tu também p'ra lá hás-de ir.

Cala-te lá, boca aberta,  
Cara de sapo rajado,  
Já te deitei de comer  
Pelas ripas do telhado.

Cala-te lá, boca aberta,  
Pescoço de almotolia,  
Guardanapo de estalagem,  
Rodilha de estrebaria.

O meu amor é um cravo,  
É um cravo por abrir;  
Eu também sou uma rosa  
Que o faço aqui vir.

O cravo depois de seco  
Foi perguntar ao jardim;  
O jardim lhe respondeu:  
— Tudo o que nasce tem fim.

O cravo depois de seco  
Significa amor esquecido;  
Nem de noite nem de dia  
Nunca me sai do sentido.

Tu és cravo, eu sou rosa,  
Qual de nós valerá mais?  
— O cravo pelas janelas,  
— A rosa pelos quintais.

Adeus, cravo do meu peito,  
Perpétuas do meu jardim;  
Meu amor que te ausentaste  
Grande queixa tens de mim.

Ausentaste-te de mim,  
Sem ter razão nem queixa;  
Quem se ausenta sem causa  
Não leva pena nem deixa.

Caldelas é boa terra,  
Que até a giesta dá flor;  
Venturosos os rapazes  
Que em Caldelas têm amor.

Quem me dera ir a Braga,  
Ou em Braga ter alguém;  
Quem me dera a liberdade  
Que as moças de Braga têm.

Vou-te rogar uma praga,  
Deus queira qu'ela te caia;  
Domingo, se fores à missa,  
No adro te caia a saia.

Ó meu amor, fala baixinho,  
Que as paredes têm ouvidos;  
Olha que os amores sem graça  
São às vezes os mais queridos.

Aqui somos nós chegados,  
Ó que ronda nós trazemos;  
Da terra donde vimos  
Já não pode ser por menos.

Graças a Deus para sempre,  
Já ouvi a tua voz;  
Julguei que a tinhas metido  
Dentro numa casca de noz.

Fui caçar um melro negro  
Nos ramos dum amieiro;  
P'ra caçar um melro negro  
Foi preciso um ano inteiro.

Sei um cento de cantigas  
Mais uma cartuxada;  
Para cantar toda a noite  
Mais toda a madrugada.

Sei um cento de cantigas,  
Mais uma taleiguinha;  
Quando vou p'ra cantar  
Só puxo pela baracinha.

Já lá vai pelo mar fora  
Quem me adorava algum dia;  
Deus o leve e Deus o traga  
Para a minha companhia.

Já lá vai pelo mar fora  
Quem cá não há-de tornar;  
Quem cá fica, fica a rir,  
Quem lá vai, vai a chorar.

No meio do mar estão rosas,  
Eu bem lhes vi os botões;  
Tenho visto caras lindas,  
Mas não vejo corações.

Ó mar largo, ó mar largo,  
Cada um é p'ró que nasce;  
Quem nasce para o mar largo  
Não tem medo a afogar-se.

Chapéu alto, chapéu alto,  
Chapéu alto leva o vento;  
Muito enganado anda  
Quem comigo perde tempo.

Vou-me embora, levo pressa,  
Levo água de regar,  
Amanhã é dia-santo,  
Temos tempo de falar.

Amanhã é dia-santo,  
Hei-de ir à missa do dia,  
Para ver o meu amor  
À porta da sacristia.

Amanhã é dia-santo,  
Eu não no hei-de guardar,  
Que o meu amor é Domingos,  
Dias-santos há-de dar.

Meu amor é Domingos,  
É que dá os dias-santos:  
— Como hei-de diferenciar  
Dominguinhos entre tantos?

Ondas do mar abrandai  
Qu'eu quero caçar um peixe;  
Quero deixar o mundo  
Antes que o mundo me deixe.

Vejo mar e vejo terra,  
Vejo espadas a luzir,  
Vejo o meu amor em guerra,  
Não lhe posso acudir.

Tenho o meu peito aberto,  
Não acho o retelhador,  
Que me chove dentro dele  
Lágrimas do meu amor.

Tenho dentro do meu peito  
Um alambique de água-ardente,  
Para espalhar saudades  
Quando de ti estou ausente.

O meu peito é um relógio,  
Coração dá badaladas:  
Nos dias que te não vejo  
Trago as horas contadas.

Mandei fazer um relógio  
Da farinha do pão trigo  
Para contar os minutos  
E horas que estou contigo.

Mandei fazer um relógio  
Da casca do carangueijo  
Para contar os minutos  
Dos dias que te não vejo.

Uma rosa p'ra ser rosa  
Há-de ser do peito de Ana,  
Cortadinha ao domingo  
Dura p'ra toda a semana.

Os sinos da Piedade  
Tocam, metem ternura,  
Por ver teu pai na cadeia  
Tua mãe na sepultura.

Botei um limão correndo,  
À tua porta parou,  
Quando o limão te quer bem  
Que fará quem no botou!

Subi ao limoeiro  
Tirei-lhe uma só vergasta;  
Para um amor entendido  
Um sinal só lhe basta.

Da janela de meu pai  
Vejo o pomar de meu sogro,  
Antes queria ver o filho  
Que a fruta do pomar todo.

Adeus, ó minha nenina,  
Ó rica flor do meu peito,  
Nem te privo a liberdade  
Nem te falto ao respeito.

Se tu visses o que eu vi  
Da banda de lá do ribeiro:  
Um macaco a bater sola  
Na cara dum sapateiro.

Ó meu sapo d'entre as portas,  
Não trepes a esse penedo,  
Não me *arreguiles* os olhos  
Eu tenho-te pouco medo.

Ó vida da minha vida,  
Ó meu rico melindrinho  
Eu não sei o que estás fiando,  
Será stopa, será linho ...

Ó barão, casa comigo,  
Qu'eu já tenho quatro ofícios:  
Sei tecer, sei coser,  
Sei fiar, sei fazer liços.

Canta, canta, cantador,  
Qu'eu já sei que és *cantista*:  
Eu já tenho depenado  
Franguinhos de maior crista.

### CARRAZEDO

Aí vem Caires a cair,  
Ó Besteiros tem-te lá;  
Carrazedo leva o ramo  
E sempre o levará.

Tenho à minha janela  
Saruguinhas em dois molhos,  
Tenho diante de mim  
A perdição dos meus olhos.

Eu sou sol e tu és sombra,  
Qual de nós será mais puro?  
— Eu como sol a adorar-te,  
— Tu como sombra a fugir-me.

A água daquele monte  
Por aquele vidro desce  
Nem a água obedece ao vidro  
Nem o meu amor me esquece.

Os olhos daquela menina  
São dois navios de guerra:  
Uns embarcam p'ros Açores.  
Outros p'rá Inglaterra.

Ó que lindo luar dá  
Para colhermos a marcela;  
Colhêmo-la ambinhos  
P'ra fazer a cama d'ela.

Cravo branco à janela  
É sinal de casamento;  
Menina, recolha o cravo  
Que p'ra casar tem muito tempo.

Menina que vai c'o gado  
Leva-me também o meu:  
Uma vaca e um tourinho,  
Lindo gado tenho eu.

Semei no meu quintal  
O brio das raparigas:  
Nasceu-me uma rosa branca  
Cercada de margaridas.

Quem tem olivais tem vinhas,  
Quem tem vinhas tem azeite;  
Quem tem porcos tem presunto,  
Quem tem cabras vende leite.

Amores do pé da porta,  
Não os tenho nem os quero;  
Quanto mais ao longe, ao longe  
Muito mais melhor lhes quero.

Uma menina bonita  
Nunca devia nascer,  
É como a pera madura,  
Todos a querem comer.

O cuco bateu na poupa  
Tirou-lhe as penas do rabo;  
A poupa vai p'rá cadeia,  
O cuco vai *degredado*.

Aqui neste canto canto  
Aqui neste recantinho;  
Onde o pombo bate a asa,  
Onde a rola faz o ninho.

Fui à figueira aos figos,  
Apanhei-a toda aos canos;  
Quem me dera os anjos do céu  
Qu'os da terra tem enganos.

Fui a Paranhos às moças  
Só encontrei hortigas:  
Dei volta por Cernadela,  
Ó que belas raparigas!

Vós dizeis que viva Caires,  
Viva de rego a rego;  
Eu também digo que viva  
Besteiros e Carrazedo.

Segurelha, segurai-me  
Que me quero ver segura;  
Quero dar meu desengano  
A quem tanto me procura.

Azeitona miudinha  
Que azeite pode render?  
— Homem pequeno, sem barba,  
Que respeito pode ter!

Azeitona miudinha  
Também vai p'ró lagar;  
Também eu sou miudinha  
Mas sou firme no amar.

Os meus olhos são gabados  
Por abades e doutores;  
Também hão-de ser gabados  
Por filhos de lavradores.

Cantai comigo, meninas,  
Cantai todas, cantai bem:  
Canta Ana, canta Teresa,  
Canta Maria também.

Eu àmanhã vou à feira;  
Meu amor que queres de lá?  
— Tudo que for de teu gosto  
De minha vontade será!

A folha da hera trepa,  
A do lírio vai descendo:  
Fala para quem tu quiseres,  
Qu'eu de ti nada pretendo.

Subi ao castanheiro,  
Desci pela castanha:  
Dizeis que tenho namoro,  
Ó que mentira tamanha!

O meu colete de linho  
Ninguém lh'á-de pôr a mão;  
Só se for minha cunhada  
Qu'ê mulher de meu irmão ...

Minha maçã vermelhinha,  
Vermelhinha na macieira:  
Vermelhinha em casada ...  
Que faria em solteira.

Tenho dentro do meu peito  
Dois moinhos a moer:  
Um anda outro desanda,  
Assim é o bem-querer.

A silva nasceu-me em casa  
Deu volta na cantareira;  
Alegre-se, minha mãe,  
Que já tenho quem me queira.

Dizeis que não pode ser  
Limoeiro dar limões?  
— Eu tenho no meu quintal  
Nabiças a dar feijões.

Um coletinho de linho,  
Feito por trás das paredes,  
Inda m'ás-de vir às mãos  
Como os peixes vem às redes.

Fui rasgar as tuas cartas  
Ao mais alto dos pinheirais;  
Só p'ra ver se me esquecias,  
Cada vez me lembras mais.

A folha da hera trepa,  
A do lírio vai de volta:  
Se vês que me não pretendes  
Não procures minha porta.

Minhas saídas à noite,  
Minhas idas ao serão,  
Minhas solinhas rompidas,  
Minhas passadas em vão!

Eu só queria adivinhar  
O que era o teu serão!  
— Se era fiar tomentos,  
Se era fiar a lâ?

Minhas andadas de noite  
Hão-de me dar mau pago;  
Hão-de me dar um vestido  
Por cima deste que trago.

Santíssimo Sacramento,  
Que linda palavra eu dei.  
Nossa Senhora me guarde,  
Já que guardar-me não sei!

Santo António guarda o gado  
Santa Luzia os pedreiros;  
Nossa Senhora os trolhas  
S. José os carpinteiros.

Ouvi te chamar Custódia,  
O teu nome me agradou  
A Custódia é de prata  
Onde o Senhor se mostrou.

Ó meu amor, vai e vem,  
À vinda vem por aqui;  
Eu baixarei os meus olhos  
E farei que te não vi.

Quantas voltas dá o rio  
Ao redor do amieiro?...  
Muitas mais dá o amor  
Se ele é firme e verdadeiro.

Semear e não colher  
É o que atrasa o lavrador;  
Também ando atrasadinha  
Nas falas ao meu amor.

Passas por mim, não me salvas,  
Guardas respeito a alguém?  
— Podes passar e salvar,  
Respeitar a quem queres bem!

Passas por mim, não me salvas,  
Nem o teu chapéu me tiras:  
Foi certo que te disseram  
De mim algumas mentiras.

Quando passares por mim  
Deita os olhos ao chão ...  
Podemo-nos querer bem  
E os outros julgar que não.

Adeus, meu amor, adeus,  
Até domingo à missa:  
A semana é solteira,  
Nós não temos outra vista.

O meu amor foi e disse:  
— P'ra domingo falaremos ...  
A semana tem seis dias,  
Eu inda queria menos!

Meu amor, anda-me ver,  
Anda me ver qu'és tão lindo:  
Duas vezes à semana,  
Três ou quatro ao domingo.

Ó meu amor de domingo,  
Anda me ver à semana;  
Ao domingo vais à missa  
Qualquer carinha t'engana.

Os goivos da minha horta  
*Arrebentam* ao nascer ...  
Assim rebentam os olhos  
A quem não me pode ver.

Meu amor anda me ver  
Que à semana tenho quem ...  
Quem ao domingo me vem ver  
Venha à semana também.

Boa árvore é o carvalho,  
Dá quatro qualidades de fruto:  
Bugalhos e bugalhinhos,  
Landras, maçãs de cuco.

Carvalhos que dais bugalhos,  
Porque não dais coisa boa?  
— Cada qual dá o que pode  
Consoante a sua pessoa.

Não chores por mim, não chores  
Qu'eu não sou o teu amor!  
Eu não sou com'a figueira  
Que dá fruto sem dar flor!

Não chores por mim não chores,  
Qu'eu p'ra ti não hei-de ser!  
Eu já tenho quem me adore  
P'ros dias qu'hei-de viver.

Rapariga, tu és tola,  
Qu'eu não sou o teu galante;  
Ou tu nasceste sem tempo  
Ou no quarto minguante.

Aquela menina chora  
Porque eu a enganei;  
Neste mundo chora ela  
No outro eu sofrerei.

Menina, diga a seu pai  
Que se o vir lhe direi  
Que não diga mal de mim  
Que em casa lhe cairei.

Ó vida da minha vida,  
Senhor S. Bartolomeu,  
Menina, fuja a seu pai  
Qu'eu também fujo ao meu.

Meu amor, não vivas triste,  
Vive alegre, se quiseres,  
Algum dia será tua  
A que tu agora queres.

Meu amor se por aí andas,  
Bem te podes ir embora,  
Que me diz meu coração  
Que te não falo agora.

A castanha quando nasce  
Logo nasce redondinha:  
Também tu, minha menina,  
Nascestes para ser minha.

A laranja quando nasce  
Tem posse no amarelo:  
Se o meu amor é António,  
António é quem eu quero.

Assucena c'o pé na água  
Toma conta do jardim:  
Também tu, minha menina,  
Queres tomar posse de mim.

Rouxinol do bico preto,  
Deixa a baga do loureiro,  
Deixa dormir o meu amor  
Qu'está no sono primeiro.

Vai-te sono, vai-te sono,  
Deixa-me a minha criada;  
Nem na calças nem na vestes  
Nem lhe pagas a soldada.

Ó meu amor, deixa tudo,  
Apega-te a carpinteiro;  
Qu'eu na fama já sou tua,  
Faz o dito verdadeiro.

Ergue-mo chapéu p'ró ar,  
Não no tragas derrubado;  
Eu quero ver a meu gosto  
Essa carinha de cravo.

As tranças do meu cabelo  
São loiras e perfumadas:  
É como quando se juntam  
As almas apaixonadas.

Que lindo botão de rosa  
Aquela roseira tem!  
Debaixo ninguém lhe chega,  
A cima não vai ninguém.

Que lindo botão de rosa  
Traz o meu amor ao peito!  
Foi feito à maravilha,  
À maravilha foi feito.

Ó rosa, flor mimosa,  
Ao pé do tanque nascida!  
Sabes o bem que te quero,  
Fazes-te desentendida! ...

Não quero amor Francisco  
Que me amarga a trovisco;  
Quero um amor Manuel,  
Qu'ê o nome de Jesus-Cristo.

Manuel abraçou Ana  
Que bem no vi abraçar;  
Coisa que os meus olhos viram  
Ninguém ma pode negar.

Fui à fonte esperar Ana,  
Vinha meu primo co'ela;  
Adeus Ana, adeus, meu primo,  
Deus te faça bem por ela.

Os dias que não vi Ana  
Não comi ao jantar nem à ceia;  
— Qu'ê da minha rica Ana,  
— Qu'ê da minha casa cheia?

O jasmim caiu do céu  
Ao pé da branca assucena;  
Não há gosto neste mundo  
Que por fim não deixe pena!

Toda a vida meu pai disse:  
— Rapaz, não sejas garoto ...  
Foge-me das raparigas  
Com'a camisa do corpo!

Ó meu amor, és tão lindo,  
Que todo o mundo te cobiça;  
És o capitão do sono  
O general da preguiça!

Amigo das calças doutro,  
Da jaqueta emprestada,  
Disse o dono do colete  
Que lhe mandasses a espingarda.

Ó meu amor, quem te disse  
Qu'eu andava no ribeiro?  
— Conheci-te no cantar,  
Vim te sair ao carreiro.

Ao passar o ribeirinho  
Ao meu amor dei a mão;  
Se ele não fosse meu primo  
Eu lha daria ou não.

Quem me dera a liberdade  
Que o galo tem no poleiro;  
Namorava as moças todas,  
Ficava sempre solteiro.

Uma galinha lançada  
Com trinta ovos ao pé;  
Cada ovo trinta pintos,  
Dizei-me que conta é?

Pega lá meu coração,  
Aceita-o de consoada;  
Quem te dá o coração  
Não te pode dar mais nada.

Dei o meu coração às moças  
Para mo elas guardar;  
Agora a todas o peço,  
Mas nenhuma mo quer dar.

O meu coração é de vidro  
— E vidro na tua mão —  
Se te quiseres vingar dele,  
Deixa-o cair no chão.

O coração perto da boca  
Faz um peito que regala:  
Em certas ocasiões  
Arrebenta se não fala.

Eu queria cantar alto.  
A garganta não me ajuda;  
Com bacalhau assado,  
Falta-me o sumo da uva.

Subi a um penedinho;  
Topei um lenço de mão;  
Tinha letras que diziam:  
— Amar-te, deixar-te não —

Oliveira torada  
Sempre fica oliveira:  
Moça nova qu' é casada  
Inda julga qu' é solteira.

Com as aves do campo  
Eu me queria comparar:  
Andam vestidas de penas,  
Seu alívio é cantar.

Passarinho ribeiro,  
Empresta-me o teu vestido;  
Teu vestido é de penas,  
Eu também em penas vivo.

Passarinho ribeiro,  
Passa o rio, não bebe;  
Também eu passava a noite  
Contigo, cara de neve!

Alfaiates não são homens  
Todos dizem — farei, farei, ...  
P'ra matar uma aranha  
Gritaram aqui-del-rei.

Já vi um doutor a ler,  
Uma aranha a dar escola,  
Nas asas duma carriça  
Formar-se o jogo da bola.

Hei-de arranjar um alfaiate  
Qu'eu tambm sou costureira:  
Tira agulhas, mete agulhas,  
Leva uma vida brejeira.

Casada nunca eu fora,  
Solteira duzentos anos;  
Casada, cheia de filhos;  
Solteira, cheia de enganos!

Manuel, Manuel,  
Manuel do Senhor,  
Té agora eras um santo,  
Agora és o meu amor.

Janela sobre janela,  
Postigo rente do chão,  
Falinhas quantas tu queiras,  
Só casar contigo, não.

Fui à fonte beber água,  
Bebi, tornei a beber,  
Nunca era cheia de água,  
Nunca meus olhos de te ver.

O meu amor me deixou  
Por eu bonita não ser;  
Trinta diabos 'o levem,  
Que o não torne mais a ver.

O meu amor me deixou  
Por eu andar à parola;  
Agora, por me não querer,  
Vou-me vestir à senhora.

Ando rouca do meu peito,  
Mal haja a rouquidão!  
Que não me deixa cantar  
À minha satisfação.

Aí vem a sardinha fresca,  
Vem o navio à vela;  
Vem o meu amorzinho  
Sentadinho à janela.

Verde foi o meu nascimento,  
Eu de luto me vesti;  
Para dar luz ao mundo  
Mil tormentos padeci.

Manjaricão da janela,  
Já te podes ir secando,  
Já morreu quem te regava,  
Eu já estou enfadado.

Manjaricão da janela,  
Do meu peito foste vaso;  
Já lá vai quem te cuidava,  
De ti já não faço caso.

Coitadinho de quem ama  
Dois amores na mesma rua;  
Passa por um, — diz-lhe adeus,  
Passa pelo outro, — amua.

Meu pai tem uma quinta  
Fechada com sete trancas;  
Tem lá dentro uma burrinha  
Que rincha como tu cantas.

António foi o primeiro  
Que no meu peito entrou;  
Há-de ser o derradeiro  
— Juro-o ao pé de quem estou.

O meu amor e o teu  
Andam na fresca ribeira:  
O meu anda à erva-doce,  
O teu à erva-cidreira.

Vós mandais-me cortar erva,  
Eu erva não sei cortar;  
Mandai-me falar às moças  
Qu'algum jeito lhe hei-de dar.

Ó vida da minha vida,  
Três com um burro andam bem:  
Um carrega, outro tem mão,  
Outro olha se vai bem.

O meu amor coitadinho  
Pensa qu'eu o adoro,  
Julga que choro por ele,  
Sabe Deus por quem eu choro,

Eu quero bem ao feijão.  
Muito mais quero à vagem;  
Quero bem ao meu amor,  
Muito mais aos que o tangerem.

Chamaste-me toda tua,  
Eu toda tua não sou,  
Inda sou um bocadinho  
Duma mãe que me criou.

Ó Ana, três vezes Ana,  
Maria só uma vez;  
Mais vale uma vez Maria  
Que as Anas todas três.

Adeus, ó lugar do Monte,  
Pedra em que me sentava;  
Adeus, meu amor, adeus,  
Por tempo tudo se acaba.

Adeus, que me vou embora,  
Vou daqui p'ró doutor;  
Venho toda mordidinha  
Das pulgas do meu amor

Amanhã, se Deus quiser,  
Hei-de matar o meu burro,  
Para dar ao meu amor  
Um prato de sarrabulho.

Minha sogra está doente,  
Vou-lhe matar a cadela,  
Não vá dizer o filho  
Qu'eu não faço caso dela.

Ó meu amor, se tu queres,  
Qu'eu à cama te vá ver,  
Torna-me a tua cachorra  
Qu'ela me não venha morder.

O meu amor está doente  
Hei-de o ir visitar,  
Com dez réis de estricnina  
E cinco réis de rosalgar.

O meu amor está doente  
Numa cama de madeira,  
Desejo as melhoras dele  
E o caixão à cabeceira.

Fui à fonte beber água  
Debaixo da verde murta,  
Só p'ra te ver, meu amor,  
Que a sede não era muita.

Sócos de meia moeda  
Ninguém os tem senão eu,  
Aqui está quem mos pagou,  
Foi um branco quem mos deu.

Canta, rapariga, canta,  
Canta coisa que se oiça;  
Já que não sabes cantar,  
Vai roer mato p'rá bouça.

Estrada de Carrazedo,  
Estrada de tanta volta,  
Amar muito me custa,  
Deixar pouco me importa.

Hei-de ir ao Senhor da Serra  
Nem que me leve um mês;  
Eu quero ver os milagres  
Que o Senhor da Serra fez.

Quando entro na igreja  
Não faço senão rézar;  
Começo o Padre-Nosso,  
Não o posso acabar.

Quando entro na igreja  
Faço o sinal da cruz  
P'ra renegar o demónio,  
— Santo Nome de Jesus!

Minha mãe quando me teve  
Pôs-me debaixo dum pucarinho,  
Os ratos deram comigo,  
Pensaram qu'era toucinho.

O meu amor foi e disse  
Que por ele não chorasse,  
Que lhe não desse mais penas,  
Que o não mortificasse.

Adeus, lugar do Monte,  
Cercado de lampiões,  
Onde o meu amor passeia  
De botinhas sem tacões.

Suspiros ao ir p'rá mesa,  
Suspiros ao sair dela,  
— Por quem suspiras, meu amor?  
— Por quem não está nesta terra!

Suspiros ao ir p'ra mesa,  
Suspiros ao levantar;  
Tudo isso são suspiros  
P'ra acabar de me matar.

Suspirando, dando ais,  
Anda o meu amor na rua;  
Suspira por quem quiseses,  
Qu'eu por hora não sou tua.

Fiz a cama na calçada  
Sem cobertor nem lençol;  
A cama sem a mulher  
É com'ó dia sem sol.

Fiz a cama na calçada,  
O travesseiro de tojo,  
Se algum dia te quis bem,  
Agora metes-me nojo,

Os olhos do meu amor  
Estão enterrados na areia;  
Quem os for desenterrar  
Tem cem anos de cadeia.

O meu amor é ourives,  
Já me deu uma aliança,  
Já tenho quem me dê prendas  
Apesar de ser criança.

Amores de homem casado  
Quem me dera sequer um,  
P'ra cortiço do sal  
Qu'inda não tenho nenhum.

Coração por coração,  
Amor não troques o meu,  
Olha que o meu coração  
Sempre foi leal ao teu.

Os olhos daquela menina  
São verdes, cor de loureiro,  
Alumiam toda a noite  
Com'ó luar de Janeiro.

Passei à tua porta,  
Pedi água, não ma deste  
Quando passares à minha  
Farei o que me fizeste.

Subi ao limoeiro,  
Cinco folhas lhe tirei,  
Cinco sentidos qu'eu tinha  
Todos em ti empreguei.

Passei pelo teu campo,  
O milho tinha pendão,  
Se quiseres casar comigo,  
Vai tirar a certidão.

Ó pinheiro, dá-me uma pinha,  
Ó Silva, dá-me uma amora;  
Meu amor, dá-me um beijo  
Que me quero ir embora.

Se ao domingo vou à missa  
No adro faço parada;  
Olho para toda a gente,  
Só o meu amor me agrada.

Se domingo fores à missa,  
Repara onde eu me ponho;  
Dá-me um sinal co'os olhos,  
Eu com isso me componho.

Cortei o bico à rola,  
Deitei-o entre o centeio;  
Quem tem um amor bonito  
Ri-se de quem no tem feio.

Canta comigo, menina,  
Lá dentro desse quartel;  
Se as pulgas fossem abelhas,  
Vendias pipas de mel.

## TORRE

Folha do castanheiro  
Rebicada como renda,  
Os olhos do meu amor  
Foram feitos de encomenda.

Os olhos do meu amor  
São duas continhas pretas  
Colhidas pelo luar  
No jardim das violetas.

A freguesia da Torre  
Ao longe parece vila;  
Tem um cravo na entrada  
Uma rosa na saída,

Tu dizes que me queres bem,  
Eu não o cuído assim;  
Só falas quando me encontras,  
Passadas não dás por mim.

Se tu queres que te ame,  
Manda ladrilhar o rio;  
Depois dele ladrilhado  
Amo-te que é meu brio.

Os amores quando se encontram  
Causam pena e dão gostos;  
Divertem-se os corações,  
Sobem as cores ao rosto.

Laranjeira com pé d'oiro  
Deita raminhos de prata;  
Tomar amores não custa  
Deixá-los é que mata.

A laranja quando nasce  
Logo nasce redondinha  
Também tu, minha menina,  
Nascestes para ser minha.

O limão é coisa azeda  
Só se traz na mão por brio:  
Quem me dera ser limão  
Que te tirava o fastio.

Dizeis que o preto é feio ...  
O preto é linda cor!  
O preto é com que escrevo  
As cartas ao meu amor.

Ó meu amor, se tu fores,  
Diz-me a quem hei-de amar.  
— Ó meu amor, a ninguém,  
Que depois hei-de voltar.

Graças a Deus para sempre,  
Já ouvi a tua voz;  
Julguei que estavas metida  
Dentro numa casca de noz.

Dentro numa casca de noz  
Eu não me podia meter;  
Eu não sou tão pequenina  
Que lá pudesse caber.

Ó freguesia da Torre,  
Pequenina mas briosa:  
Todo o seu povo é unido,  
Para a igreja é generosa.

Acorda, meu bem, se dormes,  
Nesse delicado sono;  
Quem assim dorme sossegado  
É porque já tem seu dono.

Eu quero bem ao feijão,  
Muito mais quero à vagem;  
Eu quero bem ao vermelho  
Muito mais a quem o traz.

Eu quero bem ao cigarro,  
Muito mais ao fumador;  
Eu quero bem ao meu sogro,  
Por ser pai do meu amor.

Pediste-me a mim um beijo,  
Ó meu amor, dera, dera ...  
Um abraço com uma corda,  
Um beijinho com uma pedra.

Tu dizes que não me queres,  
Inda hás-de vir a querer;  
Tanto bate a água na pedra,  
Que a faz amolecer.

Uma moça, para ser moça  
Ninguém lhe há-de pôr a mão;  
Há-de ser como a toupeira  
Que ande por baixo do chão.

Tenho um saco de cantigas  
Mais uma taleiguinha,  
Quando as quiser cantar  
Desato a baracinha.

Ó meu amor, dera, dera,  
Se tu eu pudesse dar;  
Dava-te o meu coração  
Se o pudesse tirar!

O meu coração do teu  
Ninguém no pode afastar;  
É como a alma do corpo  
Quando Deus a quer levar.

O mantraste é cuidado  
Vós com ele me tratais:  
Bem pensei, minha menina,  
Que me querias muito mais.

Eu quero-vos muito mais  
Da parte do coração;  
Só te peço por favor  
Que não me ponhas a mão.

Anda aqui p'ra minha beira,  
Não tenhas opinião;  
Tens aqui ao pé de ti  
Quem te tira a presunção.

Tu pensas qu'és mais ca'mim,  
Engana-te o coração:  
Podes sê-lo na formosura,  
Não o és na geração.

Eu vou por aqui abaixo,  
Por aqui abaixo vou;  
A mim ninguém me conhece,  
Ninguém sabe quem eu sou.

Se eu fora gato pardo  
Entrava pela gateira;  
Formava-me numa pulga  
Saltava p'rá tua beira.

Se o mar tivesse varandas  
Ia te ver ao Brasil,  
Mas o mar não tem varandas,  
Meu amor, por onde hei-de ir?

## PORTELA

Primeiro amor custa tanto,  
Recorda a nossa inocência:  
Primeiro amor, o mais santo  
De toda a nossa existência.

Se eu entrasse no teu peito  
Sabia o teu interior;  
Assim, como lá não entro  
Não sei se me tens amor.

Se eu tivesse que dar, dava,  
Não tenho que dar, aceito:  
Aceito penas e mágoas,  
Saudades desse teu peito.

Menina, venha à janela,  
Venha ver a serenata;  
Venha ver o seu amor  
Que tanto por si se mata.

Meu amor ontem ò noite  
Pela vida me jurou  
Que se ia deitar ao mar,  
Se ele é tolo, eu não sou.

Meu amor, anda me ver  
À fresca deste ribeiro:  
Ainda que me não pretendas,  
Falas não custam dinheiro.

Ó Senhora da Abadia,  
Eu neste terreiro digo:  
— Este ano com meu pai  
P'ró ano c'o meu marido.

Pinheirinho verde, verde,  
De rama arredondada,  
Lá por detrás dessa serra  
Eu bem te vejo a sombra.

Subi ao limoeiro,  
Pus o pé na segurança  
Namorei-te, foi bem feito,  
Não me desses confiança.

Quatrocentos guardanapos,  
Três vintens em cada ponta,  
Menina que é muito fina  
Faça-me lá essa conta.

Quatrocentos guardanapos  
Tenho eu no meu tesouro:  
Três vintens em cada ponta  
Faz trinta moedas d'ouro.

Eu hei-de subir ao alto  
Que do alto vejo bem:  
Quero ver o meu amor  
Se me fala com alguém.

Fui ao céu por uma linha,  
Desci-me por um novelo:  
Não há dor que tanto mate  
Como a dor de cotovelo.

Vós chamais-me rosa-branca,  
Por alcunha «borboleta»:  
Tenho pauta c'ó diabo,  
Comigo ninguém se meta.

Ó coração retraído,  
Ó cara cheia de enganos,  
Olha as falas que tu deste  
A quem te amou tantos anos.

Já passei o mar a nado  
Nas ondas do teu cabelo:  
Já me posso ir gabar  
Que passei o mar sem medo.

Queria te dizer adeus,  
Mas com saudades não posso:  
Tenho o meu coração preso  
C'um fio d'ouro ao vosso.

Da minha janela à tua,  
Do meu coração ao teu  
É um tiro de espingarda,  
Quem a dispara sou eu.

Minha alminha é de Deus,  
Minha cabeça é do rei;  
Meu corpo é da sepultura,  
As unhas eu tas darei.

Ó minha mãe, s'eu morrer,  
Chame as minha amigas;  
P'ra me pegar ao caixão  
Vinte e quatro raparigas.

Se passares e não falares,  
Nisso me fazes favor:  
Não te vejo não me lembrás,  
Assim te perco o amor.

Já passei o mar a nado  
Com uma vela branca acesa:  
Em todo o mar achei fundo,  
Só em ti pouca firmeza.

### PROSELO

Meu amor, fala baixinho  
Que as paredes têm ouvidos;  
Escusa ninguém de saber  
Os nossos vários sentidos.

Indo eu pelo mar fora,  
Ouvi cantar, escutei;  
Ouvi cantar a sereia  
Lá no palácio do rei.

O meu cabelo dobrado  
Dá mais de trinta novelos,  
Aventurai-vos, ó moços,  
A ganhá-los ou perdê-los.

Eu hei-de subir ao alto,  
Que do alto vejo bem,  
Quero ver o meu amor  
Se pára com alguém.

Fui à fonte beber água,  
Bebi, tornei a beber:  
Nem o meu coração se enfada  
Nem meus olhos de te ver.

Eu saltei ao teu quintal,  
Calquei a salsa sem querer,  
Eu reguei-a bem regada,  
Ela tornou a crescer.

Dai-me vinho, dai-me vinho,  
Água não posso beber;  
A água tem sangue-sugas,  
Tenho medo de morrer.

Se tu visses o qu'eu vi  
Varavas como eu vareí,  
Uma cobra a tirar água  
P'ra regar a quinta ao rei.

Se tu visses o qu'eu vi  
Num buraco da parede,  
Uma cobra a dançar a chula  
Um sardão a cana verde.

Fui ao céu por uma linha,  
Desci pelo novelo;  
Eu bem sei que tu que tens  
Muita dor de cotovelo.

Nossa Senhora tem tudo,  
Tem tudo na sua mão:  
Tem a morte, tem a vida,  
Também tem a salvação.

Quem quiser qu'eu cante  
Dê-me vinho ou dinheiro,  
Esta minha gargantinha  
Não é forja de ferreiro.

Meu amor de tão longe,  
Chega-te cá para perto,  
Que me doi meu coração  
De te ver nesse deserto.

O meu amor me deixou  
Julgando qu'eu que morria;  
Inda me deixou a tempo  
De amar quem eu queria.

Algum dia era eu  
No teu prato a melhor sopa:  
Agora sou um veneno,  
Rosalgar na tua boca.

Julgavas qu'eu que te queria,  
Meu abanador do vento,  
Tinha nojo e desprezo  
De perder contigo o tempo.

Ó meu amor das três penas,  
Dá-me uma, quero voar;  
Quero ir ao céu em vida,  
À vinda torno-te a dar.

Julgavas qu'eu que te queria,  
Meu cara de peneireiro,  
Nem que a tua mãe te desse  
Trinta contos em dinheiro.

Meu amor, se por aqui andas,  
Mais te vale ir embora,  
Que me diz meu coração  
Que te não falo agora.

Julgavas qu'eu que te queria,  
Já te andavas a gabar;  
Vai à mãe que te dê leite,  
Que te acabe de criar.

Vai-te embora, vai-te embora,  
Tu de mim não levas nada;  
Inda tu vás que não voltes  
Que me tragas enganada.

Cuidavas qu'eu que te queria  
Moncoso, vai-te assoar;  
— Quem será o pai que tem  
Uma filha p'ra te dar?

Em Rendufe não há moças,  
Carrazedo falho delas,  
Feira-Nova o rebotalho,  
Proselo o ramo delas.

Feira-Nova não tem rosas,  
Que secaram as roseiras;  
As moças de Proselo  
São as rosas verdadeiras.

O meu amor é António,  
Eu queria Joaquim,  
Mas agora não o tenho,  
Vira-te António p'ra mim.

O anel que tu me deste  
Não o dei nem o vendi:  
Deitei-o da ponte abaixo,  
Fazia-te o mesmo a ti.

À porta do meu vizinho  
Tem um portão encarnado  
Onde mora a minha sogra,  
A mãe do meu namorado.

Quero ir à romaria,  
Tenho medo ao calor;  
Empresta-me o teu chapéu,  
Antoninho, meu amor.

A salsa do meu quintal  
Rebentou ao nascer;  
Assim rebentem os olhos  
A quem me não pode ver.

A salsa do meu quintal  
Rebentou pelo pé;  
Assim rebentem os olhos  
A quem diz o que não é.

Ó que lindo chapéu preto  
Naquela cabeça vai;  
Ó que lindo rapazinho  
Para genro de meu pai.

Quem me dera ser colete,  
Quem dera ser botão,  
Para andar amarradinho  
Junto do teu coração.

Azeitona já está preta  
Já se pode andar aos tordos;  
Diz-me lá, o cara linda,  
Como vais de amores novos?

Deixa-me dar-te um beijinho,  
Meus lábios não têm peçonha,  
Dou-o escondidinho  
Escusas de ter vergonha.

Um beijinho não magoa  
A quem o levar no rosto;  
É uma coisa tão boa  
Que nem sei dizer o gosto.

Só queria dar um beijo  
Nesse teu rosto, meu bem;  
Apaga-me este desejo  
Não digo nada a ninguém.

Santa Teresa escreveu  
Ao Senhor do paraíso:  
— Já que a mocidade é louca,  
Ó Senhor, dai-lhe juízo!

O anel que tu me deste  
No domingo, às trindades,  
Era-me largo no dedo,  
Apertado na amizade.

Hei-de casar este ano  
Que o rendeiro anda nisso;  
P'ra debulhar a castanha  
Se a tiver o ouriço.

A castanha no ouriço  
Stá com toda a gravidade:  
Quem mais anda, mais aprende,  
Quem mais aprende, mais sabe.

O meu amor é um cão,  
Só me namora a ladrar;  
Quando chega à minha beira  
É capaz de me ferrar.

Estrelas descei cá baixo,  
Vinde prestar juramento,  
Vinde dizer ao meu bem  
S'eu com outro perco tempo.

Passo noites em claro,  
Não sei que me leva o sono,  
Somente em me lembrar  
Que o meu amor já tem dono.

Não há homem como Deus,  
Nem mulher como Maria;  
Nem estrela como a do Norte  
Nem luz como a do dia.

Tenho uma pena no peito  
Que me causa sofrimento:  
Têm-me dito que hei-de andar  
Neste mundo pouco tempo.

Eu hei-de matar quem mente,  
Satisfazer a minha paixão:  
Os homens são os que mentem,  
As mulheres não mentem, não.

Ó minha pombinha branca,  
Ó meu pombo rolador,  
Empresta-me o teu vestido  
P'ra falar ao meu amor.

Ó minha pombinha branca,  
Empresta-me o teu vestido;  
— O meu vestido são penas.  
— Eu também em penas vivo!

Tu julgas que por me rir  
Já me tinhas na mão;  
Eu não sou tão rabaceira  
Que coma a fruta do chão.

Viva o noivo, mais a noiva,  
Mais a mãe que os criou;  
Viva também o padrinho  
Qu'á igreja os levou!

Chamaste-me «pouca-roupa»,  
Se tens muita, teu proveito!  
Menos tenho de tirar à noite  
Quando cansada me deito.

Não te faças mais do que eu,  
Que não és menos nem mais;  
Debaixo da terra fria  
Todos nós seremos iguais.

Moram estrelas no céu,  
Também moram peixes no mar;  
Só tu, meu lindo amor,  
No meu coração queres morar.

O teu coração, Maria,  
Já todos dizem que é meu;  
O coração sem o corpo  
Para que o quero eu?

Toma lá meu coração  
E a chave para o abrir;  
Não tenho mais que te dar  
Nem tu mais que me pedir.

O meu coração e o teu  
São bem ruins de apartar;  
São como a alma do corpo  
Quando Deus a quer levar.

O meu coração voando  
Dentro do teu foi cair;  
Chegou lá, quebrou as asas,  
Não pôde de lá sair.

Quem me dera, quem me dera,  
Vento norte a favor,  
Que trouxesse e levasse  
Lembranças do meu amor.

As penas leva-as o vento,  
Aqueelas que leves são;  
Mas não há vento que leve  
Estas do meu coração.

Mais sofre quem sofre só,  
Vamos casar, meu amor;  
Quando eu chorar, choras tu,  
Partimos ao meio a dor.

Chamaste-me cachorrinho,  
Mas eu não ferro em ninguém;  
Se à tua porta é que ladro  
É porque te quero bem.

Toma lá colchetes de oiro,  
Aperta o teu coletinho;  
Coração que é de nós ambos  
Deve andar conchegadinho.

No meu jardim apanhei  
Uma flor de cheirar;  
Vira-te p'ra mim Maria,  
Eu p'ra ti me vou virar.

O meu peito está fechado,  
A chave está em Lisboa;  
O meu peito não se abre  
Senão a certa pessoa.

Eu de novo aqui venho  
Com a memória cansada;  
Trago saudades de matar  
E beijos à minha amada.

Já não há para ti nada,  
Só há medo do trovão,  
Há calor na madrugada  
Mas não há no coração.

## CAIRES

Ó meu amor, se quiseres,  
Toda a vida viver bem,  
Hás-de ouvir e calar,  
Não dizer mal de ninguém.

Minha mãe chama-me Rosa,  
Eu Rosa não quero ser;  
Baptizei-me por Rosinha,  
Sou Rosinha até morrer.

Fui à fonte p'ra te ver,  
Ao rio p'ra te falar;  
Nem na fonte nem no rio  
Nunca te pude encontrar.

Meus senhores, não se admirem  
De eu cantar e ser casada:  
Eu canto com alegria  
De me ver bem empregada.

Meus senhores, não se admirem  
De eu cantar e ser solteira;  
Eu canto com alegria  
De ainda não ter quem me queira.

Se fores lavar ao rio,  
Lava na pedra do meio;  
Se vires cair flores,  
Apanha, mete p'ró seio.

Deitei-me à beira do rio  
Para ver o que sonhava;  
Sonhei c'o meu amorzinho,  
Que o vento o levava.

Fui me deitar a dormir  
Entre verdes laranjais,  
Para ver se me esquecias,  
Cada vez me lembras mais.

Meu amor de algum dia  
Já o levou o diabo;  
Este que agora tenho  
Já é mais do meu agrado.

Daqui para a minha terra  
Toda a gente me quer bem;  
Só a mãe do meu amor  
Não sei que raiva me tem.

Entre canos e caninhos  
Vejo a água a nascer:  
Menina que está na fonte  
Venha me dar de beber.

O meu amor é tão lindo,  
Toda a gente mo namora:  
É branco como a «flugem»,  
Coradinho como a amora.

O meu amor foi e disse  
Que por ele não chorasse;  
Que lhe não desse mais penas  
Que o não mortificasse.

Canta, amor, cantemos ambos,  
Já que outra vida não temos:  
Anda a morte pelo mundo,  
Cedo nos apartaremos.

Já vi nascer o sol  
Na malguinha de beber  
Eu já vi uma menina  
Pelo seu amor morrer.

Tu dizes que me queres bem,  
Não entendo tal querer;  
Tu falas quando me encontras  
A casa não me vens ver.

Dizeis que não pode ser  
O amor ser repartido:  
Beber em todas as fontes,  
Só numa ter o sentido.

Se tu viesses o que eu vi  
Lá no alto da Galiza  
A mulher bater no homem  
Só em fralda de camisa.

O amor e o dinheiro  
Não podem andar encobertos:  
O dinheiro enche o palheiro  
O amor é desinquieto.

Semei no meu quintal  
As sementes do repolho  
Nasceu-me uma velha em casa  
C'uma batata num olho.

A folha da oliveira,  
Pequenina mas é jeitosa:  
Dizem que o meu amor é feio,  
Para mim é uma rosa.

Eu amo muito os teus,  
Muito mais amo os meus:  
Se não fossem os meus,  
Não podia ver os teus.

Ó meu amor, se tu fores,  
Leva-me na tua alminha:  
Eu sou como a borboleta  
Onde quer vou metidinha.

Ó meu amor, se tu fores,  
Leva-me, podendo ser;  
Eu quero ir acabar  
Onde tu fores morrer.

Troquei os meus olhos pretos  
Pelos teus acastanhados;  
Agora todos me chamam  
Amor dos olhos trocados.

Olha a bandeira  
Cheia de rosas;  
As moças de Caires  
São as mais vaidosas.

Hei-de me vestir de preto,  
De amarelo cor de ameixa,  
Que me chegou a notícia  
— O meu amor que me deixa.

Toca o sino no inferno,  
Vão os diabos à «missa»:  
Trinta diabos te levem  
Se me metes cobiça.

Atirei c'uma azeitona  
À menina da janela:  
A azeitona ficou dentro,  
A menina quem ma deral!

Atirei uma azeitona  
À menina do postigo,  
A azeitona ficou dentro,  
A menina veio comigo.

Atirei uma azeitona  
À menina da varanda,  
A azeitona ficou dentro,  
A menina já cá anda.

A Senhora do Alívio  
Alivía os corações:  
Só não me alivia o meu  
Que anda cheio de paixões.

Atirei c'o verde ó verde,  
Atirei c'o verde ó mar:  
Atirei o meu amor  
Que o podia matar.

Delicado é o fumo  
Que vasa a telha do frade;  
Delicados são os olhos  
Que namoram de pancada.

Daqui para a minha terra  
Tudo é caminho chão:  
Tudo são cravos e rosas  
Plantados por minha mão.

Tenho dito aos meus olhos  
Que não chorem por ninguém:  
Os meus olhos, de chorar  
Já nenhuma graça têm.

Meu amor, meu amorzinho,  
Minha pera de amorim,  
Sabes que te não quero,  
P'ra que andas atrás de mim?

Eu comprei um chapéu branco  
Para namorar de noite:  
O chapéu branco rompeu-se,  
O namorar acabou-se.

Eu comprei um chapéu branco  
Para namorar de dia:  
O chapéu branco rompeu-se,  
Já lá vai minha alegria.

Ó meu amor não embarques,  
Não te metas no navio,  
Porque as ondas do mar  
Não são com'as ondas do rio.

Estou em terra, vejo o mar,  
Vejo casas a luzir:  
Vejo o meu amor em guerra,  
Não lhe posso acudir.

No mar largo anda guerra,  
Eu bem ouço dar os tiros:  
Eu bem ouço combater  
Os meus ais c'os teus suspiros.

Os olhos do meu amor  
São duas azeitoninhas:  
Alumiam toda a noite  
Como duas candeinhas.

O meu pai tem uma vaca  
A vaca tem um tourinho:  
A vaca chama-se «anduva»  
O bezerro é «andovinho».

Eu queria cantar alto,  
A garganta não me ajuda:  
Comi bacalhau salgado,  
Falta-me o sumo da uva.

Ó meu verde cristalino,  
Criado nas verdes «latas»  
Quando me meto nele  
Até me faz andar de gatas.

O loureiro bate, bate, ...  
Eu bem no ouço bater,  
Com as pontas no telhado  
P'ró meu amor perceber.

Ó que rua tão escura  
Que não vejo nada por ela:  
Bem podias tu menina,  
Pôr candeias à janela.

A cobra pelo «paúlo»  
Foge que desaparece  
Também meus olhos fogem  
P'ra quem me bem parece.

Hei-de fazer um relógio  
Das pernas dum caranguejo  
Para contar os minutos  
Nos dias que te não vejo..

Apagaste a candeia  
Qu'estava no velador,  
Agora vai-te deitar  
Às escuras, meu amor.

O sapato me aperta,  
A meia me faz calor,  
O coração «arrebenta»  
Se te não falo, meu amor.

Alumia-me, candeia,  
Que me quero ir deitar.  
— Sem torcida nem azeite  
Como te hei-de alumiar?

O vermelho é das moças,  
O branco é das casadas;  
O preto é das viúvas,  
O roxo das namoradas.

O serpão é miudinho  
Lavra por cima do Souto:  
Quem entende por acenos  
Não diga que sabe pouco.

Ó meu amor, pede a Deus,  
Qu'eu peço às almas santas  
Que nos junte a nós, os dois  
Já que as almas são tantas.

No meio do mar estão cravos  
Que bem lhe vejo os botões:  
Vejo muitas caras lindas,  
Mas não vejo corações.

Coitadinha de ti, moça,  
Que tens um amor tão feio:  
Põe-no a servir de cancela  
P'ra tapar ao meu centeio.

Não ponhas o pé de ponta,  
Assenta-o nessa pégada;  
Essa tua presunção  
Há-de vir a dar em nada.

Não te ponhas a cantar  
Com tanta delicadeza:  
Já vi toalha mais fina  
Ser rodilha numa mesa.

Bota-te daí abaixo,  
Ó carinha de «feluge»  
Para cantares comigo  
Pega nos socos e fuge.

Deita-te tu daí abaixo  
Onde eu já me deitei;  
Aventura-te, menina,  
Ao que eu me aventurei.

## BESTEIROS

Ó S. Cristóvão da Ponte,  
Dos barqueiros protector,  
Levai-me ao cimo do Monte  
Donde eu veja o meu amor.

Ora agora vou-me embora  
Qu'a procissão saiu já;  
Eu só queria adivinhar  
Onde o meu amor está.

Vou rogar-lhe uma praga  
Que é muito verdadeira;  
Vai-te casar com Braga  
Ela inda stá solteira.

Aninhas, fecha a porta,  
Eu quero dormir contigo;  
Aninhas, fecha a porta,  
Eu entro pelo postigo.

Deixa-me dormir contigo,  
Uma noite não é nada;  
Eu entro pelo escuro,  
Logo saio na madrugada.

Ó Aninhas, Aninhas,  
Ó Aninhas da varanda;  
Anda ver o teu amor,  
Se é algum dos que aqui anda.

Se é algum dos que aqui anda,  
Vestido de militar;  
Abre-me a porta, Aninhas,  
Que me quero ir deitar.

Que me quero ir deitar,  
Meia noite já stá dada;  
Minha mãe me faz em casa  
Sermão e missa cantada.

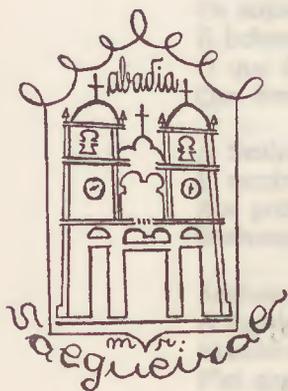
Menina do amarelo,  
 Diga quanto lhe custou,  
 Que me quero vestir dele  
 Já que tanto me agradou.

Senhora do Livramento,  
 Que estais na vossa capela,  
 Nós vamo-nos embora  
 E vós ficais nela.

Anel de cinco pedras,  
 Ninguém o tem senão eu;  
 Agora por regalo  
 Posso amar quem imo deus.

Amores, ao longe, ao longe,  
 Ao perto quem quer os tem;  
 Quanto mais ao longe, ao longe,  
 Tanto mais lhes quero bem.

**BOURO (S.ta Maria)**



Ó Senhora da Abadia,  
 Vinde cá abaixo, dai-me a mão;  
 Eu sou rapariga nova,  
 Abafo do coração.

Ó Senhora da Abadia,  
 Tão alto vos foram pôr,  
 Entre tojos e carráscas,  
 Oliveiras ao redor.

A Senhora da Abadia  
 Anda no seu pinheiral,  
 Apanhando pinhas verdes  
 P'rá noite de Natal.

**Famosa laranja**

A Senhora da Abadia  
 Tem uma fita no braço  
 Que lhe deu um marinheiro  
 A vinte é cinco de Março.

A Senhora da Abadia  
Tem um filho serrador  
P'ra serrar a madeira  
P'ró altar do Senhor.

A Senhora da Abadia  
Tem um moinho à beira,  
Tem uma vassoura de prata  
Um banquinho de oliveira.

A Senhora da Abadia  
Tem um menino também  
C'o cabelinho atado  
C'uma fita de vintém.

Ó meu menino Jesus,  
Que é da tua camisinha?  
Ficou-me na água clara,  
Metida na barrelinha!

A Senhora da Abadia  
Diz que me há-de aparecer;  
Apareça-me ela já,  
Que bem gosto de a ver.

A Senhora da Abadia  
Fugiu p'raquele monte;  
Onde se sentou  
Nasceu uma fonte.

A Senhora do Sameiro  
Fez sinal à d'Abadia,  
Para lhe mandar dizer  
Os milagres que fazia.

Bouro é terra antiga,  
Dá provas há muito tempo;  
Não só p'la sua igreja,  
Também p'lo seu convênto.

Adeus, terreiro de Bouro,  
Adeus, casa de meu pai,  
Onde eu comia e bebia,  
Esse tempo já lá vai.



Santa Maria de Bourò,  
Terra da minha alegria,  
Quando levo o meu amor  
À Senhora da Abadia.

### DORNELAS

Senhora do Alívio,  
Aqui vos trazemos  
Os romeirinhos  
Que prometemos.

Senhora do Alívio,  
Ó que belo dia,  
Nós vimos de tão longe  
Fazer a romaria.

Senhora do Alívio,  
Quando subiu ao monte  
Onde se sentou  
Nasceu uma fonte.

Os anjos vieram  
E beberam dela;  
Ó que água tão doce,  
Que Senhora tão bela.

A Senhora do Alívio  
É sacrário de virtudes;  
Aos pobres doentinhos,  
Senhora, dai Saúde.

Senhora do Alívio,  
A capela cai;  
Mandai-a levantar  
P'rá gente que lá vai.

Senhora do Alívio,  
O menino chora;  
As dores são grandes,  
Ninguém o adora.

Senhora do Alívio,  
Velinhas a arder;  
Se elas se apagarem,  
Tornai-as a acender.

*S. João*

Ajuntai-vos aqui, moças,  
Qu'eu também m'ajuntarei,  
Façamos uma festinha,  
Viva S. João de Rei.

O S. João de Amares (*dizem del' Amares*)  
Escreveu ao de Leiria  
Que lhe mandasse dizer  
Os milagres que fazia.

Se o S. João bem soubesse  
Quando era o seu dia,  
Descia do céu à terra  
Com prazer e alegria.

Abaixai-vos, carvalheiras,  
Com as pontas para o chão;  
Deixai passar os romeiros,  
Eles vão para o S. João.

*Senhora do Fastio*

Ó Senhora do Fastio,  
Mandai varrer as areias,  
Já rompi os meus sapatos,  
Não quero romper as meias.

A Senhora do Fastio  
É pequenina mas airosa;  
Vem gente de muito longe  
P'ra ver tão linda rosa.

Senhora do Fastio,  
Qu'estais no altinho,  
Deitai-nos a bênção  
Pelo buraquinho!

Pelo buraquinho,  
Pela porta fora;  
Senhora do Fastio,  
Nós vamos embora.

Senhora do Fastio,  
O vosso Menino;  
As dores foram grandes  
E ele é pequenino.

Ele é pequenino,  
Mas há-de crescer;  
Levai-me p'ró céu  
Quando eu morrer.

Quando eu morrer,  
Quando acabar,  
Levai-me p'ró céu  
Para bom lugar.

#### *Reisadas*

Altas casas, altas casas,  
Viradas p'ró Nascente,  
Os senhores que moram nelas  
São filhos de boa gente.

Antes da vinda d'Adão,  
Diziam as profecias,  
Havia de vir ao mundo  
O verdadeiro messias.

Ao saber da boa-nova  
Os três reis do Oriente  
Meteram-se a caminho,  
Não olhando a chuva ou vento.

Os três reis do Oriente  
Caminharam p'ra Belém,  
Visitar o Deus-Menino  
Que Nossa Senhora tem.

Boas-festas, boas-festas,  
Boas-festas vimos dar;  
Nós somos de muito longe,  
Não podemos cá ficar.

Carvalhinho ramalhudo,  
Carregado de bolotas;  
Se nos querem dar os reis,  
Mandem-nos abrir as portas.

Carvalhinho ramalhudo,  
Carregado de maçãs,  
Se não nos querem dar nada,  
Mandem-nos tornar os cães.

*Cantigas de roda*

O meu amorzinho  
Anda arreliado;  
Cuida qu'eu tenho  
Outro namorado.

*Refrão*

Olha p'rá água,  
Vira-te p'ra mim,  
Bate o pé na areia  
Faz tlim-tim-tim.

O meu amorzinho  
Anda carrancudo;  
É por eu não dar  
Falas a miudo.

Olha p'rá água

.....  
.....

Ó meu amorzinho,  
Cartas são papéis;  
Não quero que gastes  
Comigo dez réis.

Olha p'rá água,  
.....  
.....

Amores, amores,  
Só tenho um;  
Falar-te verdade,  
Não tenho nenhum.

Fala baixinho,  
Não ouça o papá;  
Escreve de lá,  
Respondo de cá.

*Refrão*

Amores, amores,  
Só tenho um,  
Falar-te verdade,  
Não tenho nenhum.

Chega a hora  
Da despedida,  
Adeus, amor,  
Adeus, querida.  
Sempre lembrada,  
Nunca esquecida.

Amores, amores,  
.....

Ó que lindo par eu levo  
Da minha banda direita;  
Ó que linda rosa branca,  
Que tão lindo cheiro deita.

Toma tabaco, assucena,  
Da caixinha de latão,  
Enquanto toma e não toma  
Descanse meu coração.

O cravo depois de seco  
Significa amor perdido;  
Ainda qu'eu queira não posso  
Tirar de ti o sentido.

O prometido é devido,  
Venha cá, senhora moça;  
Prometeste-me um beijinho  
Na borda daquela poça.

Deste-me um ramo de arruda,  
Fizeste de mim diabo,  
O diabo é-lo tu,  
Que me trazes enganado.

Se fores domingo à missa  
Põe-te em sítio que eu te veja,  
Não faças andar meus olhos  
Em leilão pela igreja.

A igreja de Dornelas  
É cercada de cravos brancos  
Onde o meu amor passeia  
Domingos e dias santos!

O meu amor é de longe  
Inda qu'eu cante, não ouve,  
Hei-de lhe mandar escrever  
Numa folhinha de couve.

Se o mar tivesse varandas,  
Ia-te ver a Lisboa,  
Mas o mar não tem varandas,  
Quem não tem asas não voa.

Sol posto; meu encostó,  
Eu morro por me encostar,  
Tu morres por me não veres,  
Eu morro por te falar.

Ó meu amor, pede a Deus,  
Qu'eu peço às almas santas  
Para que nos juntemos ambos  
Já que as lágrimas são tantas.

Se todos pensassem na morte,  
E os martírios que ela tem,  
Deitavam-se os olhos ao céu,  
Não se olhava para ninguém.

Se eu morri e tornei cá,  
Nisso fui um desgraçado;  
Venho-te pedir perdão  
Para de Deus ser perdoado,

Se morreste e tornaste cá,  
E nisso foste desgraçado,  
Vai p'ra onde Deus te mandou  
Que de mim stás perdoado.

**FIGUEIREDO**

Estrada nova, estrada nova,  
Estrada nova ao redor,  
Nesta estrada nova  
Só passa o meu amor.

Amanhã é dia-santo,  
Dia de vestir camisa;  
Não tenho quem m'a lave,  
Morreu minha Luísa.

Amanhã é dia-santo,  
Hei-de ir à missa do dia,  
Quero ver o meu amor  
À porta da sacristia.

Amanhã é dia-santo,  
Hei-de ir à missa à capela,  
Que me disse o meu amor  
Que não ficasse sem ela.

Desenrola o teu cabelo,  
Não o tragas enrolado;  
Desengana o teu amor,  
Não o tragas enganado.

## GOÃES

Eu cheguei aqui agora,  
Mais cedo não pude vir;  
Inda venho muito a tempo  
Das tuas falas ouvir.

Teus olhos, contas escuras,  
São duas Ave-Marias,  
Dois rosários d'agonias  
Qu'eu rezo todos os dias.

Os meus olhos são dois peixes,  
Navegam em uma lagoa;  
Choram lágrimas de sangue  
Por uma certa pessoa.

Coração que a dois ama,  
Com isso não tenho fé;  
O meu coração é teu,  
O teu não sei de quem é.

Meu amor, fala baixinho,  
Qu'as paredes têm ouvidos;  
Quando as paredes ouvem,  
Que farão meus inimigos.

Meu amor não vivas triste,  
Vive alegre, se quiseres;  
Olha que o mundo é grande,  
O que falta são mulheres.

Eu por ora não sou tua,  
Nem serei tua mulher;  
Ainda não fiz testamento,  
Serei tua, s'eu quiser.

S'os meus olhos te namoram,  
Vai pedi-los a meu pai;  
S'ele disser que sim ao longe,  
Ao longe também se vai.

Se fores domingo à missa,  
Espera por mim no adro;  
Quero deitar água-benta  
No teu corpo delicado.

Ó igreja de Goães,  
De paredes foste feita;  
Tu hás-de ser causadora  
D'eu dar minha mão direita.

Esta noite, à meia noite,  
Ouvi cantar e chorei;  
Pela bela mocidade  
Que tão novinha deixei.

Adeus, ó lugar das Lages,  
Pequenino, mas tem graça;  
Tem uma fonte no meio,  
Dá de beber a quem passa.

Adeus, ó lugar da Venda,  
Coradoiro das meadas,  
No meio dele se criam  
Raparigas delicadas.

O meu amor é um tolo,  
Pensa qu'eu o adoro,  
Pensa que choro' por ele,  
Sabe Deus' por quem eu choro.

Ó meu amor, anda, anda,  
Ó meu amor, anda, vamos;  
O caminho é p'ra todos,  
Falinhas só p'ra nós ambos.

Estou rouquinha do peito,  
Não é de comer azedo;  
É de falar ao meu amor  
Logo p'la manhã bem cedo.

Ando rouca do meu peito,  
Não por ter catarro nem tosse;  
É o ladrão do meu amor  
Que de mim quer tomar posse.

Ó meu amor d'algum dia,  
Ainda hoje quero bem;  
Ainda te guardo respeito,  
Enquanto outro não vem.

O meu amor d'algum dia  
Já o levou o diabo;  
Este que agora tenho  
É muito do meu agrado.

Eu quero-te tanto bem  
Como a cinza à barrela,  
Quem se arruma p'ra um canto  
Não se faz mais caso dela.

Eu vou-me daqui embora,  
A meia noite está dada;  
Vou ouvir do meu amor  
Sermão e missa cantada.

Dai-me uma pinga de vinho,  
P'ra eu molhar a garganta;  
Eu sou como o rouxinol,  
Quando bebe, logo canta.

A cana verde no mar  
Navega por onde quer,  
É como rapaz solteiro  
Enquanto não tem mulher.

Dei um nó na fita verde,  
Outro no elo da vinha,  
Ainda espero dar outro  
Na tua mão e na minha.

Rouxinol canta de noite,  
De manhã a cotovia;  
Todos cantam, só eu choro,  
Toda a noite e todo o dia.

Quando era solteirinha,  
Usava botas, não chancas;  
Agora, que sou casada,  
Uso vergas nas tamancas.

Ó cipreste do adro,  
Retiro dos passarinhos,  
A quem deste os abraços  
Dá também os beijinhos.

Eu ia por aqui abaixo  
A fiar na minha roca,  
Veio um rato da parede  
Mijou-me na maçaroca.

Eu cortei o meu cabelo,  
Cortei, stá bem cortado;  
Eu deixei o meu amor,  
Deixei-o, stá bem deixado.

Tenho pena, muita pena,  
Sobre a pena uma dor;  
A maior pena qu'eu tenho  
Foi deixar o meu amor.

A oliveira na serra  
Do vento é combatida;  
Nunca pensei que passasse  
Contigo o resto da vida.

Adeus, que me vou embora,  
Minha terra longe fica,  
Remédio p'ró meu mal  
Não há nesta botica.

Ó minha caninha verde,  
Verde cana de encanar;  
Já morreram as velhas todas,  
Já não há quem talhe o ar.

A cana verde do mar  
Anda à volta do vapor;  
Inda stá por nascer  
Quem há-de ser o meu amor.

Pedi a Deus um conselho,  
P'ra me dar alegria;  
Deus mostrou-me a terra e disse:  
— Trabalha, semeia e cria.

Ai, s'eu fosse lavradeira,  
Com tal gosto lavraria,  
Só o nome do meu amor  
Na terra eu escrevia.

Casei-me c'um ferreiro,  
Que fada havia de passar,  
Já gastei o dote todo,  
Em sabão p'ró lavar.

Ó ferreiro casa a filha,  
Não a ponhas à janela,  
Senão vem um maganão,  
Ferreiro, ficas sem ela.

O meu amor d'algum dia  
Já o levou a maleita;  
Este que agora tenho  
Já é da nova colheita.

Algum dia, meu amor,  
O meu regalo era ver-te;  
Agora tanto me faz,  
De ganhar-te ou perder-te.

Ó vida da minha vida,  
A minha vida vai boa;  
Quem não tem amores na terra  
Vai tomá-los a Lisboa.

Minha mãe p'ra me casar  
Prometeu-me quanto tinha;  
Agora qu'estou casada,  
Deu-me um fole sem farinha.

Menina, venha comigo,  
Qu'eu a venho cá buscar  
Meu pai tem uma quinta  
Que nós vamos trabalhar.

O meu amor não é aquele,  
Que o meu amor traz chapéu;  
O meu amor é tão bonito  
Com'as estrelas do céu.

Adeus, ó lugar da Tojeira,  
Coradoiro dos tomentos,  
No meio dele se criam,  
Muitos bichos peçonhentos.

Ó ingrata, tu já dormes,  
Tu dormes e não suspiras;  
Se tu me quisesses bem,  
Suspiravas e não dormias.

Quem me dera agora ver  
Quem agora me lembrou;  
Era ver meu amor,  
Que tão longe dele stou.

Eu hei-de ir e hei-de vir,  
Falas não te hei-de dar;  
Hei-de te fazer moer  
Como o navio no mar.

S'eu fosse ave que voasse,  
Aos teus olhos ia ter;  
Assim não sou ave que voe,  
Nem asas posso fazer.

De vermelho encarnado  
Fez o rei a carapuça;  
Quem tem raiva que remoia,  
Quem tem catarro que tussa.

Chamaste a meu pai sogro  
A minha irmã tua cunhada;  
Olha bem o que disseste,  
Qu'eu apego-me à palavra.

Ó coitadinha de ti moça  
Que vives tão enganada;  
Teu pai não te dá o dote,  
Eu não te quero sem nada.

Eu cortei o bico à rola  
Que me comia o centeio,  
Quem tem um amor bonito  
Ri-se de quem o tem feio.

Adeus, que me vou embora,  
Adeus, que me embora vou,  
Daqui p'rá minha terra  
Qu'eu desta agora não sou.

Suspirando, dando ais  
Anda o meu amor na rua;  
Suspira quanto quiseses,  
Qu'eu por ora não sou tua.

## PARANHOS

Nós somos de Paranhos,  
Não somos da Ribeira;  
Não somos senhoras,  
Nós somos lavradeiras.

Ó Ribeira, ó Ribeira,  
Ó Ribeira que és tamanha;  
Estou afeito na Ribeira,  
Não me afaço na montanha.

Não me afaço na montanha  
Entre a urze e a carqueja;  
Mas dei a mão ao meu amor  
Lá no arco da igreja.

Minha amora madurinha,  
Quem foi que te amadurou?  
— Foi o sol, foi a lua?  
— Foi o orvalho que apanhou.

Foi o orvalho que apanhou  
À sombra da cabaninha;  
Vai-te embora, silva verde,  
Minha amora madurinha.

Minha terra montanhosa,  
Toda cercada de giesta,  
Que alegria ela nos dá  
Quando à lareira nos aquenta!

Se tu visses o qu'eu vi  
Lá no meio das giestas  
A fazer a barba aos cães  
Um barbeiro em cuecas.

Nós somos de Paranhos,  
Do alto da freguesia,  
Somos todas irmãs,  
Baptisadas na mesma pia.

Minha mãe é minha amiga  
Quando coze, dá-me bolo,  
Quando se agasta comigo,  
Dá-me c'o a pá do forno.

Ó ai, ó ai, meu amor,  
Eu venho da romaria;  
Trago muito que contar  
Da Senhora da Abadia.

Moro à beira do ribeiro,  
Meus vizinhos são penedos,  
Só ouço cantar os mouchos  
E piar os morcegos.

No alto desta serra  
Meus olhos quebram penedos  
Para fazer uma casa,  
Para guardar meus segredos.

No alto deste monte  
Estão os jardins a secar,  
São obrigados meus olhos  
A dar água p'ros regar.

No alto da nossa serra  
Está um lenço de mil cores,  
Vamos dizendo — viva, viva,  
Morra quem não tem amores!

Se quiseres que te escreva,  
Dá-me a tua direcção;  
Sou da terra de Paranhos  
Maria da Conceição.

## PAREDES SECAS

Eu vou por aqui abaixo  
Como quem vai aos tortulhos  
Quem me não quizer ouvir  
Meta nos ouvidos dois tapulhos.

Ó meu amor não me mates,  
Deixa-me, qu'eu morrerrei;  
Eu quero-me confessar  
De duas palavrinhas que dei.

Quem me dera a mim 'star  
Onde 'stá o meu bem,  
'Stá a brincar com as moças  
Não se lembra da que cá tem.

Passarinhos d'entre silvas  
Comem favas e ervilhas,  
Amoras e morangos,  
Passarinhos p'ra nós ambos.

Ó minha caninha verde,  
Verde cana de encanar;  
Enganei-me no teu peito,  
Quem me há-de de lá tirar?

Ó raparigas solteiras,  
Gozai-vos da boa vida,  
Eu já sei de uma casada  
Que chora d'arrependida.

## SERAMIL

Ó que pinheiro tão alto  
Só c'uma pinha no meio;  
Ó que menina tão linda  
Filha de um pai tão feio.

Chamaste-me trigueirinha,  
Trigueirinha engraçada;  
Mais vale ser engraçada  
Que branca amarelada.

Alto pinheiro redondo,  
No cimo tem quatro pinhas;  
Quem me dera ser pastor  
Daquelas quatro meninas.

Canário, lindo canário,  
Canário lindo, meu bem;  
Quem me dera ter as penas  
Qu'ô lindo canário tem.

Da outra banda do rio  
Tem meu pai um castanheiro;  
Dá castanhas em Abril,  
Uvas brancas em Janeiro.

Da outra banda do rio  
Não chove nem cai orvalho;  
Menina que há-de ser minha  
Não me dê tanto trabalho.

Azeitona miudinha  
Também vai p'ró lagar;  
Eu também sou miudinha,  
Mas ocupo o meu lugar.

Tenho cravos à janela,  
À cama vos vai o cheiro,  
Lá estão as folhinhas deles  
Nas rendas do travesseiro.

Eu casei-me por um ano  
P'ra ver a vida que era;  
O ano vai-se acabando,  
Solteirinha quem me dera.

Minha mãe p'ra me casar  
Prometeu-me três ovelhas;  
Uma manca, outra coxa,  
Outra mona, sem orelhas.

Minha sogra morreu-me ontem,  
Deus a leve ao paraíso;  
Deixou-me uma manta velha,  
Não posso chorar com riso.

Já lá vai o sol abaixo,  
Já lá vai a luz do dia;  
Já lá vai o meu amor  
Com quem eu m'advertia.

Menina do lenço preto  
Diga-me quem lhe morreu;  
Se lhe morreu o amor,  
P'ra amor aqui 'stou eu.

Menina que sabe ler,  
Sabe boa habilidade;  
Sabe os segredinhos doutrem,  
Os dela ninguém os sabe.

Muitas vezes fui a Braga,  
Muitas mais havia de ir;  
Só a encosta d'Adaife  
É que me custa a subir.

Senhora do Sameiro,  
Tem uma fita no braço  
Que lhe deram os anjinhos  
No dia do seu trespasso.

Senhora da Abadia,  
Que dais a quem vos vai ver?  
— O terreiro p'ra dançar,  
Água fresca p'ra beber.

Senhora da Abadia,  
Tem um manto que reluz,  
Que lho deu um brasileiro  
Perdido no mar sem luz.

S. Bento da Porta-Aberta,  
Eu conto de cá voltar;  
Que me esqueceram os doces  
Detrás do vosso altar.

Senhora da Peneda,  
Vinde-me buscar a Tibo,  
Não tenho pai nem mãe,  
Nem irmão p'ra ir comigo.

## SEQUEIROS

Mandaste-me vir, eu vim  
Como vinho na imprensa;  
Fala para quem quiseres  
Que a mim não me faz diferença.

Adeus, lugar da Cancela,  
Onde a água faz cachão,  
Onde eu tenho o meu amor  
Da raiz do coração.

Adeus, lugar da Cancela,  
Onde a água sobe e desce,  
Onde eu tenho o meu amor  
Não queria que se soubesse.

Ó vida da minha vida,  
Cana verde no botão,  
Eu adormeço e acordo  
Contigo no coração.

Eu já vi nascer o Sol  
No valado duma poça  
Não há rapaz que mereça  
O coração duma moça.

Eu já vi nascer o Sol  
Numa malga de beber;  
A todos digo que não,  
Só a ti não pode ser.

Três coisas pedi a Deus,  
Nenhuma me quis dar:  
Bonita e ter bom cabelo;  
Uma linda voz p'ra cantar.

Agora qu'eu vou cantar  
Na hora de Deus, amen:  
Quem na hora de Deus canta  
Sempre lhe sucede bem.

Quem me dera ver meu sogro,  
Que a sogra bem na vejo;  
Quem me dera ver o filho  
Qu'ê a coisa que mais desejo.

O meu amor inda ontem  
Por perto de mim andou,  
Deve andar agastado  
Que passou e não falou.

Eu amar-te foi um sonho,  
Foi uma variedade,  
Foi enquanto não armei  
Amor à minha vontade.

Ó meu amor, anda, anda,  
À igreja dar-me a mão:  
Tapar a boca ao mundo,  
Descansar meu coração.

O meu amor disse que vinha  
Quando a lua viesse;  
À lua já acolá vem,  
Meu amor não aparece.

Tenho dentro do meu peito  
Uma laranja esmagada  
Para dar ao meu amor  
Que anda de beíça virada.

Já bebi e já comi  
Já molhei minha garganta,  
Sou como o rouxinol  
Quando bebe logo canta.

Tenho fome, tenho sede,  
Mas não é de pão nem vinho:  
Tenho fome dum abraço,  
Tenho sede dum beijinho.

Tenho vinte e três amores,  
Contigo são vinte e quatro;  
Quando for um quarteirão,  
Vou vendê-los a pataco.



Dizias que me batias  
À saída do portão:  
Ainda tenho pai e mãe  
P'ra me dar educação.

Tenho uma grande quinta  
Trancada com sete trancas;  
Tenho uma égua lá dentro  
Que «rincha» como tu cantas.

Vira-te p'ra mim Maria,  
Qu'eu p'ra ti me vou virar;  
Aqui tens o teu Manel  
P'ra com ele bailar.

Abaixa-te, carvalheira  
Com as pontas para o chão;  
Deixa passar os romeiros  
Que vão para o S. João.

Por aquela serra acima  
Vinte e cinco cegos vão,  
Cada cego leva seu moço,  
Cada moço leva seu cão.

Os homens são com'as cobras,  
Onde quer largam peçonha:  
Nem casados nem solteiros  
Nem viúvos têm vergonha.

Não me ponhá o pé na saia,  
De longe diga o que quer:  
— Não perde você, qu'ê homem  
Perco eu que sou mulher.

Sim senhor, não senhor  
Foi a minha criação:  
Foi a primeira doutrina  
Que minha mãe me ensinou.

Ó meu amor, não me troques  
Por nenhuma rapariga;  
Eu também te não troco  
Nem por quanto há na vida.

Papagaio, pena verde,  
Empresta-me o teu vestido;  
Eu só queria um amor  
Que fosse meu conhecido.

O qu'eu era, sou e serei,  
Dei amor e inda mais dera,  
Se mais que amor dar pudesse,  
Mas dando amor, tudo dei.

Eu venho aqui de tão longe,  
Sem descanso nenhum ter,  
Rompendo por montes e vales  
Só p'ra contigo vir ter.

Trabalho não tem piada  
Nem dá vontade de rir;  
Quando me falam em trabalho  
Só me apetece fugir.

Subi a uma videira  
Desci por um cacho d'uvas;  
Ninguém se fie nas raparigas,  
Que são falsas como Judas.

Não me ponha a mão na cinta,  
Não me ponha a mão no peito,  
Atrás da sua mão vem outra,  
Assim se perde o respeito.

O primeiro amor qu'eu tenha  
Há-de ser um militar;  
Só para poder dizer:  
— Alto, frente, perfilar.

O meu amor é António  
Do 8 de infantaria,  
É o soldado mais lindo  
Qu'o regimento trazia.

Entre pedras e pedrinhas  
Nascem raminhos de salsa;  
Pega-te à feia que é firme  
Deixa a bonita que é falsa.

Ó meninas da montanha,  
Com que banhais o cabelo?  
— Com as ervinhas do monte...  
Que se chamam tremontelo.

Chamaste-me tua vida,  
Eu tua alma quero ser;  
A vida acaba com a morte,  
A alma não pode morrer.

Eu quero bem à desgraça  
Que sempre me acompanhou;  
Eu tenho ódio à ventura  
Que no melhor me deixou.

Amar e saber amar  
São dois pontos delicados;  
Os que amam são sem conta  
Os que sabem são contados.

Amar e não ter ciumes  
Isso não é querer bem;  
Quem não zela o que ama  
Muito pouco amor lhe tem.

Se o bem-querer se pagasse  
Muito me estavas devendo;  
Nem com quanto tens me pagas  
O bem que te estou querendo.

O amar é uma albarda  
Que se põe a quem quer bem;  
Eu, p'ra não ser albardado  
Não quero bem a ninguém.

## FISCAL

honra o poeta da Tapada \*

Gosto das noites escuras  
E das noites de luar:  
Umhas são para dormir,  
Outras para te falar.

---

\* É notável a influência do trovador rural que aqui viveu e morreu, princípios deste século, *João Avelino*.

Quem tem amores não dorme,  
Pois eu durmo muito bem;  
Quando os amores são firmes  
Não tiram sono a ninguém.

Para mim és tu na terra  
A jóia mais estimada;  
Não trocava o teu amor  
Pela quinta da Tapada..

Não me toque, não me ofenda ...  
Tens medo que te arranhe?  
Pois olha que és uma prenda  
Para amolar quem o ganhe.

Eu não sei amar? decerto  
Quer ensinar-me você;  
Eu tenho fraca memória  
Nunca passei o a b c.

Casas com toda a certeza  
Tens direito, não to nego;  
Mas então, minha lindeza,  
Olha se arranjas um cego.

Sempre que passas por mim  
Deitas os olhos ao chão,  
De modo que inda não vi  
De que cor teus olhos são.

Deste-me um cravo, — perdi-o  
Cravo diz estimação,  
Perdi o cravo e perdi  
Lugar no teu coração.

Trabalhos e mais trabalhos ...  
Para trabalhos nasci,  
Mas os meus trabalhos todos  
São só por causa de ti.

Dizes tu que não há Deus ...  
Se te ouço, mal que farte!  
Pelo visto quem fez terra e céus  
Foste tu, podes gabar-te.

Se Deus para ti é nada,  
Que serei eu para ti?  
Não acreditas em Deus  
Queres que acredite em ti?

Trabalhos e mais trambolhos  
Para trambolhos nasci,  
Mas nunca achei até agora  
Um trambolho com'a ti!

Minha mãe chamou-me tola  
Por me ver a falar contigo;  
Que me chamaria ela  
Se ouvisse o que agora te digo?

O mundo fala de nós  
Que vamos por linhas travessas;  
Que resposta darei ao mundo,  
Se ele anda sempre às avessas?

Minha mãe que me criou  
Com tanto amor e carinho  
Chorará no céu ao ver-me  
Perdida no mau caminho.

Já consta que nos amamos  
Soube-se não sei lá como;  
Mas não me espanto de nada,  
Que onde há fogueira há fumo.

As cantigas que me cantas  
São muito do meu agrado,  
Mas deixam o coração  
De tristeza repassado.

Deus me perdoe se peço  
Por te querer tanto bem;  
Não contes nada a ninguém,  
Sou pobre, que jeito tem?

Pobre, que importa que sejas?  
O teu desdém não encobres,  
Nascem pobres muitos ricos  
Muitos ricos morrem pobres.

O meu amor é tendeiro  
Põe lindas prendas na tenda ...  
É bom tendeiro o diabo  
Mas há inda quem o entenda.

Dizes tu que o meu amor  
É amor muito pequenino;  
Pelo que vejo não sabes  
Que sempre o amor foi menino.

Dizem que a mulher não sabe  
Guardar segredos; porém,  
Há segredos próprios delas  
Não os contam a ninguém.

A mulher é uma fada,  
A mulher é um sorriso,  
A mulher é uma escada  
Que nos leva ao paraíso.

Eu gosto de ti, menina,  
Da raiz do coração  
Gosto de ti muito, muito,  
Para minha mulher, não!

Palavras leva-as o vento,  
Dizes tu, não acredito,  
Pois trago no pensamento  
Algumas que me tens dito.

O meu coração caiu  
Nas covinhas do teu rosto:  
E quando nelas se viu  
Ficou lá com todo o gosto.

O lencinho que me deste  
Tem dois corações no meio:  
Um é meu, o outro é teu,  
Trago-os ambos no meu seio.

Chamas-me velho? considera  
Que vens no mesmo caminho:  
Vou andando à tua espera  
No meu passo de velhinho.

Tens um sorriso de encanto  
Para quase toda a gente:  
E a mim, que te quero tanto,  
Olhas-me severamente.

Minha mãe toda se rala  
Por eu ter um namorado;  
Não se lembra de que em nova  
Cometeu o mesmo pecado.

Dizes que gostas de mim  
Muito, muito, ó ai, ó ai!  
Pois se tu gostas de mim,  
Bem sabes quem é meu pai ...

O sino toca a trindades,  
Anda a noite à nossa beira:  
Não quero ouvir-te de noite  
Que a noite é má conselheira.

Passas comigo umas horas,  
Outras com outra também:  
Quem serve a duas senhoras  
A nenhuma serve bem!

Trago vestido de luto  
Mais cerrado o coração,  
Por ver que em vão luto  
Com a tua ingratidão.

Ouvi-te cantar de noite  
Por te ouvir pus-me a chorar:  
Deus Nosso Senhor criou-te  
Só para me atormentar.

Sabendo como me afrontas,  
Riem-se os outros rapazes;  
Que Deus te não peça contas  
De tanto mal que me fazes.

Dizem que do sofrimento,  
Da cruz vem a salvação;  
Mas o meu grande tormento  
Só me rende a perdição.

Trago presos meus ouvidos,  
Meus olhos, minha vontade:  
Não encontram meus sentidos  
Coisa que mais lhes agrade.

O teu rosto é como o sol,  
Que dá luz e dá alegria;  
Somente quando te vejo  
É que eu digo: — nasce o dia.

Fui cantar à tua porta  
De noite, dava luar;  
Morreu-me a voz na garganta,  
Não cantei, pus-me a chorar.

Olhos pretos, olhos pretos,  
Sois a minha perdição!  
Por causa duns olhos pretos  
Vivo em triste escuridão.

O meu peito é cemitério  
De esperanças e ilusões  
Enterradas pelo Amor  
Coveiro dos corações.

Pedi teu amor a Deus  
Entre a hóstia e o calés;  
Uma voz me respondia:  
A Deus não se pedem males.

Pela graça dos teus olhos  
Perdi a graça de Deus:  
Um dano traz outro dano,  
Teus olhos fogem dos meus.

Meu santo anjo da guarda,  
Livrai-me deste inimigo,  
De palavrinhas tão doces  
Que se diz tão meu amigo!

Ó meu Menino-Jesus,  
Ó meu rico bom pastor,  
Guardai o meu coração  
Que anda perdido d'amor.

Dizes que me queres bem,  
Só te posso acreditar  
No dia que mo disseres  
Mão na mão junto do altar.

Fui ao Senhor da Saúde  
Dei três voltas de joelhos;  
Para que sare o meu peito  
Das feridas dos teus olhos.

Teus olhos fazem-me mal  
Mas é mal que dá alegria;  
O vinho também alegre  
Mas por maus atalhos guia.

O confessor proibiu-me  
De te falar, de te ver:  
Mas o coração traiu-me  
E não te posso esquecer.

— Meus olhos, não queirais vê-la,  
Dizia a minha razão:  
— Que há-de ser de mim sem vê-la  
Dizia o meu coração.

E entre as lutas e o sossego,  
Entre Deus e entre ti,  
Fechei os olhos e cego  
Sofrer e amar-te escolhi.

Quando o amor vive de penas  
Tem larga vida segura:  
Faltarão horas serenas,  
Mas nunca falta amargura.

Bem contra minha vontade,  
Oh meu amor, vou-me embora;  
Tudo acaba neste mundo  
Meu amor, deixo-te agora.

Vou deixar-te e só Deus sabe  
Minha mágua, meu tormento;  
Não há gosto nesta vida  
Que dure mais dum momento.

Quem canta seu mal espanta,  
Diz a cantiga, vou ver  
Se a cantar espalho a mágua  
Que trago por te não ver.

Maria, minha Maria,  
Chamo-te minha, sei lá,  
O que é meu neste dia  
Amanhã de quem será!

Julgas que não há no mundo  
Como tu outra mulher;  
Presunção e água benta  
Cada qual toma a que quer.

Vou-me embora, adeus Maria,  
Não me esqueças, não te esqueço;  
Se o que dizes é o que queres  
O mesmo quero e te peço.

Maria, canta comigo,  
Junta à minha a tua voz;  
Peçamos a Deus cantando  
Que também nos junte a nós.

Tu chamas-me o teu tesouro  
Soa-me bem ao ouvido;  
Quero ser o teu tesouro  
Mas no teu peito escondido.

Tenho ouvido muita asneira,  
Diga o mundo o que quiser;  
Não há tesouro igual  
Ao amor duma mulher!

Maria, trago-te um ramo  
De saudades e amores,  
Tirei-o do meu coração  
Para no teu peito ó pores.

Maria virou-me as costas,  
Quase morri de saudade,  
Julguei perder e ganhei  
Amor de Felicidade.

Tua mãe quer ver-me morto  
Mas esse gosto não logra;  
Eu desejo que ela viva  
Até que eu lhe chame sogra.

Tu dizes que falo só.  
Sim, falo às vezes comigo.  
Mas isso só me acontece  
Quando não falo contigo.

Dizes que me quereis muito  
Gosto de ouvir-te, porém,  
Quem me quer diz o que sabe  
Quem me quer, o que tem dá-me.

Porque ando sozinha, riste!  
Não me sinto zangada ...  
Antes só, todos o sabem,  
Do que mal acompanhada ...

Já pedi a morte a Deus,  
Por tua causa a pedi!  
Agora peço-lhe a vida  
Para viver para ti.

Não me digas falas doces,  
Não tolhas a minha sorte,  
Que esta vida são dois dias  
De caminho para a morte.

Tanto ouvi gabar o amor  
Que andei do amor à procura;  
Amei, tornou-se-me a vida  
Triste rua da amargura.

Amor, amor é veneno  
Que dessora o coração ...  
E do coração perdido  
Tudo o mais é perdição.

Dos inimigos da alma  
Foi sempre o mundo o primeiro;  
Com três coisas nos engana  
Mulheres, vinho, dinheiro.

Não amo quem me procura,  
Quem eu amo não me quer,  
Ando perdida d'amor,  
Sabe-se lá quem há-de ser?

Ninguém sabe ao certo quem  
É que há-de ser o meu bem:  
Ponho numa porta o ramo,  
O vinho está muito além.

Se vais ao mar aos beijinhos,  
Não dês passadas em vão;  
Não é só no mar que há beijos,  
Também por aqui se dão.

Amor juntou-nos agora,  
Seremos um e não dois;  
Sempre amantes nesta vida  
E até mesmo depois.

Meu amor, agora,  
Meu amor assim;  
Sempre a toda a hora  
Pertinho de mim.

Deste-me um lenço, guardei-o  
Pertinho do coração:  
Inda conserva o perfume  
E o calor da tua mão.

Passei hoje à tua porta  
Três vezes sem resultado,  
Todas três vi tua mãe  
A deitar-me mau olhado.

Em resposta ao que me dizes  
Respondo-te isto e mais nada:  
Bate a outra porta, que esta  
Está por dentro fechada.

Sou mulher, não tenho pena,  
Pelo contrário, alegria;  
Era mulher Madalena  
Mulher a Virgem Maria.

Novidade que te conto  
É esta e só para ti;  
Meu coração anda tonto  
Desde a hora em que te vi!

Deste-me um ramo de flores  
Todas elas sem perfume:  
As palavras que me dizes  
São as lérias do costume!

Dizes tu que te não amo;  
Pega o fogo quando calha;  
Mas se está perto a fogueira  
Saltam faúlas à palha.

Disse um dia que te amava?  
É certo; disse porém,  
Que logo via que me enganava,  
Enganos quem quer os tem.

Não sejas tão presunçosa,  
Que há muita mulher bonita;  
Por tu seres tão vaidosa  
Todos te roem na guita.

Ó meu amor, não te agastes,  
Se te agastas, vou-me embora;  
Se me há-de deixar mais tarde,  
Meu amor, deixa-me agora.

Pus as mãos sobre as hortigas  
Fiquei com elas picadas;  
Hoje em dia as raparigas  
São hortigas disfarçadas.

Ó meu amor, não te queixes,  
Se eu para outra me virar;  
Os meus olhos são dois peixes,  
Nunca podem sossegar.

As meninas dos meus olhos  
Andam daqui para ali  
Por causa doutra menina  
Que não sei por que perdi.

Tenho uma ferida no peito  
No sítio do coração  
E não tiro outro proveito  
De te amar com tal paixão.

Se eu fosse contar às pedras  
O que tenho contado,  
Partiam-se já de dor  
Deste triste desconsolado.

És o meu acto de esperança  
E os meus pecados mortais;  
Pondo tudo na balança  
Os pecados pesam mais.

Sendo dez os mandamentos,  
Um encerra toda a lei:  
Amar-nos uns aos outros  
Este é o que melhor sei.

O senhor abade não diz  
Que o amor é grande pecado,  
Se o amor fosse desses  
Ficava o mundo transtornado.

Por eu ser nova entendias  
Que estava na tua mão;  
Mas quando a mão estendias,  
Foste de nariz ao chão.

Comigo estou desavindo  
Por te ter tanta afeição,  
Se o teu rosto é lindo,  
É duro o teu coração.

Se amar pedras é loucura,  
Nessa desgraça caí;  
Para a minha sepultura  
Encontrei a lousa em ti.

Vejo-me entre os teus escravos  
Querendo ser de ti senhor;  
Pagas amor com enganoso,  
Eu agravo com amor.

Meus olhos travaram guerra  
Contra a minha razão;  
Se os olhos falta o direito  
Defende-os o coração.

Amo-te muito, Rosinha,  
Tu a mim pouco ou nada;  
Pois coisa que seja minha  
Ou qu'eu faça, não te agrada.

Se alguém te canta cantigas,  
À toa, não te molestam;  
Eu não canto que não digas  
Que as minhas trovas não prestam.

Pois tenho sido aplaudido  
Por cantar com raro jeito.  
Na nossa aldeia duvido  
Que haja cantor mais aceito.

Há quem tenha lindos modos,  
Os meus são desengraçados;  
Achas encantos em todos,  
Eu é que não tenho agradós!

E prenda que eu te ofereça  
É por força de mau gosto!  
Faz-me dar voltas à cabeça  
Génio tanto ao meu oposto.

Se apareço a cada passo:  
— Ai que homem tão maçador!  
Se um dia passo sem vert-te  
— Nunca me tiveste amor!

Já nem sei de que maneira  
Te poderei contentar!  
E toda a minha canseira  
É fazer por te agradar.

Mas não encontro o caminho  
Que vai ao teu coração;  
E a procurá-lo definho  
Sem qualquer compensação.

Em ti, é força dizê-lo,  
Não encontro que faltar,  
Pois desde os pés ao cabelo  
Não há mais que desejar.

Vamos a ver por meúdo  
Todas essas perfeições;  
— Tu és o livro onde estudo,  
Aprendo as minhas canções.

Pareces um ramalhete  
Do mais suave perfume,  
Atado com o corpete  
De que tenho tanto ciume.

Ante meus olhos não vejo  
Mais perfeita maravilha:  
Toda igual ao meu desejo  
Sem faltar uma cedilha.

Para ouvir a tua fala  
Que me prende e extasia  
(Com que hei-de compará-la?)  
Quantas léguas andaria?!

O órgão da nossa igreja  
Quando toca a erguer a Deus  
É que por tirar forceja  
Sons de voz iguais aos teus.

Esbelta como açucena,  
Como ela mimosa e pura,  
Nem na fonte mais amena  
Se encontra tanta doçura.

E o teu andar? que engraçado!  
Pareces uma ovelhinha  
De longo vestido velado,  
Que satisfeita caminha!

O teu cabelo — um tesouro!  
Queira Deus que me enriqueça!  
Belo diadema d'oiro  
Que tu trazes na cabeça!

E os olhos? — duas janelas!  
Onde ri a formosura  
Da tua alma que a elas  
Aparece graciosa e pura.

E a boca, dum rir travesso  
Tão bem feita e cor de rosa?  
— Um morango que apeteço  
Na minha sede amorosa.

Não há coisa mais perfeita  
Nem há mais mimosa flor:  
O bom cheiro que ela deita  
Embebeda-me de amor.

E os teus dentes? também esses  
São de rara perfeição;  
Quem me dera que me mordesses  
Com eles no coração!

Cantigas da minha aldeia  
Decerto estas o são,  
Porque não é terra alheia  
Esta do meu coração.

Em Portugal fui nascido  
Numa noite de luar;  
Em noite de amor perdido  
Andarei até acabar!

Amor, amor é palavra  
Sem sentido para alguém;  
Mas é incêndio que lava  
Nas almas que sentem bem.

Amor, por muito que fale  
Nunca posso defini-lo;  
Mas ainda que me cale  
Nunca deixarei de senti-lo.

Cantigas, minhas cantigas  
Sois as lágrimas que choro  
Em noites de saudade  
À porta de quem adoro.

Em toda a parte a procuro,  
Em parte nenhuma a vejo;  
Não vejo pelo escuro  
Da noite do meu desejo.

Maria, vais para a fonte?  
Vai e vem por bom caminho;  
Olha que podes quebrar  
Esse teu cantarinho.

E, se o cantarinho quebrar,  
Se por lá deixar a asa,  
Tua mãe pega a ralhar  
Quando tu chegares a casa.

Maria, tenho um segredo  
Que guardo há muito comigo;  
Até morro de paixão  
Se to agora não digo.

É toda feita de enganos  
A teia da nossa vida;  
Só depois de longos anos  
Vemos como é tecida.

Vou dizer à mocidade,  
Que está farta de ilusões,  
— Vaidade, tudo vaidade  
E por final decepções!

Quero fugir e não posso  
Que uma Rosa me prendeu  
E quem se prende entre rosas  
Nunca mais se desprende.

Numa cadeia d'amor  
Prendeste o meu coração:  
Os ferros são os teus braços,  
Não quero sair da prisão.

Menina das tranças pretas  
Dos olhos da mesma cor,  
As suas falinhas doces  
São melodias d'amor.

Tuas falas são cadeias,  
Teus olhos são seduções,  
As tuas promessas perigosas,  
Os teus abraços prisões.

Morra eu aqui agora,  
Se não te amo como digo;  
E cego fique na hora  
Em que me zangar contigo.

Andas muito envaidecido  
Dum amor que já foi meu;  
Mas não sabes se enganado  
Serás tu ou serei eu.

Que te faça bom proveito  
O roubo da minha amada!  
Mas a chave desse peito  
Inda a tenho bem guardada!

Menina tenha cuidado  
Que não lhe escorregue o pé;  
Pense o caso bem pensado  
Que depois ... Sabe o que é!

Não me digas que te esqueça  
Nem que te devo deixar;  
Dá-me até volta a cabeça  
De te ouvir assim falar.

Esse lencinho encarnado,  
Muito bem lhe fica a côr,  
É por isso que o seu namorado  
Se bate por seu amor.

Tenho um lenço bordado,  
Pela tua mão bem feita;  
Ando meio enfeitado  
Do cheirinho que ele deita.

Ceguei na estrada da vida,  
Não posso dar nem um passo:  
Cegaram-me esses teus olhos,  
Agora dá-me o teu braço.

Quem dera ser um cravo  
Nascido no teu balcão.  
Andar um dia ao teu peito,  
Ao pé do teu coração.

Ó minha mãe não me ralhe  
Por causa d'eu ter amores,  
Cerejeira que dá frutos  
Primeiramente deu flores.

Ó Sol que murchas as rosas,  
Quero pedir-te um favor:  
Não crestes a cor mimosa  
Das faces do meu amor!

Ó meu bem anda à janela,  
Que a noite não tem luar;  
Manda a luz desses teus olhos  
Que me venha alumiar.

Menina, que sabe ler,  
Leia no meu coração,  
Veja lá se compreende  
As palavras qu'aqui estão.

Toca o sino a baptizado  
Há-de tocar à paixão,  
Quando eu for para a cova  
Deitado, no meu caixão.

Ó oliveira, plantada  
Junto à porta do meu bem,  
Só te peço que me digas  
Se ela fala a mais alguém.

Meu coração é um livro  
Em que ninguém sabe ler,  
Hei-de dá-lo a quem eu veja  
Que o pode entender.

Ai, que mudança tamanha  
Contigo se deu, Maria;  
Bem se vê que o casamento  
É o enterro d'alegria!

Desejei, sem resultado,  
Que fosses minha mulher;  
Agora quero que sejas  
Minha comadre sequer.

Hei-de chorar muitas lágrimas  
No dia do meu noivado,  
Porque sempre ouvi dizer  
Que quem casa é desgraçado.

Coração e esperança  
São de pombas um casal:  
Ai! triste do coração  
Que vive só no pombal!

Na capela do meu peito  
Oh! que lindo altar não há!  
Eu rezo quando me deito  
À santinha qu'está lá.

Senhor padre, eu pecador  
Diante de vós e Deus me acuso  
Dos meus pecados d'amor  
Que outros não tenho nem uso.

Seja d'obra ou pensamento  
São gravíssimos pecados;  
Sem grande arrependimento  
Não podem ser perdoados.

Senhor padre, arrependido  
Muito e de tudo estou eu:  
Penas que tenho sofrido  
Nunca ninguém nas sofreu!

Inda não posso deitar-te,  
Sem emenda, a absolvição:  
— Promete, pois, emendar-te  
De todo o teu coração.

Ai meu padre, quanto a emenda,  
Nada posso prometer:  
— Por mais que m'arrependa  
Emenda não posso ter!

Há penas qu'ó vento espalha  
Há penas qu'ó vento deixa:  
São tão pesadas as minhas  
Qu'ó vento delas se queixa!

A rosa tem vinte folhas,  
O lírio não mais que três:  
Tem cuidado, não escolhas  
Mulher com quem te não dê.

Prendi-me numa roseira  
Por causa duma rosinha:  
Assenta-te à minha beira  
Para que saibas qu'és minha.

Nem tudo que luz é oiro  
E o oiro todo reluz:  
Quem ama tem um tesoiro,  
Quem ama tem uma cruz.

A água foge p'ró rio,  
Do rio foge p'ró mar:  
Quem tem o bolso vazio  
Leva-lhe tempo a casar.

Ai, folhinhas amarelas,  
Quem vos fez amarelar ...  
Menina, não se demore  
Muitos anos sem casar.

Tu dizes que te não amo,  
Pois explica-me a razão  
Por que adormeço e acordo  
Contigo no coração.

Pus-me a rezar às Trindades  
Enquanto o sino tocava  
E a rezar a Ave-Maria  
Em ti, Maria, pensava.

Manjaricões à janela  
Bem sei o que querem dizer:  
Menina que tem amores  
Ou chora pelos não ter.

Ó meu amor, os teus cravos  
São todos tão vermelhinhos:  
A tua boca é tão linda  
E jeitosa para beijinhos.

Ó silva que me prendeste,  
Ó silva que m'arranhaste,  
Nunca mais tive sossego  
Desde que tu me picaste.

À tua porta queremos  
Quatro cantigas cantar;  
Se tu queres que as cantemos  
Vem à janela escutar.

— Tu és a flor mais mimosa  
Mais linda da freguesia;  
Quem colher tão linda rosa  
Deve ter grande alegria!

Tens o mimo d'açucena,  
Tens o aroma do jasmim,  
Eu tenho uma grande pena  
De não seres para mim.

És um raminho de flores  
Que Nosso Senhor nos deu,  
Das mais raras e melhores  
Que no seu jardim colheu!

Sempre de ti hei-de lembrar-me  
Minha alegre feiticeira,  
Desce lá dessas alturas  
Anda para a nossa beira.

Não me atires pedrinhas  
Que estou a lavar a louça,  
Atira-me antes beijinhos  
De modo que ninguém ouça.

Eu subi aos altos céus,  
Duma nuvem fiz encosto,  
Dei um beijo numa estrela  
Cuidando qu'era o teu rosto.

O senhor abade novo  
Fez a cama na roseira:  
Diga-me senhor abade,  
Se a rosa branca cheira.

Foste dizer ao meu pai  
Que ando muito coradinha:  
Levem-me os anjos do céu  
Se esta cor não é a qu'eu tinha.

Ando por aqui de noite,  
Sabe Deus quando me deito,  
Sabes tu que só descanso  
Quando me encosto ao teu peito.

Quero cantar e não posso,  
Falta-me a respiração,  
Falta-me a luz de teus olhos,  
Amor do meu coração.

Maria, minha Maria,  
Negra vida te hei-de dar,  
Não hei-de casar contigo  
Nem te deixarei casar.

Ai de mim, ai de você,  
Ai de nós ambos os dois,  
Ai de mim primeiramente,  
Ai de você, ao depois.

Tanto limão, tanta lima  
Tanta silva, tanta amora,  
Tantas meninas bonitas  
E meu pai sem uma nora.

Olhos pretos — lealdade,  
Os azuis — dedicação,  
Os castanhos são traidores  
Os verdes ... não sei que são!

Ó morte, tirana morte,  
Tenho de ti tantas queixas;  
Levas quem devias deixar,  
E os que devias levar deixas.

Pus-me a chorar saudades  
Ao pé da água que corre,  
A água me respondeu:  
— De saudades ninguém morre.

Ó beatas infingidas,  
Para que vos confessais?  
Não cumpris os mandamentos  
Mas os pecados mortais.

Senta-te aqui, meu amor,  
Ao pé da água que cai;  
Se te agradam os meus olhos  
Vai pedi-los a meu pai.

Ó pedras desta calçada  
Levantai-vos e dizei  
Quantas passadas em vão,  
Quantos suspiros eu dei.

Minha mãe não quer qu'eu ame  
Quem quer o meu coração;  
Minha mãe que me quer ver  
Estendida no caixão.

Dizes que me queres bem,  
Inda estou para o saber:  
É preciso que conheças  
As regras do bem querer.

Oh! minha mãe, hoje em dia  
Não se pode ser mulher:  
Se é linda, deitam-lhe fama;  
Se é feia, ninguém a quer.

Fui-me confessar ao Carmo  
Em manhã de nevoeiro;  
Julguei que entrava no Carmo  
E achei-me num pasteleiro.

Senhor padre, eu pecador  
Me confesso arrependido  
De ter amado uma ingrata,  
Do amor de Deus esquecido.

A oliveira é bendita  
Ramo dela tem virtude:  
Moras entre as oliveiras,  
Tens alegria e saúde.

A oliveira do adro  
Chora, chora e tem razão,  
Cortaram-lhe os canos secos  
Deitaram-lhe a rama no chão.

Não canto por bem parecer  
Qu'eu nunca fui cantadeira;  
Canto para enraivecer  
Aquela murmuradeira.

Nestas cantigas qu'eu canto  
Vai meu coração desfeito;  
Cantarei sempre enquanto  
Sentir coração no peito.

Por amor do meu amor  
Eu choro, mas a cantar,  
Pois assim ninguém conhece  
Que passo a vida a chorar.

Tu dizes que estou já velho,  
Pois olha bem para mim!  
Nunca tu hás-de gabar-te  
De encontrar um velho assim.

O teu coração e o meu  
Não devem ser mais do que um,  
Pois, enquanto forem dois,  
De nada serve nenhum.

Amor, amor, tão gabado  
Amor, amor, que serás?  
Prometes paz e dás guerra  
Mas na guerra és tu a paz.

Amor, tanto ouvi gabá-lo  
Que também quis conhecê-lo:  
Arranjei a procurá-lo  
Grande dor de cotovelo.

Fui ver-me ao espelho e fiquei  
Deveras atrapalhado:  
De moço que era inda há pouco  
Achei-me velho acabado.

Vou cantar, qu'eu sei cantigas  
Feitas com arte e com jeito:  
Canto-as eu; quem mas ensina  
É amor que trago no peito.

Quem quiser cantar, primeiro  
Abra o seu peito ao amor:  
Cantigas de quem não ama  
Não têm valor nem sabor.

Cantigas leva-as o vento  
Quando não são bem cantadas;  
Que senão entram no peito  
E ficam lá bem gravadas.

Cantigas são desabafos,  
Lágrimas do coração:  
Eu já cantava no berço,  
Hei-de cantar no caixão.

Quando eu era pequenino  
Minha mãe cantava assim:  
— Quem ama bem ama as penas,  
Que amor são penas sem fim...

Meu coração é canteiro  
De suspiros e saudades:  
Suspiro de manhã cedo  
Até tocar as trindades.

Meu amor, canta comigo,  
Se queres qu'eu cante bem;  
Que a minha voz é mais doce  
Quando tu cantas também.

Tu és como a cerejeira  
Quando se cobre de flores  
Inda em flor, já com frutos  
Perfumados, tentadores.

Quando soltas o cabelo  
Parece que nasce o dia,  
E que dentre nuvens d'oiro  
Me fala a Virgem Maria.

Na minha viola trago  
Três cordas feitas de prata  
E dentro do coração  
Um desejo que me mata.

Meu juízo é dobadoira  
Meu coração é novelo:  
Quem me dera a mim dobar  
A seda do teu cabelo!

Meu amor à tua beira  
Está-se ao pé dum altar;  
Apetece-me ao ver-te  
Pôr as mãos e rezar.

Como o nome de Maria  
Dizem que não há nenhum;  
Mas há nomes com mais graça  
E eu sei pelo menos dum.

Se te escrevo ou não te escrevo,  
Afinal não sabes ler;  
Para as mostrares a outro?  
Era deitar-me a perder!

Tolo é quem manda cartas  
A quem a ler as dará;  
Porque anda a mexer o caldo  
Que quem as lê comerá.

Sou contratador de beijos,  
Menina, venda-me alguns,  
Dou-lhe e pago adiantado  
Cem ou mais por cada um.

O teu nome um cacho d'uvas  
Qu'a minha alma saboreia,  
Uma celeste lembrança  
Que nunca me passa da ideia.

Achas-me ruim de aturar?  
Sempre quem tem amor tem zelo  
E não há dor mais custosa  
Que a dor de cotovelo.

Devagar se vai ao longe,  
Mas em amor não dá certo:  
Quem se puser com vagares,  
Com receios, fica perto.

O nosso amor nasceu ontem  
Mas já é rapaz taludo,  
Sem ter andado na escola  
Sabe ler, contar e tudo!

És tão linda como um cravo  
Na manhã de S. João,  
És a santa qu'eu adoro  
Dentro do meu coração.

És tão linda que pareces  
Um braçado de flores;  
Rosas, cravos, açucenas  
Das mais delicadas cores.

Juro que te amo e adoro  
Sobre a folha do alecrim;  
Na hora que te deixar  
Que a vida me deixa a mim.

Escrevi amor três vezes  
Numa folha que secou,  
A folha levou-a o vento  
Amor o vento o levou.

Fui cantar à tua porta  
De noite, dava luar.  
Deu-se-me um nó na garganta  
Não cantei, pus-me a chorar.

Olhos pretos, olhos pretos  
Sois a minha perdição!  
Por causa duns olhos pretos  
É noite em meu coração.

O meu peito é o campo-santo  
Onde eu enterro a chorar  
Tantas e lindas esperanças  
Que tinha de te agradecer!

O Sol anda pelo céu  
Fazendo a sua vessada:  
Há tantos anos que lavra  
E não dá com ela acabada.

O Sol é que é lavrador  
De prados, veigas, courelas! ...  
Anda a lavrar todo o dia  
Semeia de noite as estrelas.

Cantigas leva-as o vento  
Beijinhos trago-tos eu:  
Abraços, se tu mos desses,  
Ias direitinha ao céu.

Lindo Sol que vai nascendo  
Já me não dás alegria:  
Fugiu-me a pomba qu'amava  
Não sei com quem fugiria.

Vai para o mar toda a água,  
É a morte um grande mar:  
Também toda a alegria ou mágua  
Há-de na morte parar.

Se eu fosse a ti, rouxinol,  
Bem sei onde ia cantar:  
À janela duma rosa  
Que tanto me faz chorar.

Ó moças, amar é agora,  
Que amanhã será tarde:  
Quem quer assar as castanhas  
É enquanto o lume arde.

Juro pela cruz de Cristo  
E a dor da Virgem Maria  
Que és o meu único amor  
Qu'és toda a minha alegria.

Demora-te, ó noite, espera!  
Manhã, não venhas tão cedo;  
A flor que eu tenho em meus braços  
Vendo a luz nascer, tem medo.

Rouxinol és como eu sou  
Amigo da solidão:  
Ou sozinho ou com aquela  
Que trago no coração.

Minha menina, os seus olhos  
Tem-me dado qu'entender:  
Tiram-me o sono e tiram-me  
A vontade de comer.

Dormindo sonho contigo,  
Choro por ti acordado,  
Torna-se o amor um castigo  
De te amar em pecado.

Quem diz que amar é malícia  
Veja os pecados mortais  
Entre eles não há notícia  
De que o amor seja dos tais.

Amar a Deus é virtude:  
Amo a Deus que te criou  
E amo-te a ti, claro espelho  
Em que Deus se retratou.

Adormecido sonhava  
Que dormia em teus braços:  
A cama feita de lírios,  
Os lençóis feitos de abraços.

Os teus olhos, feiticeira,  
Devem entrar na prisão,  
Quando passaram por mim  
Roubaram-me o coração.

Tudo são máguas tamanhas  
Nesta vida tão mesquinha:  
Sofri por me não amares  
E inda mais desde qu'és minha!

Quando tu passas por mim  
Dá um salto meu coração;  
Cai da alegria de ver-te  
Na mágua da solidão!

Olhos verdes, transparentes,  
De pestanas de veludo:  
Eu para vós não sou nada  
E vós para mim sois tudo.

Olha como os meus cabelos  
Mostram os meus desenganos  
Seis meses de amor e zelos  
Com estragos de dez anos.

Lágrimas que por ti choro,  
Se tu visses chorarias:  
Insensível com'as pedras  
Se o não fizesses, serias.

Não sabes como te quero,  
Que te adoro de joelhos,  
Que trago de chorar por ti  
Meus olhos foscros, vermelhos.

Coitado de quem se fia,  
Em juramentos d'amor.  
Em chegando a abrir os olhos  
Morre, ou faz-se traidor.

Digo e sei que me desprezas  
Prometo te vou deixar;  
Mas que vale o que resolvo  
Se não deixo de te amar?

Triste sorte a de quem ama  
Formosa sem coração;  
Perdido como num deserto  
Pede às rochas compaixão.

Amei e fui enganado,  
Hei-de vingar o meu amor:  
Amar como fui amado,  
Mentindo seja a quem for ...

Fiz projectos de enganar-te,  
Mas eu é que me enganei:  
A conta dos teus namorados  
Enganados aumentei.

Quando te vejo dou ais  
Apetece-me chorar,  
Ao ver que tão alta vais  
Que te não posso alcançar.

Linda rosa, mas tão alta  
Quem a poderá colher?  
Nunca o filho do meu pai  
Tamanho gosto há-de ter.

Pombinha que vais tão alta  
Qu'eu não posso alcançar;  
Desce cá par'os meus braços  
Já qu'eu não posso voar.

Mataste as minhas esperanças  
Esperançosa continuas,  
Mas eu inda tenho esperanças  
De ir ao enterro das tuas.

Eu dava um ano de vida  
Por um dia nos teus braços  
E toda a dou por perdida  
Se não consigo os teus abraços.

Não sei que os teus olhos querem  
Que me andam sempre a fitar;  
Será amor? Se amor quiserem  
Bem se poderão fartar! ...

Tenho d'amor tanta sede  
Que bebo mais que o preciso:  
Por isso diz toda a gente  
Qu'ando falta de juízo.

És bem tola se te gabas  
De prender meu coração;  
Melhor andavas dobrando  
As cadeiras desta prisão.

A dizer-me que te esqueça  
Todos me falam de ti:  
Quanto mais de ti me falam  
Mais amo a que escolhi.

Desde que vi os teus olhos  
Tudo se me faz escuro,  
Noite só co'as estrelas  
Desses olhos que procuro.

Desde que vi os teus olhos  
Ficou tudo transtornado:  
Ou meu juízo deu volta  
Ou estou enfeitado.

Desde que vi os teus olhos  
De tudo mais me esqueci:  
Acho pouco todo o tempo  
Que gasto a pensar em ti.

Já não sou quem era dantes,  
Desde que te vi, mudei:  
Com a luz desses teus olhos  
Ou vejo mais, ou ceguei ...

Desde que vi os teus olhos  
Meu coração não descansa;  
É como diz a cantiga:  
«Quem corre por gosto não cansa».

Trago cheio de amargura  
Meu infeliz coração;  
Ando assim, que assim o quer  
Tua feia ingratidão.

Não sei por que me deixaste  
Amando-te eu com ardor:  
Certamente procuravas  
Coisa diferente do amor.

Coisa diferente do amor  
É que nunca te pedi:  
Se eu quisesse o que tu queres  
Não te procurava a ti.

Não te procurava a ti  
Que só tens a formosura;  
Esta p'ra mim há-de chegar,  
Fará a minha ventura! ...

Chamas-me desconfiado  
E mulher te chamo eu:  
Sempre o gato escaldado  
D'água fria se teme.

Quero-te bem, é verdade,  
Mas bem sei que o não mereces;  
Muito mais te amaria  
Se tu por isso fizesses.

Apesar de atraído  
Inda te quero com loucura,  
Mas olha, toma cuidado,  
Água abranda a pedra dura.

Chamas-me desconfiado,  
Não digo que o não sou;  
Tenho medo que me roubem  
O que tanto me custou.

Somos quatro a pretender-te,  
Escolhe o que mais te agrada:  
Se te agrada quem mais te ama  
Serás minha namorada!

Fui passar à tua porta  
Com a esperança de te ver,  
Vi tua mãe entre a horta,  
Minha sogra, que prazer! ...

Dá-me um beijo, Mariquinhas,  
Qu'eu dei-te o meu coração;  
Um coração por um beijo  
Diz lá se é barato ou não!

O meu coração caiu  
Nas covinhas do teu rosto:  
Nunca mais de lá saiu,  
Vive lá com muito gosto.

Pedras que me ouvem chorar  
Amolecem e dão ais;  
Tu ouves os meus suspiros  
E endureces inda mais!

Muito gosto de encontrar-te  
Depois que o Sol está posto!  
É quando encho de beijos  
As covinhas do teu rosto.

A tua trança macia  
Passou pela minha face  
Senti o que sentiria  
Se a mão de Deus me afagasse.

Fica certa que os meus  
Juramentos são leais,  
Pois são selados com beijos  
Como escrituras legais.

Vês o meu cabelo branco,  
Envergonhas-te de mim:  
As paixões que me tens dado  
É que m'ó tem posto assim.

Fala para quem quiseses,  
Já com isso me não ralo;  
És o cardo ao pé da rosa,  
Ao pé doutra com quem falo.

Quando te vejo dou ais,  
Tremo da cabeça aos pés;  
Por ver que te quero bem,  
Sabendo bem quem tu és.

Sabendo bem quem tu és,  
Que vendes beijos e abraços,  
Que as tuas palavras matam,  
Que os teus olhos são laços ...

Na rosa da tua boca  
Achei o perfume dum beijo,  
Tão bom sabor ele tinha  
Que milhões deles desejo.

Quantas lágrimas eu choro  
Por causa do teu desprezo!  
Quanto mais tu me repeles  
Tanto mais me sinto preso.

Preso d'amor e saudade  
Com tão pesada cadeia,  
Quanto mais tento libertar-me  
Mais me prende e assenhoreia.

Vens de confessar-te agora,  
Pareces uma santinha:  
Assim linda e sem pecados  
É que tu hás-de ser minha.

Se soubesses a ternura  
Que o meu coração contém,  
Darias todos os bens  
Só por esse único bem.

Sonhei, meu amor, sonhei  
Que te tinha nos meus braços,  
Foram aos milhões os beijos  
Foram sem conta os abraços.

Entre loureiros fizemos  
Um ninho d'amor bem feito,  
Ai, se os loureiros contassem  
Que dormi sobre o teu peito.

Junto de ti sou ditoso  
Como no alto do Tabor  
Tão feliz como S. Pebro  
Ao pé de Nosso Senhor.

Cantigas, muitas cantigas,  
Já não quero cantar mais,  
Qu'estas cantigas qu'eu canto  
Não são cantigas, são ais.

Dizem que o amor são penas;  
Bem fiz eu não me importar:  
Se as penas d'amor são estas  
Quero em penas acabar;

Não me fales em deixar-te,  
Nisso não é bom falar;  
Só quando a vida me deixe  
É que t'eu hei-de deixar;

Não estranhes qu'eu duvide  
Das tuas afirmações;  
É que a gente ouve palavras  
Mas não vê os corações.

Surgem dúvidas e suspeitas,  
Mal haja tanto querer!  
Sofro para te deixar,  
Não te deixar é sofrer.

Não sejas tão vaidosa  
Nem te faças tão honesta:  
Se outros te julgam inteira  
Eu sei com quem vais à festa.

Tu murmuras de quem ama?  
Julgas-te muito segura?  
Contas os anos e os meses  
De inteireza e compostura.

Muito séria, muito séria,  
Ter boa fama, está bem;  
Mas a tua seriedade  
Não dou por ela um vintém.

Têm-me dito mal de ti  
A ver se nos desconcertam;  
Quanto mais de ti me falam  
Mais o nosso amor apertam.

— Coração, perdes o tempo,  
Mansa pomba bate a asa!  
— Depois da chuva brilha o sol,  
Numa hora cai a casa.

Ando mais triste qu'a noite  
Em que não brilha uma estrela:  
Tão linda a flor qu'eu amo  
E sei que hei-de perdê-la.

Dos meus olhos tristes caem  
Lágrimas quentes em fio,  
Tenho no peito uma chaga  
Tenho nas faces um rio.

Meus olhos não choreis mais,  
Endurece-te, meu peito,  
Não andemos toda a vida  
Num tormento sem proveito.

Por causa duns olhos claros  
A minha alma escureceu,  
Da luz nasceram as trevas,  
Das trevas o amor nasceu.

Amor que os outros bendizem  
Por que és falso para mim?  
Prometes-me um bem sem termo  
E dás-me penas sem fim ...

Olha para mim, Maria,  
Com amorosa compaixão,  
Pois eu só tenho a alegria  
Qu'esses teus olhos me dão.

Deixas-me porque sou pobre,  
Nada vale o meu amor?  
Trocas oiro pelo cobre,  
Desconheces o seu valor.

A mulher é como a lua  
Que dá luar e não dá:  
Hoje estão de boa cara,  
Amanhã mostram-na má.

Amor é como a moínha  
Se o vento sopra, lá vai ...  
Alguém me jurou amor  
Que desapareceu num ai.

Amor é candeia acesa  
Que só no escuro alumia:  
Perde o gosto e perde a graça  
Quando vem a luz do dia,

Menina, não se envaideça  
Com a sua perfeição,  
Porque lá diz a cantiga  
— Não há bela sem senão.

Cantai, alegres passarinhos,  
Pudesse eu cantar assim;  
Mas com lágrimas nos olhos  
Vivo em tristeza sem fim.

Tenho chorado mais água  
Que a bica da nossa fonte:  
A causa da minha tristeza ...  
Não precisas que ta conte!

Há três dias que não vejo  
A luz do sol desejado,  
O sol divino do teu rosto  
Que me traz enfeitado.

Apaguem-se as luzes todas  
E até o sol nas alturas,  
Tendo a luz dos teus olhos  
Não ficarei às escuras.

Quem de palavras se fia  
Coitado, triste coitado!  
Eu tive fé mas perdi-a  
Por meu mal enganado,

Amar é gozar na dor,  
É gostar do sofrimento,  
Que os bens que nos dá o amor  
São folhas secas ao vento.

Andas na minha lembrança  
E mais no meu coração  
Como Nossa Senhora da Esperança  
Que me dará a salvação.

Chamei-te a luz dos meus olhos,  
Mas estás tão demudada,  
Que, se um dia foste luz,  
Hoje és candeia apagada.

Deves-me um conto de beijos,  
Um conto é um milhão,  
Se não pagas o próprio  
Pagas-me os juros então.

Se amor com amor se paga  
Façamos contas a ver  
Qual é de nós o que deve  
E qual tem a receber.

Amor, amor hoje em dia  
Já não é amor nem é nada  
E quem no amor se fia  
Fia-se no pó da estrada.

Quem me dera declarar-te  
O que trago no sentido;  
Se não falo é por ter medo  
De não ser bem sucedido.

Dás-me um beijo? Que atrevido!  
Dás-me um abraço? Ladrão!  
A quem os beijos não rouba  
Todas lhe dizem que não.

Nosso Senhor me perdoe  
Que te não posso esquecer,  
Nem solteira nem casada  
Nem talvez quando morrer.

Alto freixo, verde freixo,  
À tua sombra me sento  
Com saudades dum bem  
Que trago no pensamento.

Vês-me os cabelos brancos,  
Ligas-me pouca atenção:  
Amor não vem da cabeça,  
Ele nasce do coração.

Vem-me as lágrimas aos olhos  
Quando penso no passado,  
Quando colher os teus beijos  
Era todo o meu cuidado.

O sol está quase posto  
Bate à porta a noite fria;  
Não sei que levou meu gosto  
E mais a minha alegria.

Cantam as águas na fonte  
Cantam aves na deveza:  
Com'a pobre urze do monte  
Choro a minha tristeza.

Meu amor quisera ser  
A coisa mais do teu gosto  
Poder causar-te a alegria  
Qu'eu sinto de ver o teu rosto.

Meu amor, ando em cuidados  
Por causa do teu descuido:  
Meus dias estão contados  
Se me dá certo o qu'eu cuido.

Tens um sorriso de encanto  
Para quase toda a gente  
E a mim que te quero tanto  
Olhas-me severamente.

Nada sou à tua beira,  
Sei bem que te não mereço:  
Hoje o amor mais perfeito  
É coisa de baixo preço.

Com amor não se comove  
O teu coração insensível:  
Abrandar-te com dinheiro  
Também não me é possível.

Sempre que tento prender-te  
Bates as asas e adeus ...  
Eu é que fico a perder-te  
Mais preso desses modos teus.

Tão formosa mas tão esquiva  
És luz de manhã que passa:  
Uma visão enganadora,  
Uma mentira com graça.

Dizes que me queres bem  
— Palavras leva-as o vento —  
Nunca a mulher diz a alguém  
O que tem no pensamento.

Amor, ninguém o conhece  
Senão por vagas notícias,  
Se às vezes nos aparece  
Foge às primeiras carícias.

Eu te direi o que é amor  
Quando por ti for amado:  
A quem não ama, nunca  
Poderá ser explicado.

Enganaram-me os teus olhos  
Brilhantes, falsos d'amor,  
Caí como um passarinho  
Na rede do caçador.

Os meus olhos com teus  
Não se podem encontrar  
Porque depois de se verem  
Ninguém os pode apartar.

Em má hora fui nascido,  
Tocou-me triste condão:  
Amar com amor constante  
A quem não tem coração.

Lindo o nome de Maria,  
Da mãe de Nosso Senhor:  
Também é lindo o de Rosa  
Nome da mais linda flor.

Fui-te erguer o cantarinho  
Não me págaste o favor,  
Eu fiquei desde essa tarde  
Por ti perdido de amor.

Que esta praga que te roga  
Vá ter onde se destina:  
Nunca tu tenhas descanso  
Enquanto não fores minha.

O meu amor e o teu  
Andam na fresca ribeira:  
O meu anda à erva doce  
O teu à erva cidreira.

O meu amor disse que vinha,  
Disse que vinha e não «beu»;  
Se m'havia de faltar  
Para que me prometeu?

O meu amor disse-m'ontem  
Que m'havia de ver hoje;  
Ele por hora não tarda  
Qu'ele vem de muito longe.

Agora é qu'eu vou cantar  
Na hora de Deus amen;  
Quem na hora de Deus canta  
Sempre lhe sucede bem.

Quem m'a mim ouvir cantar  
Que dirá e tem razão:  
Se eu canto com alegria  
Sabe Deus minha paixão.

Ó meu amor, ama a graça,  
Não ames a formosura:  
Olha que o amor sem graça  
É pior que a noite escura.

Ó lugar da Enxurreira,  
Hei-de te mandar dourar  
De pedrinha em pedrinha  
P'ro meu amor passear.

Não canto por bem cantar  
Nem por muito bem saber  
Canto p'ra espalhar o sono  
Para não adormecer.

Meu amor meu amorzinho  
Por perto de mim passou;  
Ele deve estar zangado  
Qu'andou sempre e não falou.

Ó moças da minha terra,  
Chorai agora por mim;  
Eu vou dar a minha mão  
Pelos séculos sem fim.

As moças da nossa aldeia  
São airozas, engraçadas,  
Sem usar tintas na boca  
Nem sobranceiras rapadas.

Sou rapariga d'aldeia  
Ao trabalho acostumada,  
Como Deus quis linda ou feia  
Não sou boneca pintada.

São naturais e sádias  
As raparigas d'aldeia,  
Singelas flores do campo  
Que Deus cultiva e semeia.

Já não há tranças ondeadas,  
Pretas ou de oiro luzente:  
Foram-se as ondas doiradas  
Nas ondas da permanente.

As raparigas do Minho  
Não são bonecas pintadas;  
São como Deus as criou,  
Cordões d'ouro e arrecadas.

Não quero ser da cidade,  
Não quero podar as tranças,  
Quero a naturalidade  
Das flores e das crianças.

Detesto caras pintadas,  
Seja ou não com razão, porém  
Diz o ditado que o mal  
Ou o bem à face vem.

Conheço na minha aldeia  
Um homem que sabe tudo:  
Quando a lua é nova ou cheia  
Quando é Páscoa e Entrudo.

Não sou bonita nem feia,  
Mas sou como Deus me quis:  
Boas pernas, bom cabelo,  
Fora o mais que se não diz.

Não sou bonita nem feia,  
Nem sou cabeça no ar:  
Aos domingos canto e rio,  
À semana é trabalhar.

Não sou bonita nem feia  
Isto é modo de dizer:  
Pois bem sei que para alguém  
Mais linda não pode haver.

Andas muito deslumbrada  
Com esse brio, quase louca:  
Tem cautela, qu'a castanha  
Estoira às vezes na boca.

Não quero ser da cidade,  
Acho a aldeia mais bonita:  
Não sou ave de gaiola,  
Sou arvéola que saltita.

Eu hei-de ir para a cidade  
Mas bem murcha e tostadinha,  
Pois está fora de moda  
Côr sádia com'a minha!

Eu hei-de ir p'ra cidade  
Com sapatos de cortiça,  
Mas primeiro hei-de pôr-me  
Magra com'uma carriça.

Eu hei-de ir para a cidade  
E abandonar os Maneis;  
Quando as tranças desbotarem,  
Em valendo só dez réis.

Triste mundo, triste vida,  
Perde o tempo quem a gaba:  
Entre gemidos começa,  
E entre agonias acaba.

Eu era feliz, contente,  
O contrário agora sou,  
Por amar alguém que nunca  
Sequer de mim se lembrou.

Este amor que me consome  
Há-de levar-me ao caixão,  
Pois é mal que não tem cura,  
Doença de coração.

Nem o médico mais sábio  
Me poderia curar:  
Só me pode dar remédio  
Alguém que mo não quer dar.

Vimo-nos ambos um dia  
Na água clara desta fonte:  
Que lindo par nos sorria  
Tão feliz aqui defronte.

Fomos flores em botão  
Sorrindo a desabrochar;  
Hoje folhas pelo chão  
Que o vento vai espalhar!

Vamos ver-nos outra vez  
Na mesma fonte do espelho?  
Diante de nós estão agora  
Uma velha mais um velho!

Passas na rua contente,  
Satisfeita do teu reboco:  
A par de ti tanta gente  
Se ri de tanto descoco.

Com escândalo e mau gosto  
Deterioras sem piedade  
A frescura do teu rosto  
Com zarcão e alvaiade.

Meus olhos são testemunhas  
De arrebique tão tolo:  
Dar às pérolas das unhas  
Parece cor de tejo.

Farias obra de jeito,  
Se gastasses com os pobres  
O que gastas sem proveito  
Nas tintas com que te cobres.

Tens um sorriso divino  
De rosa, não de baton  
O reflexo cristalino  
Dum formoso coração.

Deu-te bela a natureza,  
Deu-te graças que deformas  
Procurando uma beleza  
Das mais ridículas normas.

O mal das caras pintadas  
Afinal é quase um bem:  
Pois as faces estragadas  
Inspiram nojo, desdem.

Sobre casca de cebola  
Tem as unhas mascaradas;  
Haverá coisa mais tola  
Que unhas e caras pintadas?

O dinheiro precioso  
Que em tintas desperdiçais;  
Que socorro valioso  
Para os nossos hospitais.

Vendo o teu rosto pintado  
Acode-me a reflexão:  
Quem tem o rosto manchado  
Tem manchas no coração.

Foi-se o século das luzes  
Com as luzes apagadas;  
Por entre canhões e obuzes  
Veio o das caras pintadas.

Consta o governo vai  
Decretar pesado imposto  
Sobre quem à rua sai  
Com drogaria no rosto.

Entendes tu que não rezo,  
Julgas que não tenho fé.  
— Rezo, sim, disse me prezo,  
E talvez de mais até!

Rezo à Virgem, rezo aos Santos  
E ao Senhor peço perdão  
Dos meus pecados, são tantos  
E todos do coração!

E olha qu'és tu que me fazes  
Ser tão grande pecador!  
És tu só porque me trazes  
Enfeitiçado d'amor.

Deus m'ajude e me desvie  
De certos perigos e laços.  
— Finalmente me guie  
Ao repouso dos teus braços.

«Muito custa o que bem sabe»  
Diz o povo — também o digo,  
Pois sei quanto me custou  
Falar uns dias contigo.

Ó linda noite, apetece  
Cantar, bailar, namorar;  
Se o meu bem aqui estivesse  
Então é que era cantar!

Quem me ouve assim cantar  
Diz — aquele tem alegria ...  
Se abrisse o meu coração,  
A tristeza encontraria!

Dizes que me queres bem  
— Quem me dera qu'assim fosse!  
Pois amar e querer bem  
É o que faz a vida mais doce.

Passas por mim não me falas,  
Não sei lá se é presunção:  
Falas não custam dinheiro,  
Quantas ao vento se dão!

Caminho por onde passas  
Os teus olhos alumiam  
E quando deitas o pé  
Até as pedras se desviam.

Dizes que me queres bem  
Não há como o bem querer:  
Mas o bem que me tu queres  
Inda está por conhecer.

### **BOURO (S.ta Marta)**

*ela*

Ó tocador da viola,  
Que tocas na perfeição,  
Quando pões a mão nas cordas  
Tocas no meu coração.

*ele*

A minha viola diz  
O qu'eu trago no sentido;  
Se o teu coração acorda  
É que me tem entendido.

*ela*

O meu coração não dorme  
Que lhe não chega o vagar,  
É soldado sempre alerta  
No seu posto para amar.

*ele*

Que esperta cantadeira  
Me vem hoje combater,  
Com uns modos assustadores,  
Quem mo havia de dizer! ...

*ela*

Assustada nunca fui,  
Envergonhada serei,  
Mas se os anjos também cantam  
Sempre cantei e cantarei!

*ele*

Que o cantar é dos anjinhos  
Por isso cantas assim;  
Faz vir as lágrimas aos olhos  
Essa voz de querubim.

*ela*

Pões-me tão alto — cautela —  
Que me não deixes cair;  
Gosto de andar pela terra  
Pois vejo por onde hei-de ir.

*ele*

Andas na terra — inda bem —  
Para encanto dos meus olhos;  
Nunca teus pés delicados  
Encontrem na terra abrolhos.

*ela*

Viva senhor cantador,  
Que sabe mentir com jeito;  
Quem me dera que as palavras  
Que diz saíssem do peito.

*ele*

Nesta cantiga te mando  
Aberto o meu coração:  
Amor, amor, amor firme,  
Amor, amor e paixão.

*ela*

Amor, amor e paixão,  
Torno a dizer que tão doce,  
Amor no teu coração  
Quem me dera qu'assim fosse.

*ele*

Amor, amor te repito,  
Amor na vida e na morte  
Deveras aqui te juro  
À minha boa e má sorte!

*ela*

Feriste-me o coração,  
Já não posso cantar mais,  
Que as palavras que me dizes  
Trespasam como punhais.

*ele*

Pois, se te dás por vencida,  
Eu por vencido me dou;  
Vencido pelos teus olhos  
E essa voz que me encantou!

Mandas-me um cravo encarnado  
Que de amizade é penhor  
— Mando-te a rosa dum beijo  
Da roseirinha do amor.

Teus olhos são melros negros  
Qu'iludem o caçador:  
Quando julga que os apanha  
— Boas tardes, meu Senhor!

Tu chegas — eu vou-me embora,  
Desencontrados nascemos  
Sou a tarde, tu a aurora,  
Como nos encontraremos?

Meu coração vai no rasto  
Do teu nome de Maria  
Qu'ê para mim uma estrela  
Que de noite me alumia.

Pomba branca, as tuas penas  
Penas d'amor devem ser,  
Que embora se chamem penas  
Todos gostam de as sofrer.

Guardo as lágrimas que choro  
No lencinho que foi teu,  
É quanto de ti me resta,  
Tudo o mais se perdeu! ...

Gostas de mostrar a todos  
Que tens os dentes bonitos  
E por isso os namorados  
São tantos como mosquitos.

Passei hoje à tua porta  
Três vezes sem resultado,  
De todas vi tua mãe  
A deitar-me mau olhado.

As águas do rio correm  
Sem descanso para o mar:  
Assim nós vamos correndo  
Para a morte sem pensar.

Dizias amar-me tanto,  
Com amor quase infinito,  
E esse amor não resiste  
À picada dum mosquito

Juravas e prometias  
Amar-me sem restrição  
E as promessas desfazem-se  
Como bolas de sabão.

Prende-me a luz dos teus olhos  
E as ondas do teu cabelo  
Mas costumam-me a aguentar  
As dores de cotovelo.

A fonte do meu lugar  
Chora de noite e de dia,  
Assim eu choro por quem  
Roubou a minha alegria.

Por causa de ti, menina,  
Vivo em contínua aflição,  
Quanto mais sofro mais amo  
A causa desta paixão.

Ó meu Deus, que me criaste,  
Tende compaixão de mim,  
Que ando no mundo perdido  
Numa solidão sem fim.

Deste-me um lenço — guardei-o  
Pertinho do coração;  
Inda conserva o perfume  
Que trouxe da tua mão.

Amo-te muito, querida,  
Mais do que devo, porém  
Quem dá o amor por medida  
Por medida o quer também.

Dizes que não te amo  
Não deves falar assim,  
Eu quero-te tanto, tanto,  
Mais do que tu a mim.

Passas comigo umas horas  
Outras com outra também,  
Quem serve a duas senhoras  
A nenhuma serve bem.

Tu és como a violeta  
Pequenina e recatada,  
Mas, embora pequenina,  
Desejada e procurada.

Sou mulher, não tenho pena,  
Pelo contrário, alegria;  
Mulher era Madalena,  
Mulher a Virgem Maria.

Disse um dia que te amava,  
É certo disse-o; porém,  
Logo vi que m'enganava,  
Enganos quem quer os tem!

Lavo em lágrimas o rosto  
Com elas amasso o pão,  
São as lágrimas o gosto  
Que as tuas pagas me dão!

A mulher é sombra e luz,  
Noite escura ou estrela d'alva,  
Ora descanso, ora cruz,  
Tanto perde como salva.

Saudades d'horas felizes,  
Julga-se triste quem as tem,  
Mais triste é não ter saudades  
De nada nem de ninguém.

Es novo toma cuidado  
E faz a cama bem feita:  
Quem de novo se acautela  
De velho nela se deita.

Ó mocinhas de Fiscal,  
Sachai-me o milho bem:  
Não olheis para o portelo  
Qu'a merenda logo vem.

Quem quiser qu'eu sache o milho  
Traga-mo aqui p'rá sombra;  
Eu ao sol não o sacho  
Inda qu'a milhão o coma.

Estas mocinhas d'agora  
São algumas, não são todas:  
Trazem meia sobre meias  
P'ra fazer as pernas gordas.

Estas mocinhas d'agora  
Todas dizem que tem, que tem:  
Por fora tudo são rendas,  
Por dentro nem fralda têm.

Meninas do outro lado,  
Com que lavais o cabelo?  
— Com as ervinhas do monte  
Chamadas o tromentelo.

Meu, amor anda me ver  
Qu'eu não te vou procurar:  
A água foge p'ró rio,  
O rio foge p'ró mar.

Quem quiser qu'eu cante bem  
Dê-me vinho ou dinheiro:  
Esta minha gargantinha  
Não é forja de ferreiro.

Nesta terra não há ovos  
Que morreram as galinhas:  
Qu'ha-de ser dos alfaiates,  
Se não vierem as sardinhas!

Canta lá, o cantadeira,  
Qu'esse teu cantar me alegre.  
Se não fosse o teu cantar  
Já não estava nesta terra.

Estes mocinhos d'agora  
São franguinhos de vintém  
Prometem dez réis ao Santo  
A ver se a barba lhes vem.

Estes mocinhos d'agora  
Que são frangos de vintém  
Já têm galado muitos,  
Galam-no a você também.

Acho graça à tua lábia  
Eu canto e estou me a rir;  
Cascavelhos d'entre a casca  
Escusam mais de cá vir.

Hei-de cantar, hei-de rir,  
E dizer coisas à toa,  
Porque o cantar e o rir  
Não me impedem de ser boa.

Eu tenho cinco amores  
Mas só a três quero bem:  
Ao Manel e ao António  
O outro não digo quem.

Eu tenho cinco coletes  
Todos eles bem talhados:  
Eu tenho cinco amores  
Quatro andam enganados.

Menina, que stá à janela  
Olhando para quem passa  
Tem carinha de ser boa,  
Dizem qu'é de boa raça.

Ó pedrinhas da calçada,  
Levantai-vos e dizei:  
Quem vos passeia de noite  
Que de dia bem no sei.

Meu amor, meu amorzinho,  
Chega-te p'rá minha beira;  
Não vás p'ra longe de mim  
Que me das tanta canseira.

O meu amor amouu,  
Eu também hei-de amuar;  
Não hei-de falar p'ra ele  
Sem ele p'ra mim falar.

O meu amor é um cão  
Quando passa por mim ladra:  
Vai lá pagar a quem deves,  
Qu'a mim não me deves nada.



**BALANCA (S. João da)**

Aquela casinha branca  
É do nosso regedor  
Hei-de lhe mandar dizer  
Que não prenda o meu amor.

O meu coração cá dentro  
Está cheio de gavetinhas,  
Para entrar e saírem  
As tuas doces falinhas.

Ó meu amor, a quem deste  
O meu lenço de pintinhas;  
Ó meu amor, a quem deste  
A amizade que me tinhas.

Foste gabar-te ao Porto  
Que me deste um cruzado;  
O lenço que me tiraste  
Ainda mais tinha custado.

O balão da minha amiga  
É como a roda dum carro;  
Quando vai p'rá cozinha  
Faz abanar o sobrado.

O ladrão do serralheiro  
Não sei que vida governa;  
De dia vai p'ró trabalho,  
À noite vai p'rá taberna.

À noite vai p'rá taberna,  
Gosta de se divertir;  
O ladrão do serralheiro  
Traz os filhos a pedir.

Traz os filhos a pedir,  
A mulher cheia de fome;  
Ó Senhor de Matosinhos,  
Não me dê assim um *home*.

Esta noite à meia noite,  
Ouvi cantar o morcego;  
Pus-me a pé, fui à janela,  
Era a gaita dum galego.

Menina que está à janela,  
Olhando para quem passa,  
Tem olhinhos de cadela,  
Venha comigo à caça.

Ó ai, minha cara linda,  
Pinheiro, pinheiro manso,  
Quero ver o meu amor,  
Sem o ver não descanso.

Menina que sabe ler  
Também sabe soletrar;  
Também quero que me diga  
Quantos peixes tem o mar.

O meu amor me deixou,  
Coitadinho, tenho pena  
Foi amar uma branquinha,  
Deixou-me por ser morena.

A língua da minha sogra  
Tem um metro e quarenta,  
Foi feita de sal amargo,  
Misturado com pimenta.

Falais de mim, falais doutro,  
Falais do céu e da terra;  
Falai o que vós quizerdes,  
Ca mim nada se me pega.

Era uma vez um homem  
Que morava em uma aldeia;  
Inda tinha medo à fome,  
Depois da barriga cheia.

Eu armei um pingarelho  
Em cima do teu telhado;  
Armei-o e desarmeí-o,  
Trago o melrinho caçado.

Anda daí, cantador,  
Cantador, estás-te a sair;  
Tens um melrinho na horta,  
Olha lá que pode fugir.

Quem quiser mulheres boas  
Vai buscá-las ao ferreiro,  
Elas são boas e baratas,  
Elas não custam dinheiro.

Quem quer ter a mulher gorda;  
Não a mande trabalhar;  
Ponha-a na torre do sino  
Co'as pernas p'ró ar.

A mulher com'a galinha  
É um bicho interesseiro;  
A galinha pelo milho,  
A mulher pelo dinheiro.

Vai, marinheiro, vai,  
Vai buscar a Laurindinha;  
Vai buscá-la ao mar largo,  
Qu'ela é tua, não é ginha.

A mulher do porqueiro  
Tem uma galinha choca;  
Todo o mundo s'admira  
D'a galinha ter minhoca.

Ó minha mãe, venha ver  
A cama do meu amor,  
Deitado na meia rasa,  
Coberto c'o rasador.

Diabo leve os ratos  
E o dente da formiga,  
Que me rásaram o livro  
Onde eu guardava a cantiga.

Menina, que está à janela,  
A comer trigo com queijo,  
Tem a boca gostosa,  
Atire p'ra cá um beijo.

Quando vem a primavera,  
O cuco vem também;  
Vem pôr os ovos frescos  
Ao ninho que não tem.

Menina, ponha-se a pé,  
Venha ver a serenata;  
Venha ver o seu amor,  
Que tanto por si se mata.

O meu amor é magala,  
Só à noite me vem ver;  
Vai-te embora, ó magala,  
São horas de recolher.

Quantos peixes tem o mar,  
Inda lá não fui ao fundo;  
Também quero que me diga  
Quantos homens há no mundo.

Quantos homens há no mundo,  
Todos eles trazem chapéu;  
Também quero que me diga  
Quantas estrelas tem o céu.

Quantas estrelas tem o céu,  
Inda lá não fui acima;  
Também quero que me diga  
Quantos dentes tem a lima.

Quantos dentes tem a lima,  
Tem tantos com'ó limão;  
Também quero que me diga  
P'ra quem é o seu coração.

Pega lá meu coração,  
Se o quiseres matar, podes,  
Olha o que vai dentro dele,  
Se o matares, também morres.

Pega lá meu coração  
E as chaves p'ró abrir,  
Nem tenho mais que te dar  
Nem tu mais que me pedir.

Ó meu amor, meu amor,  
Quando te hei-de chamar meu;  
És amor de quem tu queres,  
A fama tenho-a eu.

Menina, prenda o seu melro,  
Que me vai à minha horta,  
Esgravatar o meu cebolo,  
C'o sentido na minhoca.

E muito mais vos eu queria  
Da raíz do coração;  
O favor que vos peço  
É que não me punhais a mão.

Ó amieiro do rio  
Deixa passar os peixinhos;  
Quem namora às escondidas  
Dá abraços e beijinhos.

## CAMPO (S. João)

Não corteis a ponta ao tojo  
Nem a raiz à carvalha,  
É p'ra sustentar os moços  
Em ano de pouca palha.

Adeus, ó lugar do Campo,  
Coradoiro das meadas;  
Lugar de poucas moças  
Mas as mais procuradas.

Adeus, ó lugar do Campo,  
Pequeno, mas soalheiro,  
Pegam os amores nele  
Como estacas de salgueiro.

As moças de Vilarinho  
Já não sabem fiar o linho;  
Dão uma volta ao louceiro  
A ver se as tijelas têm vinho. (\*)

As moças de Vilarinho  
Não sabem fiar a estopa;  
Andam de porta em porta:  
— Ó comadre, dê-me sopa.

As moças de Vilarinho  
Não sabem andar de sapatos;  
Quando vêm à missa ao Campo,  
Vêm aos saltos com'os ratos.

Vilarinho deu um tombo  
Que Paredes abanou;  
O Campo leva o ramo,  
Que de sempre o levou.

---

(\*) O lugar de Vilarinho já não existe. As cantigas que se lhe referem foram recolhidas antes da construção da albufeira.

Dei c'um ninho de cuco,  
Entre as margens do centeio;  
É um regalo brincar  
Com passarinho alheio.

Adeus, ó lugar do Campo,  
Cercado de cravos brancos,  
Onde o meu amor passeia  
Domingos e dias santos.

Quando eu nasci chorava,  
Chorava por ter nascido;  
Não chorava, se soubesse  
Que havia de viver contigo.

Meu amor, anda me ver,  
Qu'eu não te vou procurar;  
A água procura o rio,  
O rio procura o mar.

Ó homem da taramela,  
Volta atrás, que vais perdido;  
Essa mulher que tu levas  
É casada, tem marido.

Ó erva cidreira,  
Qu'estás na varanda,  
Quanto mais te regam,  
Mais tombas p'rá banda.

Quanto mais te regam,  
Mais cresces p'ró ar;  
Ó erva cidreira,  
Eu hei-de te arrancar.

Eu hei-de te arrancar,  
Não te arranco, não;  
Ó erva cidreira,  
Do meu coração.

Eu cortei um amieiro,  
Se o cortei, stá cortado;  
Eu deixei o meu amor,  
Se o deixei, stá deixado.

Eu cortei um amieiro,  
Atravessei-o no rio;  
Daqui p'rá minha terra  
Não preciso de navio,

Vilarinho, monte negro,  
Terra da minha paixão,  
Onde tenho e não nego,  
Amor do meu coração.

Eu hei-de subir ao alto,  
Ao alto da Chã de Freitas;  
Quero ver s'ó meu amor  
É meu amigo às direitas.

Eu hei-de subir ao alto  
Ao alto do Chão da Fonte,  
Quero ver o meu amor  
Em Vilarinho do Monte.

Ó curral de Leonte,  
Ó Costa do Merujal,  
Tens-me lá o meu amor  
Embrulhado no avental.

Siga a rusga, siga a rusga,  
Siga a nossa pandeireta;  
Nós somos de Vilarinho;  
Connosco ninguém se meta.

Ó lugar de Vilarinho,  
Ladeirinho p'ró fundo;  
Quem nele tomar amores  
Vive o céu neste mundo.

Se fores à missa ao Campo,  
Leva água no chapéu;  
Os do Campo não têm água,  
Senão a que cai do céu.

Adeus, ó lugar do Campo,  
Cercadinho de ameixoeiras;  
No meio dele passeiam  
Quatrocentas feiticeiras.

Atiraste ao meu peito,  
À parte mais delicada,  
Quem ao meu peito atira  
Pouco bem me quer ou nada.

Ó meu amor não me deixes,  
Qu'eu não stou p'ra te procurar;  
A água procura o rio,  
O rio procura o mar.

O meu amor é António,  
Eu bem queria um Joaquim;  
Agora não há remédio,  
Anda, António para mim.

O meu amor disse que vinha  
Quando o luar viesse;  
A lua já acolá vem,  
Meu amor não aparece.

### CHAMOIM

A siranda stá doente,  
Nós stamos aqui de pé;  
Hei-de levar à siranda,  
Uma xicara de café.

A siranda stá doente,  
A siranda que terá?  
Hei-de levar à siranda  
Uma xicara de chá.

A siranda quer qu'eu morra,  
Eu digo que morra ela;  
Hei-de lhe fazer um chá  
De cabeças de marcela.

Ó Maria tecedeira,  
Tens o tear na barriga;  
Quando metes a lançadeira  
Perna abaixo, perna arriba.

O meu amor me deixou,  
Coitadinho, tenho pena;  
Foi amar uma branquinha,  
Deixou-me por ser morena.

Ó meu amor, não me deixes,  
Qu'eu inda te não deixei;  
Quando eu te deixar, amor,  
Faz de conta que acabei.

Amassa, menina, amassa,  
S'ele é talaça deix'ó ser;  
Aí vem o Paiva Couceiro  
Ele é matreiro, há-de vencer. (\*)

Fui ao rio seco lavar,  
Ficou-me em casa o sabão;  
Lavei a roupa com rosas,  
Ficou-me o cheiro na mão.

Ficou-me o cheiro na mão,  
Inda tenho mais que lavar;  
As camisas do meu amor  
Que as quero engomar.

Deitei um cravo à poça,  
Fechado, saiu aberto;  
É um regalo na vida  
Enganar a quem é esperto.

Que as quero enganar,  
Quero-as bem lavadinhas;  
As camisas do meu amor  
Quero-as bem clarinhas.

Quando Deus formou a rosa,  
E fez a luz do luar,  
Entre as coisas mais formosas  
Fez a luz do teu olhar.

---

(\*) Referêucia, como acontece em outras quadras, à presença de P. C. a quando das Incurções monárquicas.

Estas ruas não têm nome,  
Eu lho vou agora pôr;  
A rua dos anjinhos  
Onde mora o meu amor.

Ó lugar de Pergoim,  
Que tão boa gente cria,  
Os homens são como cravos,  
As moças a melhoria.

O lugar de Pergoim  
Tem vinte e cinco janelas  
Ou no fundo ou no cimo  
Meu amor stá numa delas.

O lugar de Pergoim  
É a minha terra amada;  
Tem cravos que cheiram bem  
E uma rosa encarnada.

Acabaram-se as laranjas,  
Agora vêm os limões;  
Vai o meu amor p'rá guerra  
Combater c'os *alamões*.

O Paiva Couceiro,  
Ele é um ladrão;  
Queria tomar conta  
Da nossa nação.

Dizes que te vais embora,  
E que me deixas ficar;  
Tu por esse mundo fora,  
Outro já no teu lugar.

Adeus, ó moças do Campo,  
Não comais os ovos todos;  
Ao fim de nova menses  
Há-de haver soldados novos. (\*)

---

(\*) Uma sátira que envolve os militares das Incursões.

Água leva o regadinho,  
Vai regar o alecrim;  
Concelho de Terras de Bouro,  
Freguesia de Chamoim.

Sou do Minho, sou do Minho,  
Sou do Minho natural;  
Quem não conhecer o Minho  
Não conhece Portugal.

Eu trago no pensamento  
A minha terra querida;  
É linda do coração  
De paisagem colorida.

Logo ao romper da manhã  
Passarinhos a cantar;  
Lavrador deixa a cama,  
Começa a trabalhar.

As águas do rio Rodas  
Com seu perfume no ar,  
Batendo nas penedias,  
Ao Homem se vão juntar.

Couceiristas não entram  
P'la serra de Vinhais,  
Adeus, moças do Campo,  
Adeus, p'ra nunca mais.

Ó que desgraça,  
Um homem passa,  
Ir p'rá cadeia  
Por ser talaça.

### **CHORENSE (S.ta Marinha)**

Eu subi ao limoeiro,  
Das galhas fiz um encosto;  
Não se me dava ter fama  
Com pessoa do meu gosto.

Falais de mim, falais doutra,  
Tendes sempre que dizer;  
Eu só queria a vossa língua  
Como tinta de escrever,

No alto da serra neva  
Onde o penedo caiu;  
Ninguém diga o que não sabe  
Nem afirme o que não viu.

A oliveira se queixa,  
Se queixa e tem razão;  
Varejam-lhe a azeitona,  
Deitam-lhe a rama no chão.

Por baixo de uma oliveira  
É um regalo passear;  
Tem a folha miudinha  
Passa por ela o luar.

No alto daquela serra,  
Stá um jardim a secar;  
Obrigaram os meus olhos  
A dar água p'ró regar

Tenho dito aos meus olhos  
Que não chorem por ninguém;  
Qu'os meus olhos de chorar  
Já nenhuma graça têm.

Quando eu aqui cheguei,  
Deitei os olhos e vi  
Meu amor nos braços doutro  
Não sei como não morri.

Quando eu aqui cheguei  
Dei um ai, tremeu a terra,  
Vem podias conhecer  
Que por teu respeito era.

Semeci na minha horta  
Bacalhau frito às postas;  
Nasceu-me um velho careca,  
Com uma marrancha nas costas.

Tanto chorei esta noite  
Que amolentei o sobrado;  
Coração que tanto chora  
Deve andar bem magoado.

Ó que pinheiro tão alto,  
Lindo pau p'ra colheres;  
Água choca p'rós homens,  
Vinho fino p'rás mulheres.

Ó que pinheiro tão alto,  
Com um fio d'ouro na ponta;  
Esses teus olhos, menina,  
Já andam por minha conta.

Vi as pernas à Carminda,  
Ao passar no corredor;  
Nunca vi pernas tão lindas,  
À filha dum lavrador.

Ceifeira de olhos azuis,  
E de saiote encarnado  
Fica a saber que tenho pena  
De não ser teu namorado,

De não seres meu namorado,  
Valha-te Deus, ó João;  
Arranja outra cachopa,  
Que já dei meu coração.

Já deste o teu coração,  
Valha-te Deus, que doidice,  
Sinto uma coisa cá dentro,  
Gosto de ti, já to disse.

Se tu gostas de mim,  
Toma lá a minha mão;  
Vamos os dois à capela  
Fazer a nossa união.

Venho das bandas de lá,  
Trago aqui o meu tesouro;  
Na cabeça um panamá,  
Na boquita um dente d'ouro.

Na bagagem um periquito,  
Para a mana se distrair;  
Um grafonolo catito  
P'rás moças atrair.

Eu passei à tua porta,  
Pus a mão na fechadura;  
Não ma quiseste abrir,  
Coração de pedra dura.

Dizeis qu' é impossível  
Silva verde dar um cravo,  
Eu trago-o aqui ao peito  
Na mesma silva pegado.

Silva verde, não me prendas,  
Olha que me não seguras;  
Já tenho quebrado  
Outras prisões mais duras.

Chamaste ao meu cabelo,  
Dobadura de dobar,  
Eu também chamo ao teu  
Sarilho de ensarilhar.

Chamaste ao meu cabelo  
Ninho de avesouros,  
Eu também chamo ao teu  
A cabeça dos piolhos.

Trazes o cabelo atado,  
Ouro por cima da trança;  
Do ouro fazer rodilha,  
Do amor fazer vingança.

Quem diz que amar custa  
É certo que nunca amou;  
Eu amei e fui amado  
Nunca amar me custou.

Quem fala de mim, quem fala,  
Quem fala de mim, quem é;  
É uma vassoura velha,  
De varrer a chaminé.

Olhos pretos, olhos brancos,  
Olhos castanhos, olhos verdes;  
Estas quatro qualidades,  
Em poucas caras os vedes.

Tenho dois olhos na cara  
Que parecem dois ladrões;  
Eram bons p'ra pôr na estrada,  
P'ra roubar corações.

Olhos pretos, roubadores,  
Por que não vos confessais;  
Os delitos que fazeis,  
Os corações que roubais.

Quem fala de mim, quem fala,  
Tesoura de bom cortar;  
A minha saia stá nova,  
Não há que arredondar.

## COVIDE

Do alto da Pedra-Bela  
Avistei a Chã de Lamas,  
Dizendo — Viva Covide,  
Terra de lindas damas.

Laurindinha moleira,  
Dá-me da tua farinha,  
Que a quero peneirar  
Por uma nova peneirinha.

Quem me dera que viesse  
O tempo que há-de vir;  
O tempo das esfolhadas,  
P'ra m'eu advertir.

O meu amor é um cravo,  
Eu bem no soube escolher  
O craveiro não tem outro,  
Só se lhe agora nascer.

Dizem que não há rosas,  
Que já morreram as roseiras;  
As rosas da nossa terra,  
São todas as moças solteiras.

Dizem que não há cravos  
Que morreram os craveiros;  
Os cravos da nossa terra  
São todos os moços solteiros.

Não me mandeis às segadas,  
Qu'eu não sei talhar o eito;  
Mandai-me colher amores,  
P'ra isso tenho eu jeito.

Cegadinhas, cegadinhas,  
Cegadinhas já lá vão;  
Agora vêm as esfolhadas  
Que muito mais lindas são.

## CARVALHEIRA

Todos os rapazes se casam  
Só tu, meu Pedro, ficaste;  
Meu ramalhete d'ouriços,  
Para quando te guardaste?

A senhora cozinheira  
Tem uma fita amarela;  
Tenha conta na gatinha,  
Que não destampe a panela.

Cegadinhas do centeio,  
Cegadinhas já lá vão;  
Nas arrancadas do linho  
Também se ganha afeição.

Ó vida da minha vida,  
Adeus, adeus regalar;  
Tenho o meu amor bem longe,  
Não nos podemos encontrar.

Ó vida da minha vida,  
Eu que melhor vida espero?  
Levo meu gado p'rá serra  
E trago-o quando eu quero.

Ó meu bom Jesus das Mós,  
O teu lar é Carvalheira;  
Tendes aqui junto de Vós  
Vossa Mãe à nossa beira.

Devotos do Padre Capela  
Ponde fim ao vosso pranto;  
Se o não temos na terra,  
Temos no céu mais um santo.

*Quadras populares de Carvalheira, dedicadas às velhas, novas e aos rapazes.*

- 1 Ó velha, ó boa velha,  
Qu'estás sentada a fazer?  
— Meninos, meus meninos,  
Stou a roupa a coser.
- 2 A velha de Carvalheira,  
Diz ela p'ró seu netinho:  
— Eu p'ra fiar à lareira  
Tenho de semear o linho.
- 3 Diz a mãe p'ra sua filha,  
E fala com toda a graça,  
Durante o mês d'Abril  
Vou semear a linhaça.
- 4 E no dia da arrancada,  
Cá na nossa Carvalheira,  
Talhava-se a camisa larga,  
Mas com santa brincadeira.
- 5 E depois vinha a maçada,  
Depois do linho vir do rio;  
P'ra depois ser a espadada  
E eu fiar o belo fio.

- 6 Nós também em Paredes,  
Semeamos linho mourisco  
E nas fiadas do Inverno  
Havia pão, vinho e chouriço.

*Na malhada do centeio*

- 1 Viv'ó patrão da malhada,  
Que nos deu do melhor vinho;  
Depois do cabrito assado,  
Misturado com chouriço.
- 2 Viv'á patroa da casa  
Por ser boa cozinheira;  
Tinha o forno em brasa  
P'ra cozer a orelheira.
- 3 Viv'á rapaziada,  
Portou-se alegre e valente;  
Acabou-se a malhada,  
E tudo ficou contente.
- 4 E no monte de centeio  
Teve o ramo do costume;  
O rapaz não era feio,  
Tinha a cara côr de lume.
- 5 E a menina mais nova,  
Cá da nossa Carvalheira,  
Também levou o seu ramo  
De flor de laranjeira.
- 6 No final a jantarada  
Foi sempre com alegria;  
Houve sopa seca e molhada  
E travessas com aletria.
- 7 Vilarinho deu um tombo,  
Com certeza vai morrer;  
E o Campo fica mouco,  
Ninguém lhe pode valer.

*Roda da carapuça:*

Carapuça vai na mão.  
Cai aqui, acolá não;  
Carapuça vai na mão,  
Cai aqui e está no chão.

Canta primeiro a Teresa,  
Em seguida canta a Rosa;  
Em terceiro canta Júlia  
Por ser a mais vaidosa.

*Coro:*

Carapuça vai na mão,  
.....

Coitadinha de ti, moça,  
Como tens um amor feio;  
Fazes dele uma cancela  
Para tapar o centeio.

Carapuça vai na mão,  
.....

Quero crer na borboleta  
Por ter asas e voar;  
Dá notícias ao meu amor  
Que anda a militar.

A borboleta no ar  
Fala d'amor neste tom:  
Tu vais ter correspondência  
E vai ser do teu João.

Eu já escrevi três cartas,  
Inda só recebi uma;  
Diz que tem muitas marchas  
E que nelas se apruma.

Carvalheira, terra amada,  
De beleza natural;  
Outra assim igual a ti  
Não existe em Portugal.

## MOIMENTA

Ribeira do rio Homem,  
És rainha das ribeiras;  
És muito bela e formosa  
Com as tuas laranjeiras.

À tua margem direita  
Fica Cibões, Gondoriz;  
Quando vão caçar a truta,  
Pescam-na pelo nariz.

Na margem esquerda Vilar,  
Senhora do Livramento;  
Ó ribeira do rio Homem,  
Não me saís do pensamento.

Abaixo fica Pesqueiras  
Donde sai a pescaria;  
Ribeira do rio Homem,  
A todos dás alegria.

No estremo fica o Campo,  
Covide e Carvalheira;  
Dando dois passos em frente,  
Atravessa-se a fronteira.

Ó Ribeira, o teu rio  
Nasce junto do Gerês;  
Este vira é tão bonito,  
Vamos dançá-lo outra vez.

Ó minha caninha verde,  
Verde caninha da rua;  
Tu és minha e só minha,  
Ninguém mais te dirá sua.

Ó minha caninha verde,  
Verde cana de encantar;  
Aqui 'stou à tua beira,  
Quem stá bem deixa-se star.

Encostei-me à cana verde,  
Cuidando que não quebrava;  
Era ôca a verde cana,  
Coisa que não me lembrava.

Ó minha caninha verde,  
Verde caninha em botão,  
Aqui stou à tua beira,  
Prenda do meu coração.

Ó minha caninha verde,  
Tuas graças não têm fim;  
Linda cara, lindos olhos,  
Virem-se cá p'ra mim.

S. João adormeceu  
Debaixo da laranjeira;  
Caiu-lhe a flor por cima,  
S. João que tão bem cheira.

Do S. João ao S. Pedro,  
Quem quiser cantar bem pode;  
S. João a vinte e quatro,  
S. Pedro a vinte e nove.

## RIBEIRA

Manuel, tira essa roupa,  
Que t'a quero ir lavar;  
Eu até tenho vergonha  
De te ver assim andar.

Andais mortas por saber,  
Quem é o meu namorado;  
Ele é mouco, ele é coxo,  
Das costas acorcundado.

Minha mãe tem, tem,  
Ela que há-de ter?  
Uma saia nova,  
Linda p'ra fazer.

Linda p'ra fazer  
Uma saia nova,  
Só lhe falta a fita  
P'ra toda a roda.

P'ra toda a roda,  
Hei-de lha deitar;  
Só não tenho dinheiro,  
Hei-de o ir ganhar.

Hei-de o ir ganhar,  
Hei-de ir p'ró Gerês;  
Se não for agora,  
Será p'ra outra vez.

Abaixai-vos, carvalheiras  
Co'as pontas p'ró chão;  
Deixar passar os romeiros  
Que vão p'ró S. João.

Este nosso amo d'hoje,  
Tem carinha d'alegria;  
Se não ficar satisfeito,  
Voltaremos outro dia.

Nosso amo foi p'ra casa,  
Deus o veja cá voltar,  
Com uma caneca de vinho,  
Que nos há-de regalar.

A laranja, quando nasce,  
Logo nasce redondinha;  
Também tu, quando nasceste,  
Logo foi para ser minha.

A laranja de madura  
Caiu a um poço de neve;  
Nunca vi solteiro triste,  
Nem casado andar alegre.

A laranja foi à fonte,  
O limão foi atrás dela;  
A laranja trouxe o cântaro  
O limão trouxe a panela.

O sete-estrela vai alto,  
Mais alto vai o luar;  
Mais alta vai a fortuna  
Que Deus tem p'ra nos dar.

As nuvens correm depressa,  
A lua vai devagar;  
Cedo começa a tristeza,  
Tarda a ventura a chegar.

Meus senhores, não se admirem  
D'eu cantar e ser solteira,  
Qu'eu canto com alegria  
De não achar quem me queira.

Meus senhores não se admirem  
D'eu cantar e ser casada;  
Qu'eu canto com alegria  
De me ver bem empregada.

Ando doente do peito,  
Tomo chá de violetas;  
Ao qu'eu prometer não falto,  
Pede a Deus que te prometa.

S. João quando era moço  
Também tinha seus contratos,  
Ia à fonte com três moças,  
À vinda trazia quatro.

S. João p'ra ver as moças  
Fez uma fonte no prado;  
As moças não foram lá,  
S. João ficou zangado.

*ela*

Fui criada, sou senhora,  
Senhora do meu nariz;  
Mil fortunas qu'eu tive  
Desprezei-as, não as quis;  
Agora caí na rede,  
Foi uma asneira qu'eu fiz.

*ele*

Parece qu'estás arrependida,  
Diz quais são os motivos;  
Temo-nos dado tão bem,  
Temos sido tão amigos;  
Talvez eu saiba a razão.  
Só se é por não 'starmos recebidos.

*ela*

É só receber dinheiro,  
Já mudei de opinião;  
Já me curei de ser tola,  
Já tomei nova lição;  
Melhor seria ficar solteira,  
Que ter-me metido c'um mandrião.

*ele*

Isso agora é demais,  
P'ra isso é qu'eu não 'stou;  
Leve o diabo o trabalho,  
E mais quem no inventou;  
Há um mês qu'estamos juntos,  
Comer ainda não faltou.

*ela*

Vinte e quatro mil réis  
Então não valiam nada;  
Tu 'stavas muito mais rico  
C'o a farda desbotada;  
... ..  
... ..

*ele*

Vinte e quatro mil réis  
Vale qualquer serviço;  
Saindo-me a sorte grande,  
Compro-te mais do que isso;  
E, se gostares mais de ser criada,  
Volta p'ró mesmo serviço.

*ela*

Agora mandas-me embora,  
Por me ver desprevenida;  
Pretendes arranjar outra,  
Bem ourada e bem vestida;  
Se for tola como eu fui,  
Arranjas a tua vida.

*ele*

Inda ontem à noite  
Vi uma que bem me pareceu;  
O cordão qu'ela trazia  
Pesava mais três do que o teu;  
Tenho cá certas ideias,  
Aquilo inda há-de ser meu.

*ela*

O que faltou eu que o diga,  
À bolsa me tem custado;  
Faltam-me meus objectos  
Que a servir tinha ganhado;  
Agora a mina secou,  
Procura por outro lado.

*ele*

Que objectos tinhas tu,  
Qu'eu não tos tenho comido;  
Dizes que tinhas muita roupa,  
Eu não ta tenho vendido;  
Uma inda 'stá no prego,  
Outra tem-la tu vendido.

*ela*

Tu é que foste o culpado,  
Inda queres dizer que não;  
O tipo mais comedor  
Quer ser o mais figurão;  
S'eu fui a que vendi tudo,  
Quem vendeu o meu cordão?

*ele*

O cordão vendi-o eu  
Com medo que t'apertasse o pescoço;  
O diabo do cordão até parecia  
Qu'era muito mais grosso;  
Quando o pesei é qu'eu vi  
Que o comia a um almoço.

*ela*

Tendo elas que comer  
Nada te parece feio;  
Tens a honra de ser tratante,  
És amador do alheio.

Ó Ribeira, ó Ribeira,  
Ó Ribeira, qu'és tamanha;  
Fui criada na Ribeira,  
Não m'afaço na montanha.

Não m'afaço na montanha,  
Entre a urze e a carqueja;  
Dei a mão ao meu amor  
Lá no arco da igreja.

Lá no arco da igreja,  
Foi com toda a liberdade;  
Tinha o juizo perdido,  
Quando te fiz a vontade.

Quando te fiz a vontade,  
Era-me melhor morrer;  
Nascemos um para o outro,  
Que lh'avemos de fazer?

## SOUTO

Este nosso amor d'hoje  
Tem carinha d'alegria;  
Se não ficar satisfeito,  
Tornaremos outro dia.

Este nosso amor d'hoje  
Tem fama de boa gente;  
Dá-nos de comer que farte  
E beber de boa mente.

Se fores ao S. João,  
Não te esqueças lá de mim;  
Traz-me de lá um raminho,  
Vai buscá-lo ao jardim.

Tu dizes que não me queres,  
Também te não quero eu;  
Olha a diferença que vai  
Do teu nome p'ró meu.

Tu dizes que não me queres,  
Por eu andar a pedir;  
Hei-de ir a todas as portas,  
Só à tua não hei-de ir.

Ó luar da meia-noite,  
Agora não és meu amigo;  
Bati à porta do meu amor,  
Não pude entrar contigo.

O meu amor é direitinho,  
Com'a a vara do guião (\*)  
Tem os olhos pisqueirinhos,  
Não sei se me enganarão.

Ó alta serra da neve,  
Onde o penedo caiu;  
Ninguém diga o que não sabe;  
Nem afirme o que não viu.

---

(\*) A bandeira mais alta que yai na procissão.

## VALDOZENDE

Dei um ai, tu não ouviste  
No meio da tua sala;  
S'estás a dormir, acorda,  
S'estás acordada, fala.

Das filhas que meu pai teve  
E que a minha mãe criou,  
Eu fui a mais desgraçada,  
Que Deus ao mundo deitou.

Quando eu nasci no mundo  
Nasceram quatro num dia;  
Nasci eu, nasceu a desgraça,  
E nasceu a melancolia.

Eu gosto de ver dançar  
Moças de saia rasteira;  
Dão ao pé na terra firme  
Nunca levantam poeira.

Manjaricão da janela,  
Já podias ir secando;  
Quem te regou já morreu,  
Eu já me vou enfadando.

O cuco penica a cuca,  
Tira-lhe as penas da crista,  
O cuco vai degredado,  
A cuca foi p'rá justiça.

Fui a Barroso ao gado,  
Voltei por S. Martinho;  
Não achei vendeiro nehum  
Que não deitasse água no vinho.

Os teus olhos são dois punhais  
Que ferem meu coração;  
Teus braços são duas correntes  
Que me trazem numa prisão.

Tenho à minha janela  
O que tu não tens à tua;  
Cravos brancos salpicados  
Viradinhos p'rá rua.

Eu atrás das pulgas,  
Elas aos saltinhos;  
Não te posso amar  
Sem te dar beijinhos.

Lua cheia enfarinhada,  
Lua cheia redondinha;  
Faz lembrar a mó alveira  
Toda cheia de farinha.

Foi coisa qu'eu nunca vi  
Passarinhos a nascer;  
Quem não sabe amar  
Faz como vê saber.

Menina, se quer saber  
Como agora se namora;  
Meta o lencinho no bolso,  
Deixe a pontinha de fora.

O querer bem não é pecado  
Que se diga ao confessor;  
Cada qual é obrigado  
A querer bem ao seu amor.

Fui-me confessar e disse  
Que não tinha amor nenhum;  
Deu-me por penitência  
Que tivesse ao menos um.

Eu passei à tua porta,  
Espreitei pelo ferrolho;  
Deu comigo a tua mãe  
Espetou-me um pau num olho.

A palha que o vento leva,  
Deixa-a que bem lhe vai;  
É como a moça donzela  
Quando sai da casa do pai.

Donde vens, Maria?  
— Eu venho da montanha,  
De ver o meu linho  
Se já tem baganha.

Se já tem baganha,  
Se já tem botão;  
Anda cá, Maria,  
Ao meu coração.

Donde vens, Maria?  
— Venho de Aboim;  
Comprei uma saia nova,  
Mas não é p'ra mim.

Mas não é p'ra mim,  
Ela não é, não;  
Anda cá, Maria,  
Ao meu coração.

Oliveira de Coimbra,  
Deita p'ra cá um cano;  
O meu amor é teimoso,  
A teimar leva-lh'um ano.

O meu amorzinho  
Anda arreliado;  
Julga qu'eu tenho  
Outro namorado.

Menina, qu'estás deitada,  
Viradinha p'rá parede,  
Vira-te cá p'ra mim,  
Raminho de salsa verde.

Eu fui ao mar às laranjas.  
É fruta que lá não havia;  
Mas vim de lá admirada  
Das ondas qu'o mar fazia.

Vou dizer adeus ao mundo,  
Vou dizer adeus à terra;  
Rapariga, pensa bem,  
Teu amor foi p'rá guerra.

Teu amor foi p'rá guerra,  
Teu amor foi p'rá França;  
Com sentido no dinheiro  
Já te não traz na lembrança.

Já te não traz na lembrança,  
Já te não traz no sentido;  
Rapariga, olha bem  
Que já não casa contigo.

Todo o tempo que t'amei  
Melhor eu amasse um burro;  
Sequer andava a cavalo,  
Sempre não perdia tudo.

### VILAR DE CHAMOIM

Coração por coração  
Amor não troques o meu;  
O meu coração  
Sempre foi leal ao teu.

Quem tiver dois corações  
Dá-me um que bem no emprega;  
Eu só tinha um coração  
E dei-o a quem agora mo nega.

No tempo que te amei,  
Melhor estivesse doente;  
Tempinho tão mal empregue,  
Dado de tão boa mente.

Tenho à minha janela,  
O que tu não tens à tua;  
Um ramo de violetas  
Que perfuma toda a rua.

As mulheres, quando se juntam,  
A falar da vida alheia;  
Começam na lua nova,  
Acabam na lua cheia.

Chamaste ao meu cabelo  
Gaiola dos passarinhos;  
Eu chamo à tua boca  
Gaiola dos teus beijinhos.

Salgueiro pega d'estaca,  
Amieiro pega de raiz;  
Tu dizes que me não queres,  
Fui eu que te não quis.

Já te quis, já te não quero,  
Já te perdi a afeição;  
Já te arrumei a um canto,  
Longe do meu coração.

Adeusinho, vou-me embora,  
De ti não tenho queixa;  
Eu só quero saber  
Por que o meu amor me deixa.

Com a mão peguei na pena  
P'ra esta carta escrever;  
Caiu-me a pena da mão,  
Com pena de te não ver.

Com isto vou terminar,  
A tinta não chega a mais;  
O papel que vai em branco  
Leva suspiros e ais.

Estou tão longe, que nem sei  
Onde fica a minha terra;  
S'ó meu coração duvida,  
Minha palavra não erra.

Se nesta hora te visse,  
Seria uma moça feliz;  
Mas estamos tão longe,  
Foi Deus qu'assim o quis.

Mas enfim, eu vou sofrendo,  
Que nada posso fazer;  
Se deixei a minha terra,  
Vim cumprir o meu dever.

Meus senhores, não se admirem,  
Porque sou uma mulher casada;  
Eu vivo muito feliz,  
Por estar bem empregada.

Ó moças de Vilar,  
Alegrai a vossa terra;  
Que não digam os de fora  
Que não mora ninguém nela.

O lugar de Vilarinho  
É pequenino mas jeitoso;  
Só se falta um castelo  
P'ra ser com'ô de Lindoso.

No campo já não há moças,  
Que as queimou a geada;  
Só ficaram as mais feias  
Debaixo duma ramada.

Adeus, lugar de Vilar,  
Minha saudade imensa;  
Tenho lá o meu amor  
Em quem o meu coração pensa.

## CIBÕES

S. Bento da porta Aberta,  
Porque a não tens fechada?  
— Quero ver os passageiros  
Que passam pela estrada.

Se o loureiro não tivesse  
A ramaria tão fechada  
Da minha janela via  
Os olhos à minha amada.

Ó loureiro ó loureiro,  
Ó loureiro ramalhudo,  
Todos fazem o que podem,  
O loureiro paga tudo.

**Cantigas que correm soltas (sem identificação com qualquer lugar)**

Estas meninas d'agora,  
São bonitas, trajam bem;  
Por cima tudo são folhos,  
Por baixo, nem saias tem.

Não digas sensaborias,  
Isso p'ra ti 'stá na tinta;  
O que tens visto é Marias  
Com vinte saias na cinta.

Quem me dera ser a hera  
Pela parede a subir;  
Para chegar à janela  
Do teu quarto de dormir.

Mas tu não tens coração,  
E o mais qu'eu arranjava  
Era levar um empurrão  
Que por fim até voava.

Ó cana verde das canas,  
Quem te mandou aqui vir;  
S'eu agora te matasse,  
Quem te havia de acudir?

Era um crime complicado  
Esse tem de me dar fim;  
Se me matasses, malvado,  
Não matavas só a mim ...

O teu olhar desleal  
Corações queima por gosto  
Vou chamá-lo ao tribunal  
Por crime de fogo posto.

Sobre o meu crime direi;  
— Cuidado, senhores jurados,  
Pois todos quantos queimei  
Gostaram de ser queimados.

Ó mar alto, ó mar alto,  
Ó mar alto sem ter fundo;  
Mais vale andar no mar alto  
Que andar nas bocas do mundo.

Neste lugar solitário,  
Onde a desgraça me tem  
Falo e ninguém me responde,  
Olho, não vejo ninguém.

Não é assim de meter dó  
Um caso tão desgraçado;  
É que mais vale estar só,  
Do que mal acompanhado.

É pequenina distância  
Desta à tua janelinha;  
Faz aumentar a minha ânsia  
De à tua mãe chamar minha.

Habituei os meus olhos  
A namorarem os teus,  
Que de tanto confundi-los  
Já nem sei quais são os meus.

Trazes teus olhos nos meus  
Oh! que louca confusão!  
Trago meus olhos nos teus,  
Transtornados de paixão.

Os meus olhos de chorar,  
Fizeram covas no chão;  
Coisa que os teus não fizeram  
Nem fariam nem farão.

Já tens covas p'ra enterrar  
Essa dor de meter medo;  
Por Deus cessa de chorar,  
Deixa a calçada em sossego.

Toda a vida fui pastor,  
Toda a vida guardei gado;  
Tenho uma chaga no peito  
De m'encostar ao cajado.

Oh! meu rebanho adorado,  
A chaga do teu pastor  
É de encostar-se ao cajado  
A guardar-te com amor.

Que bom a gente dançar  
Um rico bailariquinho;  
Anda um pé pelo ar  
Outro a bater no caminho.

Rezo baixinho a chorar  
Um rosário de amarguras,  
Por não te poder beijar  
Teus olhos, contas escuras.

Teus olhos, contas escuras,  
São duas ave-marias  
Do rosário de amarguras  
Qu'eu rezo todos os dias.

Lavadeira tem mais brio,  
Já vais na quarta paixão;  
Olha que não lavas no rio  
As nódoas do coração.

As nódoas da roupa suja  
Saem todas com sabão;  
Mas nada há que tire  
As nódoas do coração.





## I PARTE

O trovador de Vasconcelos ... .. .	9
João Pires de Vasconcelos não aceita desafio para um duelo e vai combater sob a bandeira do rei de Castela ... .. .	16
O testamento de D. Sancho I, origem de conflitos entre os nobres	18
Um trovador <i>de Besteiros</i> atinge em cheio João Pires de Vasconcelos	19
A nobreza dividida, parte fiel a D. Sancho II, outra segue o irmão Afonso Bolonhês ... .. .	22
D. Sancho II deposto do trono ... .. .	23
Partidários de D. Sancho II não voltam à pátria ... .. .	25
Besteiros por Briteiros ... .. .	33
O trovador D'Ornelas ... .. .	34
Sob o signo de Santa Maria ... .. .	36

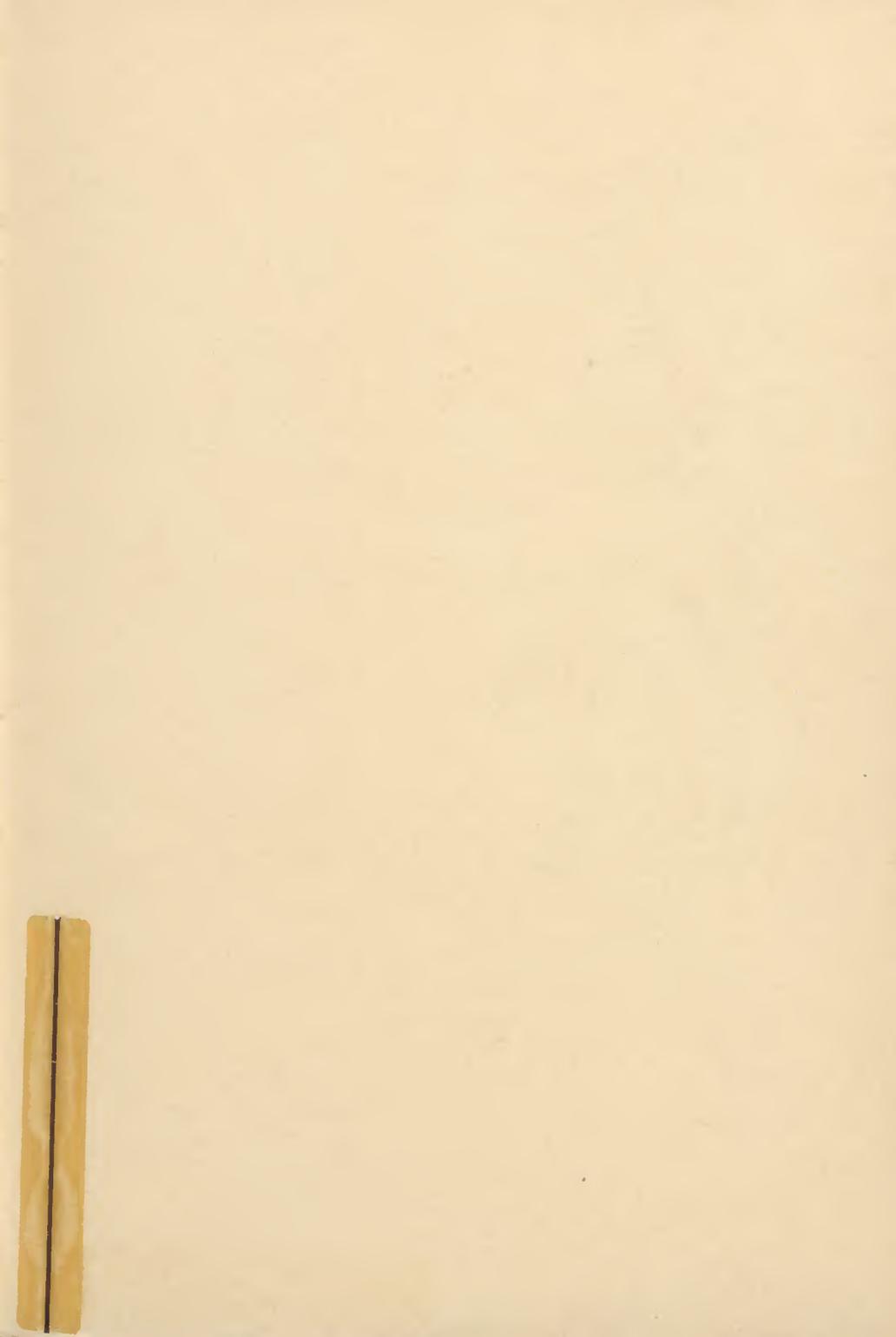
## II PARTE

Para o Romanceiro de Entre Homem e Cávado — Amares-Feira Nova — ... .. .	46
Bico ... .. .	50
Lago... .. .	70
Barreiros ... .. .	91
Rendufe ... .. .	111
Caldelas ... .. .	131
Carrazedo ... .. .	142

Torre	159
Portela	163
Proselo	165
Calres	173
Besteiros	180
Bouro (S.ta Maria)	181
Dornelas	183
Figueiredo	189
Goães	190
Paranhos	196
Paredes Secas	198
Seramil	198
Sequeiros	201
Fiscal	205
Bouro (S.ta Marta)	254
Balança	262
Campo	267
Chamoim	270
Chorense	273
Covíde	277
Carvalheira	278
Moimenta	282
Ribeira	283
Souto	289
Valdozende	290
Vilar de Chamoim	293
Cibões	295
Não identificados com lugar	296

Acabou de se imprimir nas  
Oficinas Gráficas da Editorial Franciscana — Braga  
a 8 de Julho de 1981  
2.000 exemplares







И. П. О. С. 1889